


O REGRESSO DO FILHO PRÓDIGO



HENRI NOUWEN

Editado por 

O REGRESSO DO FILHO PRÓDIGO

HENRI NOUWEN

Tradução por IA (ChatGPT) do
texto em espanhol

Imagens
ireservir.com



História de dois filhos e seu pai

Um homem tinha dois filhos. O mais novo disse ao pai: «Pai, dá-me a parte da herança que me cabe». E o pai repartiu os seus bens entre eles. Poucos dias depois, o filho mais novo reuniu tudo o que tinha e partiu para um país distante, onde desperdiçou os seus bens numa vida desregrada.

Quando já tinha gasto tudo, houve uma grande fome naquela região e ele começou a passar privações. Foi então pôr-se ao serviço de um dos habitantes daquele país, que o mandou para os seus campos guardar porcos. Desejava matar a fome com as alfarrobas que os porcos comiam, mas ninguém lhas dava. Então refletiu e disse: «Quantos trabalhadores do meu pai têm pão em abundância, e eu aqui estou a morrer de fome! Vou partir, vou ter com o meu pai e dizer-lhe: Pai, pequei contra o Céu e contra ti; já não mereço ser chamado teu filho, trata-me como um dos teus trabalhadores».

Pôs-se a caminho e foi ter com o pai. Ainda estava longe quando o pai o avistou e, cheio de compaixão, correu-lhe ao encontro, lançou-se-lhe ao pescoço e cobriu-o de beijos. O filho disse-lhe: «Pai, pequei contra o Céu e contra ti; já não mereço ser chamado teu filho». Mas o pai disse aos servos: «Tragam depressa a melhor túnica e vistam-lha; ponham-lhe um anel no dedo e sandálias nos pés. Tragam o vitelo gordo, matem-no, comamos e façamos festa, porque este meu filho estava morto e voltou à vida, estava perdido e foi encontrado». E começou a festa.

O filho mais velho estava no campo. Ao regressar e ao aproximar-se de casa, ouviu a música e as danças. Chamou um dos servos e perguntou o que era aquilo. Ele respondeu: «O teu irmão voltou, e o teu pai mandou matar o vitelo gordo, porque o recuperou são e salvo». Ele ficou indignado e não queria entrar. O pai saiu a insistir com ele, mas ele respondeu: «Há tantos anos que te sirvo sem nunca desobedecer a uma ordem tua, e nunca me deste um cabrito para fazer uma festa com os meus amigos. Mas quando chegou esse teu filho, que consumiu os teus bens com mulheres, para ele mandaste matar o vitelo gordo!».

O pai respondeu-lhe: «Filho, tu estás sempre comigo, e tudo o que é meu é teu. Mas era preciso fazer festa e alegrar-nos, porque este teu irmão estava morto e voltou à vida, estava perdido e foi encontrado» (*Lc* 15, 11-32).



O Regresso do Filho Pródigo, de Rembrandt, está no Museu Hermitage, em São Petersburgo, Rússia.

PRÓLOGO

Encontro com um quadro

O cartaz

Um encontro aparentemente insignificante com um cartaz que mostrava um detalhe de *O Regresso do Filho Pródigo*, de Rembrandt, deu início a uma longa aventura espiritual que me levaria a compreender melhor a minha vocação e a encontrar nova força para a viver. Os protagonistas desta aventura são um quadro do século XVII e o seu autor, uma parábola do século I e o seu autor, e um homem do século XX em busca do significado da vida.

A história começa no final de 1983, na aldeia de Trosly, em França, onde passei alguns meses em “A Arca”, uma comunidade que acolhe pessoas com doenças mentais. Fundada em 1964 por um canadiano, Jean Vanier, a comunidade de Trosly foi a primeira das mais de noventa comunidades da Arca espalhadas pelo mundo.

Um dia fui visitar a minha amiga Simone Landrien ao pequeno centro de documentação da comunidade. Enquanto conversávamos, os meus olhos fixaram-se num grande cartaz pendurado na porta. Vi um homem com um enorme manto vermelho, que tocava ternamente os ombros de um rapaz desalinhado ajoelhado diante dele. Não conseguia desviar o olhar. Senti-me atraído pela intimidade entre as duas figuras, pelo vermelho quente do manto do homem, pelo dourado amarelado da túnica do rapaz e pela luz misteriosa que envolvia ambos. Mas foram sobretudo as mãos — as mãos do ancião, a forma como pousavam nos ombros do rapaz — que me transportaram para um lugar onde nunca tinha estado antes.

Percebendo que já não prestava atenção à conversa, disse a Simone: «Fala-me desse cartaz.» Ela respondeu: «Ah, é uma reprodução de *O Regresso do Filho Pródigo*, de Rembrandt. Gostas?» Continuei a olhar fixamente para o cartaz e, quase a gaguejar, disse: «É muito bonito, mais do que bonito... Dá-me vontade de rir e de chorar ao mesmo tempo... Não

consigo explicar o que sinto quando o vejo, mas emociona-me profundamente.» Simone acrescentou: «Deverias arranjar uma cópia. Podes comprá-la em Paris.» «Sim», respondi, «tenho mesmo de conseguir uma cópia.»

A primeira vez que vi *O Regresso do Filho Pródigo*, tinha acabado de regressar de uma viagem extenuante de seis semanas pelos Estados Unidos, onde dera conferências apelando às comunidades cristãs para que fizessem tudo o possível por prevenir a violência e a guerra na América Central. Estava realmente cansado, a ponto de quase não conseguir andar. Sentia-me preocupado, só, inquieto e muito necessitado. Durante toda a viagem tinha-me sentido como um guerreiro forte e valente, lutando incansavelmente pela justiça e pela paz, capaz de enfrentar sem medo o mundo sombrio. Mas agora sentia-me vulnerável como uma criança pequena que quer rastejar para o colo da mãe e chorar. Assim que as multidões que me aplaudiam ou criticavam se afastaram, experimentei uma solidão devastadora e quase poderia ter cedido às vozes sedutoras que me prometiam descanso físico e emocional.

Esse era o meu estado quando, pela primeira vez, me deparei com *O Regresso do Filho Pródigo* de Rembrandt, pendurado na porta do gabinete da Simone. O meu coração deu um salto ao vê-lo. Depois da longa viagem, aquele terno abraço de pai e filho exprimia tudo o que eu desejava naquele momento. De facto, eu era o filho esgotado pelas longas deslocações; queria ser abraçado; procurava um lar onde me sentisse em segurança. Eu não era senão o filho que regressava a casa, e não queria ser outra coisa. Durante muito tempo tinha andado de um lado para o outro: enfrentando, suplicando, aconselhando e consolando. Agora só queria descansar num lugar que pudesse sentir como meu, um lugar onde pudesse sentir-me em casa.

Muitas coisas aconteceram nos meses e anos seguintes. O enorme cansaço desapareceu e retomei as aulas e as viagens, mas o abraço de Rembrandt permaneceu gravado no meu coração mais profundamente do que qualquer outra expressão de apoio emocional. Colocara-me em contacto com algo dentro de mim que está para além dos altos e baixos de uma vida agitada, algo que representa o desejo progressivo do espírito

humano: o anseio pelo regresso final, por um sentimento sólido de segurança, por um lar duradouro. Enquanto continuava envolvido com muitas pessoas, em inúmeros assuntos e presente em vários lugares, *O Regresso do Filho Pródigo* permanecia comigo, dando um significado maior à minha vida espiritual. O desejo de um lar duradouro, que tomara consciência graças ao quadro de Rembrandt, crescia mais forte e mais profundo, transformando o pintor num fiel companheiro e guia.

Dois anos depois de ter visto o cartaz de Rembrandt, demiti-me do cargo de professor na Universidade de Harvard e regressei à Arca em Trosly, onde passei um ano inteiro. O propósito desta mudança era discernir se estava chamado a viver uma vida dedicada a pessoas com doenças mentais numa das comunidades da Arca. Durante esse ano de transição, senti-me especialmente próximo de Rembrandt e do seu Filho Pródigo. Afinal, procurava um novo lar. Parecia que o meu companheiro holandês me tinha sido dado como guia especial. Antes de terminar o ano, já tinha decidido fazer da Arca a minha nova casa e juntar-me à comunidade Daybreak, da Arca, em Toronto.

O quadro

Pouco antes de deixar Trosly, recebi um convite dos meus amigos Bobby Massie e da sua esposa, Dana Robert, para os acompanhar à União Soviética. A minha reação imediata foi: «Agora poderei ver o quadro original.» Já sabia que o original tinha sido adquirido em 1766 por Catarina, a Grande, para o Hermitage, em São Petersburgo (então chamado Leningrado, após a revolução, e mais tarde de novo São Petersburgo), e que ainda lá permanecia. Nunca pensei que teria a oportunidade de o ver tão cedo. Embora estivesse ansioso por conhecer um país que influenciara tão fortemente os meus pensamentos e sentimentos, tudo isso se tornava secundário face à possibilidade de me sentar diante do quadro que revelara os anseios mais profundos do meu coração.

Desde o momento da partida soube que a minha decisão de me juntar à Arca e a viagem à União Soviética estavam intimamente ligadas. O vínculo — tinha a certeza — era *O Regresso do Filho Pródigo*, de Rembrandt.

Sentia que ver o quadro me permitiria entrar no mistério do regresso a casa de uma forma até então desconhecida para mim.

O regresso de uma viagem extenuante a um lugar seguro tinha significado para mim um voltar a casa; deixar o mundo dos professores e estudantes para viver numa comunidade dedicada a cuidar de homens e mulheres com doenças mentais fez-me sentir de novo em casa; conhecer pessoas de um país que se tinha separado do resto do mundo por muros e fronteiras fortemente vigiadas foi também, de certa forma, um regressar a casa. No entanto, mais do que tudo isso, voltar a casa significava para mim caminhar, passo a passo, em direção ao Único que me espera de braços abertos e deseja acolher-me num abraço eterno. Eu sabia que Rembrandt tinha compreendido profundamente este regresso espiritual. Sabia que, quando Rembrandt pintou o seu *Regresso do Filho Pródigo*, tinha vivido de tal forma que já não tinha qualquer dúvida sobre o seu verdadeiro e último lar. Senti que, se tivesse conhecido Rembrandt no momento em que pintava aquele pai com o filho — Deus e humanidade, compaixão e miséria, num círculo de amor — teria conhecido tudo o que havia a saber sobre a vida e a morte. Também tive a esperança de que, através da obra-prima de Rembrandt, um dia pudesse eu próprio exprimir tudo o que queria dizer sobre o amor.

Estar em São Petersburgo é uma coisa. Ter a oportunidade de refletir calmamente sobre *O Regresso do Filho Pródigo* no Hermitage é outra. Quando vi a enorme fila de pessoas a aguardar para entrar no museu, perguntei-me de que forma e durante quanto tempo conseguiria ver aquilo que mais desejava.

A minha inquietação, no entanto, desapareceu. A nossa viagem oficial terminava em São Petersburgo e a maior parte do grupo regressou a casa. Mas a mãe de Bobby, Suzanne Massie, que então se encontrava na União Soviética, convidou-nos a passar alguns dias com ela. Suzanne era especialista em cultura e arte russas, e o seu livro *The Land of the Firebird* tinha-me sido muito útil na preparação da viagem. Perguntei-lhe: «Como poderei aproximar-me do Filho Pródigo?» Ela respondeu: «Agora, Henri, não te preocupes. Terás todo o tempo que quiseres e precisares.»

No nosso segundo dia em São Petersburgo, Suzanne deu-me um número de telefone e disse: «Este é o número do gabinete de Alexei Briantsev. É um grande amigo meu, liga-lhe e ele ajudar-te-á a chegar ao teu Filho Pródigo.» Marquei o número de imediato e surpreendeu-me ouvir Alexei, com o seu amável sotaque inglês, prometer encontrar-se comigo junto a uma das portas laterais, longe da entrada reservada aos turistas.

No sábado, 26 de julho de 1986, às duas e meia da tarde, fui ao Hermitage, caminhei ao longo do rio Neva e cheguei à porta indicada por Alexei. Entrei e alguém, sentado atrás de uma grande secretária, deixou-me usar o telefone do edifício para o chamar. Poucos minutos depois, Alexei apareceu e recebeu-me calorosamente. Conduziu-me por uma sucessão de esplêndidos corredores e elegantes escadarias até chegarmos a um espaço inacessível aos turistas. Era uma sala comprida, de tetos altos, que parecia o ateliê de um artista mais velho. Havia quadros por todo o lado. Ao centro, mesas enormes e cadeiras cobertas de papéis e de todo o tipo de objetos. Logo percebi que Alexei era o diretor do departamento de restauro do Hermitage. Com grande amabilidade, e interessado no meu desejo de contemplar o quadro de Rembrandt com calma, ofereceu-me toda a ajuda que quisesse. Levou-me diretamente ao *Filho Pródigo*, ordenou ao vigilante que não me incomodasse e deixou-me ali.

E lá estava eu, diante do quadro que habitara a minha mente e o meu coração durante quase três anos. Maravilhava-me a sua majestosa beleza. O tamanho, maior do que o natural; os abundantes vermelhos, castanhos e amarelos; os espaços sombreados e os primeiros planos iluminados, mas, acima de tudo, o abraço entre pai e filho, envolto em luz e rodeado por quatro misteriosas figuras. Tudo aquilo me atingiu com uma intensidade muito maior do que alguma vez poderia imaginar. Houve momentos em que temi que o original me pudesse desiludir. Mas aconteceu exatamente o contrário. A sua grandeza e esplendor faziam com que todas as outras coisas se tornassem secundárias. Deixou-me completamente cativado. Estar ali era, verdadeiramente, voltar a casa.

Enquanto muitos grupos de turistas passavam rapidamente com os seus guias, eu permanecia sentado numa das cadeiras forradas de veludo vermelho que estavam diante dos quadros. Apenas olhava. Agora estava a

ver o original! Não via apenas o pai a abraçar o filho recém-chegado a casa, mas também o irmão mais velho e as outras três figuras. Era um óleo sobre tela, com dois metros e meio de altura por quase dois de largura. Demorei algum tempo a perceber que estava realmente ali, a assimilar que estava, de facto, na presença daquilo que durante tanto tempo desejara ver, saboreando o facto de estar sozinho, sentado no Hermitage de São Petersburgo, a contemplar *O Regresso do Filho Pródigo* o tempo que quisesse.

O quadro estava exposto da forma mais adequada, numa parede que recebia luz natural direta através de uma grande janela próxima, situada num ângulo de oitenta graus. Sentado ali, reparei que, à medida que a tarde avançava, a luz se tornava mais intensa. Às quatro da tarde, o sol envolveu o quadro com uma nova intensidade, e as figuras do fundo — que nas primeiras horas pareciam algo difusas — começaram a destacar-se dos seus recantos sombrios. Com o passar da tarde, a luz solar tornou-se mais direta e impressionante. O abraço do pai e do filho tornava-se mais forte, mais profundo, e as figuras que observavam participavam de modo mais direto naquele misterioso acontecimento de reconciliação, perdão e cura interior. Pouco a pouco, apercebi-me de que havia tantos quadros do Filho Pródigo quantas as mudanças de luz, e fiquei longamente fascinado por aquela dança graciosa entre natureza e arte.

Alexei regressou. Sem que eu desse conta, tinham passado mais de duas horas desde que me deixara a sós com o quadro. Com um sorriso compassivo e um gesto de apoio, sugeriu que eu precisava de uma pausa e convidou-me para um café. Conduziu-me pelos majestosos salões do museu — que fora em grande parte residência de inverno dos czares — até à zona de trabalho onde já tínhamos estado antes. Alexei e um colega tinham preparado uma enorme bandeja com pão, queijos e doces, encorajando-me a provar de tudo. Tomar o café da tarde com os restauradores do Hermitage nunca tinha feito parte dos meus planos quando sonhava em passar um momento a sós com *O Regresso do Filho Pródigo*. Tanto Alexei como o colega partilharam comigo tudo o que sabiam sobre o quadro de Rembrandt e ficaram intrigados com o meu interesse. Pareciam surpreendidos e um pouco perplexos com as minhas reflexões espirituais. Escutaram-me atentamente, pedindo-me que lhes contasse mais.

Depois do café, voltei ao quadro durante mais uma hora, até que o vigilante e a senhora da limpeza me fizeram perceber — de forma bastante clara — que o museu ia encerrar e que eu já lá tinha estado bastante tempo.

Quatro dias mais tarde, regressei ao museu. Nessa sessão aconteceu algo divertido que não posso deixar de contar. Devido ao ângulo pelo qual a luz da manhã incidia sobre o quadro, o verniz criava um reflexo confuso. Peguei então numa das cadeiras de veludo vermelho e coloquei-a noutro ponto, onde a luz tinha menor intensidade, o que me permitia ver melhor as figuras. Assim que o vigilante — um jovem de uniforme militar, com boné e ar severo — viu o que eu fazia, enfureceu-se com a minha ousadia de mover a cadeira. Aproximou-se e, após uma longa tirada em russo e uma série de gestos universais, ordenou-me que devolvesse a cadeira ao lugar. Em resposta, apontei primeiro para o sol e depois para a tela, tentando explicar o motivo da mudança. Mas os meus esforços não tiveram sucesso. Coloquei a cadeira no seu lugar e sentei-me no chão. O vigilante ficou ainda mais irritado. Depois de novos esforços para ganhar a sua simpatia, acabou por me indicar que me sentasse no radiador debaixo da janela, de onde poderia ver melhor. Porém, a primeira guia que passou com um grupo de turistas aproximou-se de mim e, em tom severo, mandou-me levantar e voltar a uma das cadeiras de veludo. Nesse momento, o vigilante interveio e, com muitas palavras e gestos, explicou-lhe que tinha sido ele próprio a permitir que eu me sentasse no radiador. A guia não pareceu convencida, mas acabou por regressar ao grupo, que observava o Rembrandt, admirando-se com o tamanho das figuras.

Minutos depois, Alexei apareceu para ver como eu estava. O vigilante correu para ele e começaram uma longa conversa. Era evidente que o vigilante tentava explicar o sucedido. A discussão demorava tanto que temi que acabasse em complicações. De repente, Alexei saiu. Senti-me culpado por ter causado tanto alvoroço e temi que se tivesse zangado comigo. No entanto, dez minutos depois, Alexei regressou carregado com uma enorme e confortável poltrona de veludo vermelho, com pernas pintadas de dourado. Só para mim! Com um grande sorriso, colocou-a diante do quadro e convidou-me a sentar-me. Alexei, o vigilante e eu sorrimos. Agora tinha a minha própria cadeira e ninguém poderia levantar objeções. De repente, tudo me pareceu cómico. Três cadeiras vazias que não se podiam tocar e, no

entanto, ofereciam-me um luxuoso cadeirão trazido de algum lugar daquele palácio de inverno, que eu podia mover à vontade. *Elegante burocracia!* Perguntei a mim mesmo se alguma das figuras do quadro, testemunhas de toda a cena, não estaria a sorrir. Nunca o saberei.

Passei mais de quatro horas diante do *Filho Pródigo*, tomando notas sobre o que diziam os guias e turistas, sobre o que via enquanto o sol iluminava intensamente o quadro, e sobre o que eu próprio experimentava no mais profundo do meu ser, à medida que me tornava parte da história que Jesus contou e Rembrandt pintou. Perguntei-me se aquele precioso tempo passado no Hermitage daria fruto algum dia, e de que forma. Ao afastar-me do quadro, aproximei-me do jovem vigilante e tentei expressar-lhe a minha gratidão por me ter suportado tanto tempo. Quando lhe olhei nos olhos, por baixo daquele boné russo vi um homem como eu: cheio de medo e com um profundo desejo de ser perdoado. Do seu rosto brotou um belo sorriso. Eu também sorri, e ambos nos sentimos salvos.

O acontecimento

Algumas semanas depois da minha visita ao Hermitage em São Petersburgo, fui a *El Arca de Daybreak*, em Toronto, para viver e trabalhar como guia da comunidade. Embora tivesse dedicado um ano inteiro a clarificar a minha vocação e a discernir se Deus me chamava para levar uma vida dedicada a pessoas com doenças mentais, continuava a sentir-me inquieto e a duvidar da minha capacidade de o fazer bem.

Nunca antes tinha prestado muita atenção às pessoas com doenças mentais. Pelo contrário. Tinha-me centrado cada vez mais nos estudantes universitários e nos seus problemas. Aprendera a dar conferências e a escrever livros, a explicar as coisas de forma sistemática, a colocar títulos e subtítulos, a discutir e a analisar.

Assim, tinha muito pouca ideia de como comunicar com homens e mulheres que quase não falavam e que, quando o faziam, não demonstravam qualquer interesse por argumentos lógicos ou opiniões bem fundamentadas. Sabia ainda menos sobre como anunciar o Evangelho de Jesus a pessoas que escutavam mais com o coração do que com a mente e

que eram muito mais sensíveis à forma como eu vivia do que às minhas palavras.

Ceguei a Daybreak em agosto de 1986 com a convicção de que tinha feito a escolha certa, mas com o coração cheio de inquietação pelo que me esperava. Apesar de tudo, estava convencido de que, depois de mais de vinte anos em salas de aula, tinha chegado o momento de confiar que Deus ama de forma especial os pobres em espírito e que, embora eu tivesse muito pouco para lhes oferecer, eles tinham muito para me oferecer a mim.

Uma das primeiras coisas que fiz ao chegar foi procurar o lugar adequado para colocar a minha reprodução de *O Regresso do Filho Pródigo*. O espaço que me tinham atribuído para trabalhar pareceu-me ideal. Podia ver aquele misterioso abraço de pai e filho, que se tinha tornado parte tão íntima do meu percurso espiritual, de qualquer lugar onde me sentasse para ler, escrever ou conversar com alguém.

Desde a minha visita ao Hermitage, tornei-me cada vez mais consciente das quatro figuras — duas mulheres e dois homens — que estavam de pé em redor do espaço luminoso onde o pai acolhia o filho. O modo como olhavam fazia-nos perguntar o que pensariam ou sentiriam ao ver aquela cena. Esses observadores ou espectadores davam margem a todo o tipo de interpretações. Quando refletia sobre o meu próprio trabalho, tornava-me cada vez mais consciente de quanto tempo tinha passado a desempenhar o papel de espectador. Durante anos instruí estudantes nos diferentes aspetos da vida espiritual, procurando ajudá-los a ver a importância de viver tudo isso. Mas teria eu ousado chegar ao fundo do essencial, ajoelhar-me e deixar-me abraçar por um Deus misericordioso?

O simples facto de ser capaz de dar uma opinião, de expressar um argumento, de defender uma posição e de clarificar uma visão tinha-me dado, e ainda me dá, uma sensação de controlo. E, em geral, sinto-me muito mais seguro experimentando essa sensação de controlo sobre uma situação indefinida do que correndo o risco de ser a situação a controlar-me.

Certamente tinha passado muitas horas em oração, muitos dias e meses em retiro e tivera inúmeras conversas com diretores espirituais, mas nunca tinha abandonado completamente o papel de espectador. Embora ao longo

da vida tivesse sentido o desejo de me sentir implicado a partir de dentro, escolhia repetidamente a postura do observador distante. Por vezes era um olhar curioso, outras vezes um olhar invejoso, outras ainda um olhar inquieto, e de vez em quando era um olhar de amor. Mas deixar aquilo que, de algum modo, era a postura segura do espectador crítico parecia-me saltar para um território desconhecido. Desejava tanto controlar o meu percurso espiritual, ser capaz de prever pelo menos uma parte do resultado, que renunciar à segurança do espectador em troca da vulnerabilidade do filho que regressa parecia-me quase impossível. Ensinar os estudantes, explicar as palavras e ações de Jesus e mostrar-lhes os diferentes caminhos espirituais que as pessoas escolheram ao longo dos tempos, era como adotar a postura de uma das quatro figuras que rodeavam aquele abraço divino.

As duas mulheres de pé, a diferentes distâncias atrás do pai; o homem sentado, com o olhar perdido no vazio; e o outro, alto, erguido, contemplando com ar crítico o acontecimento — todos representavam distintas formas de não se comprometer. Vemos indiferença, curiosidade, devaneio, observação atenta; um olha fixamente, outro contempla, outro observa sem fixar o olhar, e outro simplesmente olha; um está de pé ao fundo, outro apoia-se num arco, outro está sentado de braços cruzados ou de pé com as mãos juntas, uma sobre a outra. Cada uma destas posturas me é muito familiar. Algumas mais confortáveis do que outras, mas todas formas de não se comprometer.

Passar de dar aulas a universitários para viver com doentes mentais significou, para mim, dar um passo em direção à plataforma onde o pai abraça o filho ajoelhado. É o lugar da luz, o lugar da verdade, o lugar do amor. É o lugar onde quero estar, embora me assuste muito chegar até ele. É o lugar onde receberei tudo o que desejo, tudo o que sempre esperei, tudo o que necessito, mas também o lugar onde tenho de deixar tudo o que quero reter. É o lugar que me confronta com o facto de que aceitar verdadeiramente o amor, o perdão e a cura é, muitas vezes, muito mais difícil do que oferecê-los. É o lugar para além do que se pode obter, merecer ou das recompensas que se possam receber. É o lugar da rendição e da confiança total.

Pouco depois de chegar a Daybreak, a Linda, uma jovem encantadora com síndrome de Down, rodeou-me com os seus braços e disse: «Bem-vindo». Faz isto com todos os recém-chegados e sempre com absoluta convicção e amor. Mas como receber um abraço assim? A Linda não me conhecia. Não tinha ideia do que eu tinha vivido antes de chegar a Daybreak. Não tivera ocasião de se deparar com o meu lado sombrio, nem de descobrir os meus pontos de luz. Não tinha lido nenhum dos meus livros, não me tinha ouvido falar, nem jamais tivera uma conversa comigo.

Assim, deveria limitar-me a sorrir, a elogiá-la e a seguir caminho como se nada tivesse acontecido? Talvez a Linda estivesse de pé em algum lugar da plataforma, dizendo com o seu gesto: «Vem, não sejas tão envergonhado, o teu Pai também quer abraçar-te!». Parece que, de cada vez — seja o acolhimento da Linda, o aperto de mão do Bill, o sorriso do Gregory, o silêncio do Adam ou as palavras do Raymond — tenho de escolher entre “explicar” esses gestos ou simplesmente aceitá-los como convites a subir mais alto.

Estes anos em Daybreak não foram fáceis. Vivi muitas lutas interiores e muito sofrimento mental, emocional e espiritual. Nada, absolutamente nada, parecia indicar-me que a mudança tinha valido a pena. Mas a passagem de Harvard para A Arca significou dar um pequeno passo da atitude de espectador para a de participante, de juiz para pecador arrependido, de professor de como se ama para pessoa que se deixa amar. Não tinha a menor ideia de quão difícil ia ser esta viagem. Não me dava conta de quão profundamente enraizada estava em mim a resistência, nem de quão angustiante seria “dar-me conta”, cair de joelhos e deixar que as lágrimas corressem livremente. Não sabia o quanto ia ser duro tornar-me parte do grande acontecimento que o quadro de Rembrandt representa.

Cada pequeno passo em direção ao seu interior era como um pedido impossível, um pedido que me exigia deixar de lado, uma vez mais, o meu desejo de controlar, de prever; um pedido para superar o medo de não saber aonde tudo aquilo me levaria; um pedido para me render ao amor que não conhece limites. Sabia que nunca seria capaz de viver plenamente o grande mandamento de amar sem condições nem requisitos. A passagem de ensinar sobre o amor a deixar-me amar revelou-se mais longa do que pensava.

A Visão

Muito do que aconteceu desde a minha chegada a Daybreak está escrito nos meus diários e cadernos de notas, mas, tal como está, muito pouco pode ser partilhado com os outros. As palavras são demasiado cruas, demasiado ruidosas, demasiado “ensanguentadas”, demasiado nuas. Mas agora chegou o momento em que é possível olhar para trás, rever aqueles anos de tumulto e descrever, com mais objetividade do que antes, o lugar para onde toda esta luta me levou.

Ainda não sou suficientemente livre para me abandonar completamente ao abraço seguro do Pai. Em muitos sentidos, continuo a caminhar em direção ao seu significado profundo. Ainda sou como o filho pródigo: viajo, preparo discursos, antecipo como será tudo quando finalmente chegar à casa do meu Pai. Mas já estou a caminho de casa. Deixei o país distante e sinto o amor mais próximo. Agora estou preparado para contar a minha história. Nela se poderá encontrar algo de esperança, de luz e de consolo. Muito do que vivi durante estes últimos anos fará parte desta história, não como expressão de confusão ou de desespero, mas como etapas no meu caminho para a luz.

O quadro de Rembrandt esteve muito próximo de mim durante todo este tempo. Mudei-o de lugar inúmeras vezes: do gabinete para a capela, da capela para a sala de estar de Dayspring (a casa de oração de Daybreak) e da sala de estar de Dayspring de novo para a capela. Falei sobre ele milhares de vezes, dentro e fora da comunidade de Daybreak: a doentes mentais e a quem deles cuidava, a ministros e a sacerdotes, e a homens e mulheres de todas as condições. Quanto mais falava sobre *O Filho Pródigo*, mais o considerava como se fosse a minha própria obra: um quadro que continha não só o essencial da história que Deus queria que eu contasse, mas também o que eu próprio queria contar a Deus e aos homens e mulheres de Deus. Nele está todo o Evangelho. Nele está toda a minha vida e a dos meus amigos. Este quadro tornou-se numa misteriosa janela através da qual posso pôr um pé no Reino de Deus. É como uma imensa entrada que me permite passar para o outro lado da existência e, a partir daí, contemplar a estranha variedade de pessoas e acontecimentos que compõem a minha vida diária.

Durante anos procurei ver Deus na diversidade das experiências humanas: solidão e amor, dor e alegria, ressentimento e gratidão, guerra e paz. Tentei compreender os altos e baixos da alma humana, para poder perceber a fome e a sede que só um Deus cujo nome é Amor podia saciar. Procurei descobrir o que permanece para além do passageiro, o eterno para além do temporal, o amor perfeito para além dos medos que nos paralisam, e a consolação divina para além da desolação provocada pela angústia e pelo desespero humanos. Esforcei-me por projetar-me para além da fragilidade mortal da nossa existência, em direção a uma presença mais duradoura, mais profunda, mais aberta e mais maravilhosa do que podemos imaginar, e tentei falar dessa presença como uma presença que já agora pode ser vista, ouvida e tocada por aqueles que querem acreditar.

No entanto, no tempo que vivi aqui, em Daybreak, fui conduzido a um lugar mais interior, um lugar onde nunca tinha estado antes. É um lugar dentro de mim onde Deus escolheu hospedar-se. Onde me sinto seguro no abraço de um Deus todo amor, que me chama pelo meu nome e me diz: «Tu és o meu filho amado, em quem pus a minha complacência». Onde saboreio a alegria e a paz que não existem neste mundo.

Este lugar sempre esteve lá. Eu sempre soube que era a fonte da graça. No entanto, não tinha sido capaz de entrar e de viver nele verdadeiramente. Jesus diz: «Quem me ama guardará a minha palavra. O meu Pai amá-lo-á, e nós viremos a ele e faremos nele a nossa morada.» (Jo 14,23) Estas palavras sempre me impressionaram profundamente. Sou a casa de Deus!

Mas tinha-me sido muito difícil experimentar a verdade que elas encerram. Sim, Deus faz a sua morada no mais íntimo do meu ser, mas como podia eu aceitar o apelo de Jesus: «Permaneço em mim, como eu em vós.» (Jo 15,4)? O convite é muito claro. Fazer a minha morada onde Deus fez a sua: eis o enorme desafio espiritual. Parecia uma tarefa impossível.

Com os meus pensamentos, sentimentos, emoções e paixões, estava constantemente fora do lugar que Deus tinha escolhido para sua morada. Regressar a casa e permanecer aí, onde Deus habita, escutar a voz da verdade e do amor, era o que mais medo me causava, porque sabia que Deus é um amante ciumento que quer tudo de mim em todos os momentos. Quando estaria eu preparado para aceitar esse tipo de amor?

O próprio Deus mostrar-me-ia o caminho. As crises físicas e emocionais interromperam a vida tão atarefada que levava em Daybreak e obrigaram-me a regressar a casa e a procurar Deus no único lugar onde o podia encontrar: no meu próprio santuário interior. Não posso dizer que o tenha conseguido; nunca o conseguirei nesta vida, porque o caminho até Deus vai muito para além das fronteiras da morte. É uma viagem longa e muito exigente, mas está cheia de surpresas maravilhosas e, muitas vezes, dá-nos a satisfação de termos alcançado a meta.

A primeira vez que vi o quadro de Rembrandt ainda não estava tão familiarizado com a morada de Deus dentro de mim como estou agora. No entanto, a minha reação profunda ao abraço do pai ao filho fez-me ver que procurava desesperadamente esse lugar interior onde também eu pudesse ser abraçado como o jovem do quadro. Ao mesmo tempo, não podia prever o que iria significar aproximar-me cada vez mais desse lugar. Estou muito agradecido por não ter sabido de antemão o que Deus me tinha preparado. E também agradeço o novo espaço que se me abriu através de todo o sofrimento interior.

Agora tenho uma nova vocação. É a vocação de falar e escrever a partir desse lugar profundo para as outras dimensões de mim mesmo e de me dirigir às vidas inquietas de outras pessoas. Tenho de me ajoelhar diante do Pai, apoiar o ouvido no seu peito e escutar sem interrupção os batimentos do seu coração. Então, e só então, posso dizer com muito cuidado e grande delicadeza o que oiço. Agora sei que devo falar a partir da eternidade para o tempo presente, a partir da alegria duradoura para as realidades passageiras da nossa curta existência neste mundo, a partir da morada do amor para as moradas do medo, a partir da casa de Deus para as casas dos seres humanos. Estou plenamente consciente da grandeza desta vocação. Mais ainda, estou absolutamente seguro de que este é o único caminho para mim. Poder-se-ia chamar-lhe visão “profética”: olhar para as pessoas e para este mundo com os olhos de Deus.

Será esta uma possibilidade real para um ser humano? Mais importante ainda: será esta uma opção verdadeira para mim? Não se trata de uma questão intelectual. É uma questão de vocação. Estou chamado a entrar no meu próprio santuário interior, onde Deus escolheu fazer a sua morada. A

única forma de chegar a esse lugar é rezando, rezando constantemente. A dor e as lutas podem clarificar o caminho, mas estou certo de que é apenas a oração contínua que me permite entrar ali

INTRODUÇÃO

O filho mais novo, o filho mais velho e o pai

No ano seguinte a ter visto *O Filho Pródigo* pela primeira vez, a minha trajetória espiritual foi marcada por três fases que me ajudaram a encontrar a estrutura da minha história pessoal.

A primeira fase consistiu na minha experiência de ser o filho mais novo. Os longos anos de ensino na universidade, assim como a minha intensa implicação nos assuntos da América Central e do Sul, tinham-me feito sentir um pouco perdido. Andara de um lado para o outro, conhecera pessoas de todo o tipo e participara em inúmeros movimentos. Mas, no fim, sentia-me sem lar e muito cansado. Quando vi a forma tão terna como o pai apoiava as mãos nos ombros do seu jovem filho e o aproximava do coração, senti profundamente que aquele filho perdido era eu e que queria regressar como ele, para ser abraçado como ele. Durante muito tempo pensei em mim como o filho pródigo que volta a casa, antecipando o momento de ser recebido pelo meu Pai.

Então, quase inesperadamente, algo mudou na minha perspetiva. Depois de um ano em França e após a minha visita ao Hermitage, em São Petersburgo, os sentimentos de desespero que me tinham levado a identificar-me tão fortemente com o filho mais novo recuaram para o fundo da minha consciência. Já tinha decidido partir para Daybreak e, por isso, sentia-me mais seguro de mim do que antes.

A segunda fase da minha trajetória espiritual começou numa manhã, enquanto falava sobre o quadro de Rembrandt com Bart Gavigan, um amigo inglês que tinha chegado a conhecer-me muito profundamente no ano anterior. Enquanto eu explicava ao Bart a intensidade com que me identificava com o filho mais novo, ele olhou-me atentamente e disse: «Pergunto-me se não serás mais como o filho mais velho.» Com estas palavras abriu-se um espaço novo dentro de mim.

Francamente, nunca tinha pensado em mim como o filho mais velho, mas assim que o Bart me confrontou com essa possibilidade, milhares de ideias começaram a girar-me na cabeça. A primeira coisa em que pensei foi que, de facto, sou o mais velho dos meus irmãos; depois percebi o quão obediente tinha sido ao longo da minha vida. Quando tinha seis anos já queria ser sacerdote e nunca mudei de ideia. Nasci, fui batizado, confirmado e ordenado na mesma igreja e sempre obedeci aos meus pais, aos meus professores, aos meus bispos e ao meu Deus. Nunca saí de casa, nunca perdi tempo nem desperdicei dinheiro em buscas sensuais; também não «embotei o coração com excessos de comida, com a embriaguez e com as preocupações da vida» (Lc 21,34). Durante toda a minha vida fui responsável, tradicional e caseiro. Mas, apesar disso, estive tão perdido como o filho mais novo.

De repente, vi-me de uma forma totalmente nova. Vi os meus ciúmes, a minha cólera, a minha suscetibilidade, a minha teimosia, o meu ressentimento e, sobretudo, o meu farisaísmo subtil. Vi o quanto me queixava e apercebi-me de que grande parte dos meus pensamentos e sentimentos eram dominados pelo ressentimento. Por um momento pareceu-me impossível alguma vez ter pensado em mim como o filho mais novo. Eu era, sem dúvida, o filho mais velho, mas estava tão perdido como o seu irmão, mesmo tendo estado «em casa» toda a minha vida.

Tinha trabalhado muito na quinta do meu pai, mas nunca tinha usufruído plenamente da alegria de estar em casa. Em vez de estar grato por todos os privilégios que tinha recebido, tinha-me tornado numa pessoa ressentida: ciumenta dos meus irmãos e irmãs mais novos, que tinham corrido tantos riscos e que, apesar disso, eram recebidos tão calorosamente. Durante o meu primeiro ano em Daybreak, aquele comentário tão perspicaz do Bart continuou a iluminar a minha vida interior.

Mas havia mais por vir. Nos meses que se seguiram à celebração do trigésimo aniversário da minha ordenação sacerdotal, entrei numa profunda escuridão interior e comecei a sentir uma intensa angústia. Cheguei a um ponto em que já não me sentia em segurança na minha comunidade e tive de partir em busca de ajuda, para trabalhar diretamente na minha cura profunda. Os poucos livros que levei falavam de Rembrandt e da parábola

do filho pródigo. No tempo em que vivi num lugar isolado, longe dos meus amigos e da minha comunidade, encontrei grande consolo na leitura da tormentosa vida do grande pintor holandês e no conhecimento mais aprofundado da trajetória agonizante que o levou a pintar a sua magnífica obra.

Durante horas ficava a contemplar os esplêndidos desenhos e quadros que ele pintou no meio de dificuldades, desilusões e tristezas, e cheguei a compreender como, do seu pincel, emergiu a figura de um ancião quase cego a abraçar o filho num gesto de perdão e compaixão. É preciso morrer muitas vezes e derramar muitas lágrimas para conseguir pintar um retrato de Deus com tanta humildade.

Foi durante este período de imensa tristeza interior que outro amigo pronunciou a palavra que mais precisava de ouvir e iniciou a terceira fase da minha trajetória espiritual. Sue Mosteller, que estava na comunidade de Daybreak desde o início dos anos setenta e que tinha insistido, na altura, para que eu fosse para lá, deu-me uma ajuda indispensável quando as coisas se tornaram difíceis e ajudou-me a lutar contra tudo para alcançar a verdadeira liberdade interior. Quando foi visitar-me ao meu “eremitério” e me falou sobre *O Filho Pródigo*, disse: «Sejas tu o filho mais velho ou o filho mais novo, deves tomar consciência de que a tua verdadeira chamada é seres o pai.»

Aquelas palavras caíram sobre mim como um jarro de água fria, porque, depois de todos aqueles anos a viver com o quadro e a contemplar o ancião que sustém o filho, nunca me tinha ocorrido que era o pai quem exprimia mais plenamente a minha vocação na vida.

A Sue não me deu oportunidade de protestar: «Toda a tua vida tens andado à procura de amigos, a suplicar afeto; tens estado interessado em milhares de coisas, tens pedido para ser apreciado, amado, considerado. Chegou a hora de reclamares a tua verdadeira vocação: ser um pai capaz de acolher os filhos em casa sem pedir explicações e sem exigir nada em troca. Olha para o pai do teu quadro e verás o que estás chamado a ser. Nós, em Daybreak, e a maior parte das pessoas que te rodeiam, não precisamos que sejas apenas um bom amigo ou um bom irmão. O que precisamos é que sejas um pai capaz de assumir a autoridade da verdadeira compaixão.»

Olhando para o ancião vestido com aquele manto vermelho, sentia uma profunda resistência em pensar em mim dessa forma. Identificava-me mais com o jovem perdulário ou com o filho mais velho e ressentido. Mas a ideia de ser como aquele ancião que nada tinha a perder, porque já perdera tudo e só lhe restava dar, deixava-me perplexo. No entanto, Rembrandt morreu com sessenta e três anos e eu estou mais perto dessa idade do que da dos dois filhos. Rembrandt procurava colocar-se no lugar do pai; porque não haveria eu de fazer o mesmo?

O ano e meio que passou desde que a Sue Mosteller me lançou esse desafio foi um tempo de começar a exigir de mim a paternidade espiritual. Foi uma luta lenta e muito dura, e ainda hoje, por vezes, sinto vontade de permanecer no papel de filho e nunca crescer. Mas também saboreei a imensa alegria dos filhos que regressam a casa, a alegria de lhes impor as mãos num gesto de perdão e bênção. Comecei a conhecer o que significa ser um pai que não faz perguntas, mas que apenas deseja acolher os seus filhos em casa.

Tudo o que vivi desde o meu primeiro encontro com essa representação do quadro de Rembrandt não só me deu a inspiração para escrever este livro, como também me deu a ideia para a sua estrutura. Primeiro refletir-me-ei no filho mais novo, depois no mais velho e, por último, no pai. Porque, de facto, sou o filho mais novo, sou o filho mais velho e estou a caminho de me tornar pai. E para vós, que ides realizar esta viagem espiritual comigo, espero e rezo para que descubrais no vosso interior não só os filhos perdidos, mas também o pai e a mãe compassivos que são Deus.

PARTE I

O Filho Mais Novo

O filho mais novo disse ao pai: «Pai, dá-me a parte da herança que me cabe.» E o pai repartiu os bens entre eles. Poucos dias depois, o filho mais novo reuniu as suas coisas, partiu para um país distante e lá desperdiçou toda a sua fortuna, vivendo como libertino. Quando tinha gasto tudo, sobreveio uma grande carestia naquela região e começou a passar necessidade. Então foi trabalhar para a casa de um homem daquele país, que o mandou para os campos guardar porcos. Desejava encher o estômago com as alfarrobas que os porcos comiam, mas ninguém lhas dava. Então refletiu e disse: «Quantos jornaleiros do meu pai têm pão de sobra, e eu aqui morro de fome! Vou pôr-me a caminho, voltarei para a casa do meu pai e dir-lhe-ei: Pai, pequei contra o Céu e contra ti. Já não mereço ser chamado teu filho: trata-me como a um dos teus jornaleiros.» Pôs-se a caminho e foi ter com o pai.

1. Rembrandt e o Filho Mais Novo

Rembrandt pintou *O Filho Pródigo* nos últimos anos da sua vida. Seguramente foi uma das suas últimas obras. Quanto mais leio sobre ela, mais a vejo como a declaração final de uma vida tumultuosa e atormentada. Juntamente com o inacabado *Simeão e o Menino Jesus*, *O Filho Pródigo* mostra a percepção do pintor sobre si mesmo numa certa idade, uma percepção em que a cegueira física e uma profunda visão interior estão intimamente ligadas. A forma como o velho Simeão segura o menino e como o ancião pai abraça o filho exausto revela uma visão interior que recorda as palavras de Jesus aos seus discípulos: «Felizes os olhos que veem o que vós vedes.» (Lc 10,23) Tanto Simeão como o pai do filho que regressa a casa trazem dentro de si essa misteriosa luz que os faz ver. É uma luz interior, escondida no íntimo, mas que irradia uma luminosidade que impregna toda aquela ternura e beleza.

Essa luz interior, porém, esteve escondida durante muito tempo. Durante anos permaneceu inacessível a Rembrandt. Só gradualmente, e através de muita angústia, pôde descobrir essa luz dentro de si e, através do que vivia no seu interior, em quantos pintou. Antes de ser como o pai, Rembrandt foi durante muito tempo como o jovem orgulhoso que «reuniu as suas coisas, partiu para um país distante e lá desperdiçou toda a sua fortuna vivendo como libertino».

Quando contemplo os autorretratos que Rembrandt pintou com tanta profundidade nos últimos anos, e que explicam em grande medida a sua capacidade de pintar aquele pai radiante e o velho Simeão, não consigo esquecer que, em jovem, Rembrandt tinha todos os traços do filho pródigo: insolente, autossuficiente, perdulário, sensual e muito arrogante. Quando tinha trinta anos, fez um autorretrato com a esposa Saskia, representando o filho perdido num bordel. Aí não há vida interior. Bêbedo, com a boca entreaberta e os olhos cheios de luxúria, olha com desdém para os que contemplam o retrato, como se dissesse: «Não é divertido?» Com a mão direita ergue uma taça meio vazia, enquanto com a esquerda toca as costas da esposa, que olha com olhos não menos impudicos. O cabelo longo e encaracolado de Rembrandt, o chapéu de veludo com a enorme pena branca e a espada embainhada num coldre de couro com punho dourado, que roça as costas dos dois foliões, não deixam dúvidas sobre as suas intenções. A cortina no canto superior direito faz lembrar os bordéis infames do bairro vermelho de Amesterdão. Pensar no jovem Rembrandt deste autorretrato como o Filho Pródigo parece-me quase impossível, quando comparado com o homem que, trinta anos mais tarde, se pintaria com aqueles olhos que penetram tão profundamente nos mistérios ocultos da vida.

Além disso, todos os biógrafos de Rembrandt o descrevem como um jovem orgulhoso, plenamente convencido do seu talento e ansioso por conhecer tudo o que o mundo tinha para oferecer; um extrovertido amante da luxúria e insensível para com os que o rodeavam. Sem dúvida, uma das suas maiores preocupações foi o dinheiro. Ganhou muito, gastou muito e perdeu muito. Desperdiçou grande parte da sua energia em intermináveis processos judiciais por problemas financeiros e falências. Os autorretratos que pintou entre os vinte e muitos e os trinta e poucos anos refletem um Rembrandt faminto de fama e adulação, dado a costumes extravagantes,

que preferia correntes de ouro aos tradicionais colarinhos engomados e que usava chapéus extravagantes, boinas, elmos e turbantes. Embora grande parte deste vestuário tão elaborado possa ser vista como uma forma normal de praticar e exibir técnicas de pintura, também revela um caráter arrogante que não procurava apenas agradar aos mecenas.

No entanto, a este curto período de sucesso, popularidade e riqueza seguiu-se outro de dor, infortúnio e desastre. Seria exaustivo enumerar a quantidade de desgraças na vida de Rembrandt. Na verdade, não são muito diferentes das do filho pródigo. Depois de perder o filho Rumbartus em 1635, a primeira filha Cornelia em 1638 e a segunda filha Cornelia em 1640, a sua esposa Saskia, a quem amava e admirava profundamente, morreu em 1642. Ficou apenas com o filho de nove meses, Titus. Após a morte de Saskia, a sua vida continuou marcada por inúmeros problemas e sofrimentos. A uma relação infeliz com a ama de Titus, Geertje Dircx, que acabou em tribunal e no seu confinamento num asilo, seguiu-se uma união mais estável com Hendrickje Stoffels. Ela deu-lhe um filho, que morreu em 1652, e uma filha, Cornelia, a única que lhe sobreviveria.

Nesses anos, a sua popularidade como pintor caiu drasticamente, embora alguns críticos continuassem a considerá-lo um dos melhores da época. Os problemas financeiros foram tão graves que, em 1656, foi declarado insolvente, pedindo o direito de ceder todos os seus bens e haveres em benefício dos credores para evitar a bancarrota. Todas as suas posses, as suas obras e as de outros pintores, a sua coleção de curiosidades, a sua casa em Amesterdão e os seus móveis foram vendidos em três leilões entre 1657 e 1658. Embora nunca tenha ficado completamente livre das dívidas e dos credores, aos 50 anos conseguiu encontrar um pouco de paz. O calor e a profundidade das obras desta época mostram que as decepções não conseguiram amargurá-lo. Pelo contrário, tiveram um efeito purificador na sua visão das coisas. Jakob Rosenberg escreve: «Começou a olhar para o homem e para a natureza com um olhar mais penetrante, sem se distrair com o esplendor exterior.»

Em 1663, Hendrickje morreu e, cinco anos mais tarde, Rembrandt testemunhou o casamento e a morte do seu querido filho Titus. Quando Rembrandt morreu em 1669, era um homem pobre e solitário. Apenas a

filha Cornelia, a nora Magdalene van Loo e a neta Titia lhe sobreviveram. Quando contemplo o filho pródigo, de joelhos diante do pai, apoiando o rosto no seu peito, não deixo de ver aquele que um dia foi um artista autossuficiente e venerado, que chegou finalmente a compreender que toda a glória que alcançara era vã. Em vez das roupas caras com que o jovem Rembrandt se retratou no bordel, traz agora uma túnica sobre os ombros que cobre o corpo enfermo; e as sandálias com que caminhara até tão longe estão gastas e já não servem.

Passando o olhar do filho arrependido para o pai compassivo, vejo que os brilhos das correntes de ouro, dos elmos, das velas e das lâmpadas escondidas desapareceram e foram substituídos pela luz interior da velhice. É o movimento da glória sedutora da busca de riqueza e fama para a glória escondida na alma humana, que ultrapassa a própria morte.

2. O Filho Mais Novo Parte

«Um homem tinha dois filhos. E o mais novo disse ao pai: “Pai, dá-me a parte da herança que me cabe.” E o pai repartiu os bens entre eles. Poucos dias depois, o filho mais novo reuniu todas as suas coisas, partiu para um país distante e lá desperdiçou toda a sua fortuna, vivendo como libertino.»

Um rejeitar radical...

O título completo do quadro de Rembrandt é, como já foi dito, *O Regresso do Filho Pródigo*. No “regresso”, está implícita a partida. Regressar é voltar a casa depois de a ter abandonado, voltar depois de se ter ido embora. O pai que acolhe o filho alegra-se porque ele «estava morto e voltou à vida, estava perdido e foi encontrado» (Lc 15,32). A imensa alegria do regresso do filho perdido esconde a imensa tristeza da sua partida. O reencontro deixa atrás a separação; o regresso a casa oculta sob o seu manto o momento da partida. Contemplando o regresso, terno e cheio de alegria, sinto que devo ousar saborear os acontecimentos tristes que o precederam. Só quando tiver coragem de aprofundar o que significa deixar o lar poderei compreender verdadeiramente o que é regressar. O amarelo com tons acastanhados da roupa do filho parece belo quando observado em rica harmonia com o vermelho do manto do Pai; mas a verdade é que o filho

está vestido de farrapos que denunciam a miséria que deixou para trás. No contexto de um abraço apaixonado, a nossa ruína interior pode parecer-nos bela, mas a sua única beleza vem da compaixão que desperta.

Para compreender o mistério da compaixão em toda a sua profundidade, tenho de observar com honestidade a realidade que a evoca. O facto é que, muito antes de regressar, o filho tinha partido. Disse ao pai: «Pai, dá-me a parte da herança que me cabe»; reuniu tudo o que lhe pertencia e foi-se embora. Lucas narra tudo isto de forma tão simples e prosaica que é difícil perceber que o que está a acontecer é, na verdade, algo inaudito: doloroso, ofensivo e em total contradição com a tradição mais venerada da época. Kenneth Bailey, na sua explicação penetrante da história de Lucas, mostra que a forma como o filho parte é equivalente a desejar a morte do pai.

Bailey escreve:

«Durante mais de quinze anos tenho perguntado a pessoas de todo o tipo, desde Marrocos até à Índia, e desde a Turquia até ao Sudão, sobre as implicações de um filho reclamar a herança em vida do pai. A resposta foi sempre a mesma... A conversa decorre assim:

- Alguma vez alguém, na sua aldeia, pediu tal coisa?
- Nunca!
- Poderia alguma vez alguém pedir tal coisa?
- Impossível!
- Se alguém o fizesse, o que aconteceria?
- O pai batê-lo-ia até à morte, sem dúvida!
- Porquê?
- Um pedido desses significaria que desejava a morte do pai.»

Bailey explica que o filho pede não só a divisão da herança, mas também o direito de dispor da sua parte. «Depois de renunciar às suas posses em favor do filho, o pai continua com o direito de viver dos rendimentos... enquanto estiver vivo. Assim, o filho mais novo não tem qualquer direito sobre os bens antes da morte do pai. A implicação de “Pai, não posso esperar que morras” está subjacente ao pedido do filho.»

Assim, a partida do filho é um ato muito mais ofensivo do que pode parecer à primeira leitura. Representa a rejeição da casa onde nasceu e foi alimentado e é uma rutura com a tradição mais preciosa, cuidadosamente preservada pela grande comunidade de que fazia parte. Quando Lucas escreve: «partiu para um país distante», quer indicar muito mais do que o desejo de um jovem de ver o mundo. Refere-se a um corte radical com o modo de viver, de pensar e de agir que lhe tinha sido transmitido de geração em geração como legado sagrado. Mais do que uma falta de respeito, é uma traição aos valores da família e da comunidade. O «país distante» é o mundo em que se ignora tudo o que em casa é considerado sagrado.

Esta explicação é muito significativa para mim, não apenas porque me ajuda a compreender melhor a parábola no seu contexto histórico, mas também porque me leva necessariamente a reconhecer-me no filho mais novo. Ao princípio custou-me muito descobrir na história da minha vida uma rebelião tão desafiante. Não me reconheço a rejeitar os valores da minha própria herança. Mas, quanto mais reflito sobre os caminhos subtis que a minha vida percorreu, mais percebo que preferi a terra longínqua ao lar e, então, o filho mais novo aparece rapidamente. Refiro-me aqui a um «abandono do lar» espiritual, diferente do facto físico de ter passado a maior parte da minha vida fora da minha querida Holanda.

A parábola do filho pródigo exprime o amor sem fronteiras de Deus de forma mais forte do que qualquer outra história do Evangelho. E, quanto mais me coloco dentro desta história à luz do amor divino, mais clara se torna a relação entre o abandono do lar e a minha própria experiência espiritual. O quadro de Rembrandt, que representa o Pai a acolher o filho, dissipa qualquer outro movimento exterior. Em contraste com a sua gravura do Filho Pródigo de 1636 — cheia de ação, com o pai a correr para o filho e o filho a lançar-se aos pés do pai —, o quadro do Hermitage, pintado cerca de 30 anos depois, é de uma calma total. O pai toca o filho numa bênção interminável; o filho descansa no peito do pai numa paz eterna. Christian Tumpel escreve: «O momento do acolhimento e do perdão, na quietude da sua composição, não tem fim. O movimento do pai e do filho fala de algo que não passa, mas que permanece para sempre.» Jakob Rosenberg resume esta visão de forma belíssima quando escreve: «O conjunto de pai e filho carece de qualquer movimento exterior, mas todo o interior está em

movimento... A história nada tem a ver com um pai terreno... O que aqui se representa é o amor e a misericórdia divinas no seu poder de transformar a morte em vida.»

Surdo à voz do amor

Assim, deixar o lar é muito mais do que um simples acontecimento ligado a um lugar e a um momento. É a negação da realidade espiritual de que pertenço a Deus com todo o meu ser, de que Deus me tem seguro num abraço eterno, de que estou gravado nas palmas das mãos de Deus e escondido nas suas sombras. Deixar o lar significa ignorar a verdade de que Deus me moldou em segredo, me formou nas profundezas da terra e me teceu no seio materno (Salmo 139,13-15). Deixar o lar significa viver como se não tivesse casa e tivesse de andar errante à procura de uma.

O lar é o centro do meu ser, o lugar onde posso ouvir a voz que diz: «Tu és o meu filho amado, em quem pus a minha complacência» — a mesma voz que deu vida ao primeiro Adão e falou a Jesus, o segundo Adão; a mesma voz que fala a todos os filhos de Deus e os liberta de ter de viver num mundo escuro, permitindo-lhes permanecer na luz. Eu ouvi essa voz. Falou-me no passado e continua a falar-me agora. É a voz do amor que não cessa de chamar, que fala desde a eternidade e que dá vida e amor onde quer que seja ouvida. Quando a escuto, sei que estou em casa com Deus e que não tenho de ter medo de nada. Como o Amado do meu Pai celeste, «mesmo que passe por um vale tenebroso, nenhum mal temerei» (Salmo 23,4). Como o Amado, posso curar os doentes, ressuscitar os mortos, purificar os leprosos, expulsar os demónios (Mt 10,8). Tendo «recebido de graça», posso «dar de graça». Como o Amado, posso enfrentar qualquer coisa, consolar, admoestar e encorajar sem medo de ser rejeitado e sem necessidade de afirmação. Como o Amado, posso sofrer perseguição sem sentir desejos de vingança e receber elogios sem ter de os usar como prova da minha bondade. Como o Amado, posso ser torturado e morto sem duvidar de que o amor que me é dado é mais forte do que a morte. Como o Amado, sou livre para dar e livre para receber, livre até para morrer enquanto dou vida.

Jesus fez-me ver claramente que eu também posso ouvir a mesma voz que Ele ouviu no rio Jordão e no monte Tabor. Fez-me ver claramente que eu, como Ele, tenho a minha casa junto do Pai. Rezando ao Pai pelos seus discípulos, diz: «Eles não são do mundo, como também eu não sou do mundo. Consagra-os na verdade: a tua palavra é a verdade. Assim como tu me enviaste ao mundo, também eu os envie ao mundo. Por eles eu me consagro, para que também eles sejam consagrados na verdade.» (Jo 17,16-19) Estas palavras revelam qual é a minha verdadeira casa, a minha autêntica morada, o meu lar. A fé é o que me faz confiar que o lar sempre lá esteve e sempre lá estará. As mãos firmes do pai repousam sobre os ombros do pródigo numa bênção eterna: «Tu és o meu filho amado, em quem pus a minha complacência.»

Deixei o lar vezes sem conta. Fugi das mãos benditas e corri para terras longínquas em busca de amor! Esta é a grande tragédia da minha vida e da vida de tantos com quem me cruzo. De algum modo, tornei-me surdo à voz que me chama «meu filho amado», abandonei o único lugar onde posso ouvir essa voz e parti, esperando desesperadamente encontrar noutro lugar aquilo que já não era capaz de encontrar em casa.

À primeira vista tudo isto soa incrível. Por que razão haveria de deixar o lugar onde posso escutar tudo o que preciso de ouvir? Quanto mais penso nisso, mais consciente fico de que a verdadeira voz do amor é uma voz muito suave e delicada, que me fala dos recantos mais profundos do meu ser. Não é uma voz ruidosa, que se impõe e exige atenção. É a voz do pai quase cego, que chorou muito e travou muitas batalhas. É uma voz que só pode ser ouvida por aqueles que se deixam tocar.

Sentir o toque das mãos benditas de Deus e ouvir a sua voz a chamar-me «meu filho amado» são a mesma coisa. O profeta Elias viu isto com muita clareza. Elias estava sentado no monte à espera de se encontrar com Javé. E passou diante dele um vento forte e impetuoso que fendia as montanhas e quebrava as rochas; mas Javé não estava no vento. Depois do vento, um terramoto; mas Javé não estava no terramoto. Depois do terramoto, um fogo; mas Javé não estava no fogo. Depois do fogo, o murmúrio de uma brisa suave. Ao ouvi-lo, Elias cobriu o rosto com o

manto, porque sabia que Javé estava presente. Na ternura de Deus, a voz era como um toque, e esse toque era também a voz. (1 Rs 19,11-13)

Mas há muitas outras vozes, vozes fortes, cheias de promessas sedutoras. Essas vozes dizem: «Sai e prova que vales.» Pouco depois de Jesus ouvir a voz que o chamava «meu Filho amado», foi conduzido ao deserto para escutar aquelas outras vozes. Diziam-lhe que provasse que merecia ser amado, que merecia sucesso, fama e poder. Essas vozes não me são estranhas. Estão sempre aí e chegam sempre ao mais íntimo de mim, onde ponho em causa a minha bondade e duvido do meu valor. Sugerem-me que, através de uma série de esforços e de muito trabalho, devo ganhar o direito de ser amado. Querem que prove a mim e aos outros que mereço ser amado e empurram-me a fazer tudo para ser aceite. Negam que o amor seja um dom completamente gratuito. Deixo o lar sempre que perco a fé na voz que me chama «meu filho amado» e dou ouvidos às vozes que me oferecem uma variedade imensa de maneiras de conquistar o amor que tanto desejo.

Tenho ouvido essas vozes desde que me lembro e sempre me acompanharam. Chegaram-me através dos meus pais, amigos, professores e colegas, mas, sobretudo, chegam — e continuam a chegar — através dos meios de comunicação que me rodeiam. E dizem: «Mostra-me que és um bom rapaz. E melhor ainda se fores melhor do que o teu amigo! Como estão as tuas notas? Tenho a certeza de que o que fizeres, farás por ti próprio! Que contactos tens? Tens a certeza de que queres ser amigo dessa gente? Esses troféus provam o excelente desportista que foste! Não reveles as tuas fraquezas, porque vão usá-las contra ti! Já trataste de tudo para a reforma? Quando deixas de produzir, deixas de interessar! Quando morres, acabou!»

Quando permaneço em contacto com a voz que me trata como filho amado, estas perguntas e conselhos parecem-me inofensivos. Pais, amigos e professores, até os que me falam através dos meios de comunicação, são muito sinceros. As suas advertências são bem-intencionadas. Na verdade, podem ser expressões limitadas de um amor divino sem limites. Mas, quando esqueço a voz do amor incondicional, essas sugestões inocentes podem começar a dominar facilmente a minha vida e empurrar-me para o «país distante». Não me é difícil reconhecer quando isso acontece. Cólera, ressentimento, ciúmes, desejos de vingança, luxúria, cobiça, antagonismos e

rivalidades são sinais de que parti de casa. E isso acontece-me com bastante facilidade. Quando paro para pensar no que me passa pela mente, concluo que são muito poucos os momentos do dia em que me sinto realmente livre dessas emoções, paixões e sentimentos sombrios.

Caindo constantemente na mesma armadilha, antes mesmo de estar plenamente consciente disso, encontro-me a perguntar porque é que alguém me magoou, porque é que me rejeitou ou porque não me prestou atenção. Sem dar por isso, vejo-me obcecado com o sucesso, com a minha solidão e com a forma como o mundo abusa de mim. Apesar dos meus esforços constantes, muitas vezes encontro-me a sonhar acordado, a sonhar que sou rico, poderoso e muito famoso. Todos esses jogos mentais revelam-me a fragilidade da minha fé em ser «o filho amado», aquele em quem repousa o favor de Deus. Tenho tanto medo de não agradar, de ser criticado, de ser deixado de lado, de não ser tido em conta, de ser perseguido, de ser morto, que estou constantemente a inventar novas estratégias para me defender e para garantir o amor que penso precisar e merecer. E, ao fazê-lo, afasto-me cada vez mais da casa do meu pai e escolho viver num «país distante».

À procura onde não pode ser encontrado

A questão é esta: «A quem pertenço? A Deus ou ao mundo?» Muitas das minhas preocupações diárias sugerem-me que pertenço mais ao mundo do que a Deus. Uma pequena crítica irrita-me, uma pequena rejeição deprime-me. Uma breve oração eleva-me o espírito e um pequeno êxito emociona-me. Animo-me com a mesma facilidade com que me deprimos. Muitas vezes sou como um pequeno barco no oceano, completamente à mercê das ondas. Todo o tempo e energia que gasto para manter um certo equilíbrio e não cair mostram-me que a minha vida é, sobretudo, uma luta pela sobrevivência: não uma luta sagrada, mas uma luta inquieta, que nasce da ideia errada de que é o mundo que dá sentido à minha vida.

Enquanto continuo a correr por todo o lado a perguntar: «Amas-me? Realmente me amas?», concedo todo o poder às vozes do mundo e torno-me seu escravo, porque o mundo está cheio de «sins». O mundo diz: «Sim, amo-te se fores bonito, inteligente e tiveres boa saúde. Amo-te se tiveres uma boa educação, um bom emprego e bons contactos. Amo-te se

produzires muito, venderes muito e comprares muito.» Há intermináveis «sins» escondidos no amor do mundo. Esses «sins» escravizam-me, porque é impossível responder corretamente a todos eles. O amor do mundo é e será sempre condicional. Enquanto continuar a procurar o meu verdadeiro eu no mundo do amor condicional, permanecerei «agarrado» ao mundo, a tentar, a falhar, a tentar de novo. É um mundo que alimenta as dependências, porque o que oferece não pode satisfazer o mais profundo do meu coração.

«Dependência» é provavelmente a palavra que melhor explica a confusão que impregna tão profundamente a sociedade contemporânea. As nossas «dependências» levam-nos a agarrar-nos ao que o mundo chama de «chaves para a realização pessoal»: acumulação de poder e riquezas; conquista de estatuto e admiração; excesso de comida e bebida; e satisfação sexual sem distinguir entre luxúria e amor. Essas dependências criam expectativas que inevitavelmente falham ao tentar satisfazer as nossas necessidades mais profundas. À medida que vivemos num mundo de enganos, as nossas dependências condenam-nos a buscas inúteis na «terra distante», obrigando-nos a enfrentar constantes decepções enquanto permanecemos insatisfeitos. Nestes tempos de crescentes dependências, afastámo-nos muito da casa do Pai. Uma vida dependente pode descrever-se como uma vida numa «terra distante». É a partir daí que se ergue o nosso grito de libertação.

Sou o filho pródigo sempre que procuro o amor incondicional onde ele não pode ser encontrado. Porque continuo a ignorar o lugar do amor verdadeiro e insisto em procurá-lo noutra parte? Porque continuo a afastar-me do lar, onde sou tratado como filho de Deus, o amado do meu Pai? Surpreende-me como continuo a pegar nos dons que Deus me deu — a minha saúde, os meus talentos intelectuais e emocionais — e a usá-los para impressionar as pessoas, para me afirmar e para competir por reconhecimento, em vez de os utilizar para glória de Deus. Sim, muitas vezes levo-os comigo para a «terra distante» e coloco-os ao serviço de um mundo explorador que não reconhece o seu verdadeiro valor. É quase como se quisesse provar a mim mesmo e ao mundo que não preciso do amor de Deus, que posso viver por mim, que quero ser plenamente independente. Por trás de tudo isto está a grande rebelião, o «Não» rotundo ao amor do

Pai, a maldição não expressa com palavras: «Gostaria que estivesse morto.» O «Não» do filho pródigo reflete a rebelião original de Adão: a sua recusa do Deus em cujo amor fomos criados e pelo qual somos sustentados. É a rebelião que me coloca fora do jardim, fora do alcance da árvore da vida. É a rebelião que me dispersa numa «terra distante».

Olhando novamente para o retrato do regresso do filho mais novo, vejo agora que há muito mais do que um simples gesto compassivo para com um filho caprichoso. O grande acontecimento que contemplo é o fim da grande rebelião. N'Ele, a rebelião de Adão e de todos os seus descendentes é perdoada e a bênção original pela qual Adão recebeu a vida eterna é restabelecida. Agora percebo que estas mãos sempre estiveram estendidas — mesmo quando não havia ombros sobre os quais pousar. Deus nunca retirou as suas mãos, nunca negou a sua bênção, jamais deixou de considerar o filho como o Amado. Mas o Pai não podia obrigá-lo a permanecer em casa. Não podia forçar o seu amor. Tinha de o deixar partir em liberdade, sabendo até da dor que isso causaria a ambos. Foi precisamente o amor que o impediu de reter o filho a todo o custo. Foi o amor que lhe permitiu deixar o filho encontrar a sua própria vida, mesmo correndo o risco de a perder.

Aqui desvela-se o mistério da minha vida. Sou amado de tal forma que sou livre para deixar o lar. A bênção está lá desde o princípio. Rejeitei-a e continuo a rejeitá-la. Mas o Pai continua à minha espera, de braços abertos, pronto para me acolher e sussurrar-me ao ouvido: «Tu és o meu filho amado, em quem pus a minha complacência.»

3. O Regresso do Filho Mais Novo

«Desperdiçou toda a sua fortuna levando uma vida desregrada. Quando já tinha gasto tudo, sobreveio uma grande carestia naquela região e começou a passar necessidade. Então foi servir em casa de um homem do país, que o mandou para os campos guardar porcos. Desejava encher o estômago com as alfarrobas que os porcos comiam, mas ninguém lhas dava. Então refletiu e disse: “Quantos jornaleiros do meu pai têm pão de sobra, e eu aqui morro de fome! Vou pôr-me a caminho, regressarei ao meu pai e dir-lhe-ei: Pai, pequei contra o Céu e contra ti. Já não mereço ser chamado

teu filho: trata-me como um dos teus jornaleiros.” Pôs-se a caminho e foi ter com o pai.»

Perder-se

O jovem sustentado e abençoado pelo pai é um homem pobre. Deixou a sua casa cheio de orgulho e dinheiro, decidido a viver a sua própria vida longe do pai e da comunidade. Agora regressa sem nada: dinheiro, saúde, honra, dignidade, reputação... desperdiçou tudo.

Rembrandt deixa poucas dúvidas sobre o seu estado. Tem a cabeça rapada. Já não resta nada do cabelo longo e encaracolado com que Rembrandt se retratara, orgulhoso e desafiante, no bordel. A cabeça é como a daqueles prisioneiros cujos nomes foram substituídos por um número. Quando a um homem lhe rapam a cabeça, seja na prisão, no exército, num rito ou num campo de concentração, tiram-lhe uma marca da sua individualidade. A roupa que Rembrandt lhe põe é roupa interior que mal cobre o corpo emaciado. O pai e o homem alto que contempla a cena usam amplas túnicas vermelhas, que lhes conferem outra dignidade e estatuto. O filho ajoelhado não traz túnica alguma. A sua roupa amarelada com tons acastanhados apenas cobre um corpo cansado e sem forças. As plantas dos pés contam a história de uma viagem humilhante. Tem uma cicatriz no pé esquerdo, que aparece fora da sandália. O pé direito, parcialmente coberto por uma sandália rota, fala também de miséria e sofrimento. Este é um homem despojado de tudo... menos de uma coisa: a sua espada. O único sinal de dignidade que lhe resta é a pequena espada que lhe pende da cintura, símbolo da sua origem nobre. Em meio à sua degradação, agarrou-se à realidade de que ainda era filho do seu pai. De outro modo, teria vendido a espada preciosa, símbolo do seu vínculo com o pai. A espada está lá para mostrar que, embora tivesse regressado falando como mendigo e proscrito, não se tinha esquecido de que ainda era filho do seu pai. E regressou precisamente quando se lembrou e valorizou o laço que os unia.

Diante de mim vejo um homem que entrou numa terra estrangeira e lá perdeu tudo. Vejo vazio, humilhação e derrota. Parecia-se muito com o pai e agora está em pior estado do que os servos que trabalhavam para ele. Parece um escravo.

O que aconteceu ao filho naquela terra distante? Para além de todas as consequências físicas e psicológicas, quais foram as consequências mais íntimas da sua partida? A sequência de acontecimentos é bastante previsível. Quanto mais me afasto do lugar onde Deus habita, menos sou capaz de ouvir a voz que me chama «meu filho amado» e, quanto menos escuto essa voz, mais me enredo nas manipulações e jogos de poder do mundo. O que acontece é algo semelhante a isto: não tenho a certeza de ter um lar, e vejo outros que parecem estar melhor do que eu. Então pergunto-me como posso chegar aonde eles estão. Esforço-me por agradar, por ter sucesso, por ser reconhecido.

Quando fracasso, sinto ciúmes e ressentimento em relação aos outros. Torno-me desconfiado, defensivo e entro em pânico ao pensar que não conseguirei o que quero ou que perderei o que já tenho. Preso neste emaranhado de desejos e necessidades, já não sei quais são as minhas motivações. Sinto-me vítima do ambiente e desconfio do que os outros fazem ou dizem. Sempre em guarda, perco a minha liberdade interior e divido o mundo entre os que estão comigo e os que estão contra mim. Pergunto-me se realmente importo a alguém. Procuo argumentos que justifiquem a minha desconfiança. E, onde quer que vá, encontro-os, e digo a mim mesmo: «Não se pode confiar em ninguém.» E então pergunto-me se alguma vez alguém me quis bem. O mundo à minha volta torna-se sombrio. O meu coração endurece. O meu corpo enche-se de tristeza. A minha vida perde sentido. Tornei-me uma alma perdida.

O filho mais novo tomou consciência de quão perdido estava quando ninguém à sua volta lhe demonstrou qualquer interesse. Tinham-lhe dado atenção apenas na medida em que podiam usá-lo para os seus próprios interesses. Mas, quando já não tinha dinheiro para gastar nem presentes para oferecer, deixou de existir para eles. É-me muito difícil imaginar o que significa ser um completo estrangeiro, uma pessoa a quem ninguém mostra o mais pequeno sinal de reconhecimento. A verdadeira solidão chega quando deixamos de ter consciência de que temos algo em comum com os outros. Quando já ninguém quis dar-lhe nem a comida que deitava aos porcos, o filho mais novo percebeu que já nem sequer era considerado um ser humano.

Só tenho consciência parcial de quanto preciso da aceitação dos outros. Origem, história, aspirações, religião e educação semelhantes; relações, estilo de vida e costumes comuns; idade e profissão afins — tudo isto pode servir de base para a aceitação. Onde quer que conheça alguém, procuro sempre algo em comum com essa pessoa. Parece uma reação normal e espontânea. Quando digo: «Sou da Holanda», a resposta muitas vezes é: «Eu já estive lá!» ou «Tenho um amigo que vive lá!» ou «Moinhos de vento, tulipas e tamancos!»

Seja qual for a reação, procuramos sempre um vínculo comum. Quanto menos temos em comum, mais difícil é estarmos juntos e mais estranhos nos sentimos. Quando não conheço nem a língua nem os costumes dos outros, quando não entendo o seu estilo de vida, a sua religião, os seus ritos ou a sua arte, quando não conheço a sua comida nem a sua forma de comer... então sinto-me ainda mais estrangeiro e perdido.

Quando as pessoas que rodeavam o filho mais novo deixaram de o considerar um ser humano, então sentiu toda a profundidade do seu isolamento, a solidão mais intensa que alguém pode sentir. Estava realmente perdido, e foi precisamente isso que o fez voltar a si. Ficou como que abalado ao perceber o quão sozinho estava e, de repente, compreendeu que seguia por um caminho de morte. Tinha-se desligado tanto daquilo que realmente dá vida — família, amigos, conhecidos, comunidade, e até da comida — que se deu conta de que o passo seguinte seria a morte. De repente, viu com toda a clareza o caminho que tinha escolhido e aonde o tinha conduzido; percebeu que tomara uma opção de morte e soube que um passo mais nessa direção o levaria à autodestruição.

Nesse momento tão crítico, o que o levou a optar pela vida? Sem dúvida, o redescobrimento do seu eu mais profundo.

Reclamar a infância

Mesmo tendo perdido tudo: dinheiro, amigos, reputação, dignidade, paz interior e alegria, continuava a ser filho do seu pai. Disse para consigo: «Quantos jornaleiros do meu pai têm pão de sobra, e eu aqui morro de fome! Vou pôr-me a caminho, regressarei ao meu pai e dir-lhe-ei: Pai,

pequei contra o Céu e contra ti. Já não mereço ser chamado teu filho; trata-me como a um dos teus jornaleiros.» Com estas palavras gravadas no coração foi capaz de deixar a terra estrangeira e regressar a casa.

O significado do regresso do filho mais novo está expresso em: «Pai... já não mereço ser chamado teu filho.» Por um lado, o filho mais novo percebe que perdeu a dignidade do seu vínculo filial mas, ao mesmo tempo, esse mesmo sentido de perda de dignidade torna-o consciente de que, por ser filho, tinha uma dignidade a perder.

O regresso do filho mais novo dá-se no momento preciso em que ele reclama o seu vínculo filial, apesar de ter perdido toda a dignidade que isso comporta. De facto, foi a perda de tudo o que o levou ao fundo da sua identidade. Retrospectivamente, parece que o pródigo teve de perder tudo para entrar na profundidade do seu ser. Quando se encontrou a desejar ser tratado como um porco, percebeu que não era um porco, mas sim um ser humano, filho do seu pai. Compreender isto foi o princípio da sua escolha de viver em vez de morrer. Uma vez chegado à verdade da sua condição de filho, pôde ouvir — ainda que muito tenuemente — a voz que o chamava «o amado» e pôde sentir — mesmo de longe — o toque da bênção. Esta consciência da confiança no amor do pai, ainda que esbatida, deu-lhe a força para reclamar a sua condição de filho, mesmo que essa reivindicação não estivesse baseada em mérito algum.

Há alguns anos também eu me encontrei diante da mesma disjuntiva: voltar ou não voltar. Uma amizade que a princípio parecia promissora e vivificante levou-me, pouco a pouco, a afastar-me cada vez mais de casa, até me deixar totalmente obcecado. Do ponto de vista espiritual, vi que, para manter viva essa amizade, estava a desperdiçar tudo o que tinha recebido do meu pai. Já não conseguia rezar. Tinha perdido o interesse pelo meu trabalho e tornava-se cada vez mais difícil atender aos problemas dos outros. Embora me apercebesse do carácter destrutivo dos meus pensamentos e ações, permanecia escravo do meu coração, faminto de amor e à procura de caminhos falsos para conquistar a minha autoestima.

Então, quando finalmente essa amizade se rompeu de vez, tive de escolher entre destruir-me ou confiar que o amor que procurava existia realmente... em casa! Uma voz, uma voz muito ténue, sussurrou-me que

jamais um ser humano seria capaz de me dar o amor que eu procurava, nem aquela amizade, nem outra relação íntima; também nenhuma comunidade poderia alguma vez satisfazer as necessidades mais profundas do meu coração. Essa voz, suave mas insistente, falou-me da minha vocação, dos meus primeiros compromissos, dos muitos dons que tinha recebido na casa do meu pai. Essa voz chamou-me «filho».

A angústia do abandono foi tão forte que me era muito difícil, quase impossível, acreditar nessa voz. Mas os meus amigos, vendo o meu desespero, continuaram a animar-me para superar a minha angústia e confiar que havia alguém à minha espera em casa. Finalmente, retirei-me para um lugar onde pudesse estar sozinho. Ali, na minha solidão, comecei a caminhar de volta a casa, lenta e hesitante, ouvindo cada vez com mais clareza a voz que dizia: «Tu és o meu filho amado, em quem pus a minha complacência.»

Esta experiência triste, embora cheia de esperança, levou-me ao núcleo da luta espiritual pela escolha correta. Deus diz: «Ponho hoje diante de vós o céu e a terra como testemunhas contra vós: diante de ti estão a vida e a morte, a bênção e a maldição. Escolhe a vida, para que vivas tu e a tua descendência, amando o Senhor teu Deus, escutando a sua voz e permanecendo unido a Ele.» (Dt 30,19-20) Assim, é uma questão de vida ou de morte. Aceitamos o jugo de um mundo que nos aprisiona ou reclamamos a liberdade dos filhos de Deus? Temos de escolher.

Judas traiu Jesus. Pedro negou-o. Ambos eram filhos perdidos. Judas não foi capaz de suportar o facto de que continuava a ser filho de Deus e enforcou-se. Pedro, no meio da sua desolação, refletiu e voltou chorando. Judas escolheu a morte. Pedro escolheu a vida. Tenho consciência de que esta escolha está sempre diante de mim. Constantemente sinto a tentação de me afundar na minha perdição e perder de vista a minha bondade original, a humanidade que Deus me deu, a minha felicidade e, assim, deixar que os poderes da morte avancem. Isso acontece uma e outra vez e, quando acontece, digo a mim mesmo: «Não sou bom. Não valho a pena. Não presto. Não sou ninguém.»

Sempre há acontecimentos e situações em que sou tentado a convencer-me a mim e aos outros de que a minha vida não vale nada, de que sou

apenas um peso, um problema, uma fonte de conflitos ou um explorador do tempo e da energia dos outros. Muitas pessoas vivem com este sentimento sombrio. Ao contrário do pródigo, deixam que a escuridão as absorva de tal forma que já não lhes resta nenhuma luz para onde regressar. Pode ser que não tenham morrido fisicamente, mas já não têm vida espiritual. Perderam a fé na sua bondade original e, por isso, no Pai que lhes deu a humanidade.

Mas, quando Deus criou o homem e a mulher à sua imagem e semelhança, «Deus viu que era muito bom» (Gn 1,31). Apesar das vozes sombrias, nenhum homem ou mulher conseguiu alterar isso. No entanto, a voz da minha condição de filho não é uma voz fácil. As vozes escuras do mundo que me rodeia tentam persuadir-me de que não sou bom e de que só o poderei ser subindo pela escada do sucesso. Essas vozes levam-me a esquecer a voz que me diz «meu filho, o amado», recordando-me que o facto de ser amado é independente de qualquer mérito ou conquista. Essas vozes escuras abafam a voz suave, amável e luminosa que continua a chamar-me «meu preferido»; empurram-me para a periferia da minha existência e fazem-me duvidar de que haja um Deus amoroso à minha espera no mais íntimo do meu ser.

Mas abandonar a terra distante é apenas o princípio. O caminho de regresso a casa é longo e difícil. Que fazer nesse caminho de regresso ao Pai? Está muito claro o que faz o filho pródigo. Prepara um discurso. Mal se lembrou da sua condição de filho, pensou: «Levantar-me-ei, irei ter com o meu pai e dir-lhe-ei: Pai, pequei contra o Céu e contra ti. Já não mereço ser chamado teu filho; trata-me como um dos teus jornaleiros.» Ao ler estas palavras, vejo como se enche a minha vida interior. Vivo constantemente envolvido em diálogos intermináveis com interlocutores ausentes, antecipando as suas perguntas e preparando as minhas respostas. Eu próprio me surpreendo com a energia emocional que existe dentro destas meditações e murmúrios interiores. Sim, deixo a terra distante. Sim, ponho-me a caminho de casa... mas para quê tantos preparativos para discursos que nunca irei pronunciar?

A razão é clara. Embora reclame a minha verdadeira identidade como filho de Deus, continuo a viver como se o Deus para quem volto exigisse alguma explicação. Ainda considero o seu amor um amor condicional e a

casa um lugar de que não estou totalmente seguro. Enquanto caminho para casa, continuo a duvidar se serei realmente bem recebido quando chegar. Ao pensar na minha trajetória espiritual, na minha longa e fatigante viagem de regresso a casa, vejo que está cheia de culpa pelo passado e de preocupação pelo futuro. Tenho consciência dos meus fracassos e sei que perdi a dignidade de filho, mas ainda não sou capaz de acreditar plenamente que, onde os meus fracassos são grandes, «superabunda a graça» (Rom 5,20). Continuo a agarrar-me ao meu sentimento de inutilidade e imagino para mim um lugar longe daquele que corresponde ao filho. A fé cega no perdão total e absoluto não chega facilmente. A minha experiência humana diz-me que o perdão se reduz à vontade do outro em renunciar à vingança e mostrar-me alguma caridade.

O longo caminho para casa

O Regresso do Filho Pródigo está cheio de ambiguidades. Está a percorrer o caminho certo, mas quanta confusão! Admite que é incapaz de o percorrer sozinho e reconhece que estaria melhor tratado como escravo em casa do pai do que como pária numa terra estrangeira; no entanto, ainda está longe de confiar no amor do pai. Sabe que continua a ser filho, mas diz a si mesmo que perdeu a dignidade de ser chamado «filho», e prepara-se para aceitar a condição de «jornaleiro», para pelo menos sobreviver. Há arrependimento, mas não um arrependimento à luz do imenso amor de um Deus que perdoa. É um arrependimento interesseiro, que oferece apenas a possibilidade de sobrevivência. Conheço muito bem esse sentimento. É como dizer: «Bem, não consigo fazê-lo sozinho, tenho de reconhecer que Deus é o único recurso que me resta. Irei a Ele e pedir-lhe-ei perdão, na esperança de receber um castigo mínimo e de que me permita sobreviver em trabalhos forçados.» Deus continua a ser um Deus severo, um Deus juiz. É este Deus que me faz sentir culpado, que me preocupa e que faz ressoar dentro de mim todas estas desculpas. A submissão a este Deus não dá a verdadeira liberdade interior; apenas alimenta amargura e ressentimento.

Um dos grandes desafios da vida espiritual é receber o perdão de Deus. Há algo em nós, seres humanos, que nos leva a agarrarmo-nos aos nossos pecados e que nos impede de deixar Deus apagar o nosso passado e oferecer-nos um recomeço totalmente novo. Às vezes parece que quero

mostrar a Deus que a minha escuridão é demasiado grande para ser vencida. Enquanto Ele quer devolver-me toda a dignidade da minha condição de filho, eu insisto que me contentaria em ser apenas um jornaleiro. Mas será que realmente quero que me seja devolvida toda a responsabilidade de ser filho? Será que desejo realmente ser totalmente perdoado e poder viver de outra forma? Tenho fé suficiente em mim e numa mudança tão radical? Quero romper com a minha rebelião tão enraizada contra Deus e render-me ao seu amor absoluto, capaz de fazer nascer uma pessoa nova? Receber o perdão implica a vontade de deixar Deus ser Deus e de Lhe permitir fazer todo o trabalho de cura, restauração e renovação da minha pessoa. Sempre que tento fazer eu próprio parte do trabalho, acabo por me conformar com soluções do tipo «tornar-me jornaleiro».

Sendo jornaleiro posso continuar a manter a distância, a revoltar-me ou a queixar-me do salário. Sendo filho amado, tenho de assumir a minha dignidade e começar a preparar-me para me tornar pai.

Está claro que é necessário percorrer a distância entre a saída de casa e o regresso de forma sábia e disciplinada. A disciplina consiste em chegar a ser filho de Deus. Jesus deixa claro que o caminho para chegar a Deus é o caminho da infância: «Em verdade vos digo: se não vos converterdes e não vos tornardes como crianças, não entrareis no reino dos céus.» (Mt 18,3) Jesus não me pede que continue a ser uma criança, mas que me torne criança. Tornar-se criança significa viver segundo uma segunda inocência: não a inocência do recém-nascido, mas a inocência que se alcança através de opções conscientes.

Como se poderiam descrever os que chegaram a essa segunda infância, a essa segunda inocência? Jesus descreve-os claramente nas Bem-aventuranças. Pouco depois de ter ouvido a voz que o chamava o Amado, e após rejeitar a de Satanás que o desafiava a provar ao mundo que era digno de ser amado, inicia o seu ministério público. Uma das primeiras coisas que faz é escolher os discípulos para o seguirem e partilharem com Ele a sua missão. Depois, Jesus sobe à montanha, reúne os discípulos e diz: «Bem-aventurados os pobres, os mansos, os que choram, os que têm fome e sede de justiça, os misericordiosos, os puros de coração, os pacíficos e os que sofrem perseguição por causa da justiça.»

Estas palavras traçam o retrato do filho de Deus. São um autorretrato de Jesus, o Filho Amado. São também o retrato daquilo que devo ser. As Bem-aventuranças mostram-me o caminho mais simples para regressar a casa, à casa do meu Pai. E por essa rota descobrirei as alegrias da segunda infância: consolo, misericórdia e até uma visão mais clara de Deus. E, quando chegar a casa e sentir o abraço do meu Pai, verei que não só devo reclamar o Céu, mas também que a terra também será a minha herança, um lugar onde posso viver em liberdade sem obsessões nem coações. Tornar-me criança significa viver as Bem-aventuranças e encontrar a porta estreita do Reino. Terá Rembrandt tido consciência de tudo isto? Não sei se é a parábola que me leva a descobrir aspetos novos do quadro ou se é o quadro que me leva a descobrir aspetos novos da parábola. Mas, olhando para a cabeça do rapaz recém-chegado, vejo retratada a segunda infância.

Lembro-me bem de quando mostrava a pintura de Rembrandt aos meus amigos e lhes perguntava o que viam. Uma deles, uma jovem, levantou-se, aproximou-se da grande reprodução de *O Filho Pródigo* e pousou a sua mão sobre a cabeça do rapaz. Então disse: «Esta é a cabeça de um bebé que acabou de sair do ventre da sua mãe. Vê, ainda está húmida, e o seu rosto é como o de um feto.» De repente, todos os que ali estávamos vimos isso claramente. Estaria Rembrandt a retratar não só o regresso ao Pai, mas também o regresso ao ventre de Deus que é Mãe e Pai?

Até esse momento pensava na cabeça rapada do rapaz como a de alguém que tinha estado prisioneiro ou que tinha vivido num campo de concentração. Pensava no seu rosto como o de um refém maltratado e debilitado. E pode bem ser que fosse isso o que Rembrandt queria mostrar. Mas, desde aquele encontro com os meus amigos, já não consigo olhar o quadro sem ver ali um bebé a voltar a entrar no útero da sua mãe. Isso ajuda-me a compreender melhor o caminho que devo seguir para regressar a casa.

Não é acaso a criança pequena pobre, mansa e pura de coração? Não chora a criança ao mais pequeno sofrimento? Não tem ela fome e sede de justiça, e não é também vítima de perseguição? E que dizer de Jesus, a Palavra de Deus que se fez carne, que viveu nove meses no ventre de Maria e veio a este mundo como uma criança pequena, adorada pelos pastores de

perto e de longe, e pelos Magos do Oriente? O Filho eterno fez-se criança para que eu pudesse voltar a ser criança e assim entrar de novo com Ele no Reino do Pai. «Em verdade, em verdade te digo», disse Jesus a Nicodemos, «quem não nascer de novo não pode ver o Reino de Deus.» (Jo 3,3)

O verdadeiro pródigo

Aproximo-me já do mistério de que o próprio Jesus se tornou filho pródigo para nossa salvação. Abandonou a casa do Pai celeste, partiu para uma terra distante, deixou tudo o que tinha e regressou com a sua cruz à casa do Pai. Tudo o que fez — não como filho rebelde, mas como filho obediente — serviu para reconduzir todos os filhos perdidos de Deus à casa do Pai. O mesmo Jesus, que contou a parábola aos que o criticavam por conviver com pecadores, viveu Ele próprio o longo e doloroso caminho que ela descreve.

Quando comecei a refletir sobre a parábola, não me ocorreu pensar que Jesus pudesse ser o filho pródigo. Mas agora, depois de tantas horas de íntima contemplação, sinto-me abençoado por esta visão. Não será o jovem destruído, ajoelhado diante do pai, o «Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo» (Jo 1,29)? Não será Ele aquele que foi feito pecado por nós, para que pudéssemos experimentar a força salvadora de Deus (2 Cor 5,21)? Não será Ele aquele que, «sendo de condição divina, não considerou como presa o ser igual a Deus, mas despojou-se da sua grandeza, tomou a condição de servo e fez-se semelhante aos homens» (Fl 2,6-7)? Não será Ele, o Filho de Deus sem pecado, que gritou da cruz: «Meu Deus, meu Deus, porque me abandonaste?» (Mt 27,46)? Jesus é o filho pródigo do Pai pródigo, que distribuiu tudo o que o Pai lhe confiara para que eu possa ser como Ele e regressar com Ele à casa do Pai.

Considerar Jesus como o filho pródigo vai além da interpretação tradicional da parábola. Contudo, encerra um grande segredo. Aos poucos vou descobrindo o que significa dizer que a minha condição de filho e a condição de filho de Jesus são uma só, que o meu regresso e o regresso de Jesus são um só, que a minha casa e a casa de Jesus são uma só. Não há outro caminho para Deus senão o caminho que Jesus percorreu. Aquele que

contou a parábola do filho pródigo é a Palavra de Deus que «se fez carne e habitou entre nós, e nós vimos a sua glória» (Jo 1,1-14).

Quando olho para a história do filho pródigo com os olhos da fé, o «regresso» do pródigo torna-se o regresso do Filho de Deus, que reúne em si toda a humanidade e a conduz à casa do Pai celeste (Jo 12,32). Como diz Paulo: «Foi do agrado de Deus fazer habitar nele toda a plenitude, e por meio dele reconciliar consigo todas as coisas, tanto as da terra como as do céu» (Col 1,19-20).

O Frère Pierre-Marie, fundador da Fraternidade de Jerusalém, uma comunidade de monges que vivem no coração das cidades, reflete de uma forma muito poética e bíblica sobre Jesus no papel de filho pródigo. Escreve: «Aquele que não nasceu de raça humana, nem de desejo humano, nem de vontade humana, mas do próprio Deus, um dia, reuniu tudo e partiu com a sua herança e com o seu título de Filho. Foi para uma terra remota... uma terra distante... onde se tornou como os seres humanos e se esvaziou. Os seus não o acolheram e a sua primeira cama foi... uma cama de palha! Cresceu entre nós como uma raiz em terra árida, foi desprezado, o mais insignificante dos homens, diante de quem se esconde o rosto. Muito cedo conheceu o exílio, a hostilidade, a solidão.

Depois de ter gasto tudo levando uma vida de abundância — a sua valia, a sua paz, a sua luz, a sua verdade, a sua vida... todos os tesouros do conhecimento e da sabedoria e o mistério oculto desde tempos imemoriais —, depois de se ter perdido entre os filhos da casa de Israel, depois de ter consagrado o seu tempo aos doentes (e não aos ricos), aos pecadores (e não aos justos), e até às prostitutas a quem prometeu que entrariam no Reino do seu Pai; depois de ter sido tratado como glutão e bebedor, amigo de publicanos e pecadores, como um samaritano, um possuído, um blasfemo; depois de ter entregue tudo, até ao seu corpo e ao seu sangue; depois de ter experimentado em si mesmo a dor, a angústia e a inquietação da alma; depois de ter tocado o fundo da desesperação, com a qual se revestiu voluntariamente ao sentir-se abandonado pelo Pai, longe da fonte da água viva, gritou da cruz em que estava pregado: «Tenho sede.» Estava deitado, descansando no pó e na sombra da morte. E ali, ao terceiro dia, levantou-se das profundezas do inferno a que tinha descido, carregado com os pecados e

tristezas de todos nós. E de pé, erguido, clamou: «Sim, vou para o meu Pai e vosso Pai, para o meu Deus e vosso Deus.» E voltou a subir ao Céu.

Então, no silêncio, olhando para o seu Filho e para o resto dos seus filhos, o Pai disse aos servos: «Depressa! Trazei a melhor túnica e vesti-lha; ponde-lhe um anel no dedo e sandálias nos pés; vamos comer e festejar! Porque os meus filhos, que como sabeis estavam mortos, voltaram à vida; estavam perdidos e foram encontrados! O meu Filho pródigo trouxe-os de volta.» E todos começaram a festejar, vestidos com as suas longas túnicas, lavados no sangue do Cordeiro.

Olhando de novo para o *Filho Pródigo* de Rembrandt, vejo-o agora de modo diferente. Vejo Jesus a regressar ao seu Pai e meu Pai, ao seu Deus e meu Deus.

Não é muito provável que Rembrandt tenha pensado no filho pródigo desta forma. Esta compreensão não fazia parte das pregações e dos escritos do seu tempo. Contudo, ver Jesus neste jovem cansado e destroçado consola muito. O jovem abraçado pelo Pai já não é apenas o pecador arrependido, mas a humanidade inteira a regressar a Deus. O corpo despedaçado do pródigo torna-se o corpo despedaçado da humanidade, e o rosto infantil do jovem que regressa torna-se o rosto de todos os que sofrem e anseiam voltar ao paraíso perdido. Assim, o quadro de Rembrandt transforma-se em algo mais do que um simples retrato comovente de uma parábola. Torna-se o resumo da história da nossa salvação. A luz que envolve o Pai e o filho fala agora da glória que espera os filhos de Deus. Vêm-me à memória as palavras de João: «Agora somos filhos de Deus, e ainda não se manifestou o que havemos de ser. Mas sabemos que, quando se manifestar, seremos semelhantes a Ele, porque O veremos tal como Ele é.» (1 Jo 3,2)

Mas nem o quadro de Rembrandt nem a parábola ali representada nos deixam num estado de êxtase. Quando vi o Pai naquela reprodução no escritório de Simone, a cena central do Pai a abraçar o filho que regressa, não reparei nos quatro curiosos que observavam a cena. Mas agora conheço os rostos dos que rodeiam o «regresso». São enigmáticos — para não dizer mais — sobretudo o do homem alto que está de pé à direita do quadro. Sim, há beleza, glória, salvação... mas estão também os olhos críticos dos que olham sem se comprometerem. Acrescentam uma nota de limitação ao

quadro e previnem contra qualquer tentativa de solução rápida e romântica para a questão da reconciliação espiritual. A viagem do filho mais novo não pode, contudo, separar-se da «viagem» do filho mais velho. Tanto assim que agora — não sem algum temor — é nele que me vou concentrar.

PARTE II

O Filho Mais Velho

«O seu filho mais velho estava no campo. Quando regressou e se aproximou de casa, ao ouvir a música e os cânticos, chamou um dos criados e perguntou-lhe o que se passava. O criado respondeu: “O teu irmão voltou, e o teu pai matou o vitelo gordo porque o recuperou são e salvo.” Ele ficou irritado e não queria entrar. O Pai saiu a persuadi-lo, mas o filho respondeu: “Há já muitos anos que te sirvo sem nunca desobedecer às tuas ordens, e nunca me deste um cabrito para fazer uma festa com os meus amigos. Mas chega esse teu filho, que gastou a tua fortuna com prostitutas, e matas-lhe o vitelo gordo.” Mas o Pai respondeu: “Filho, tu estás sempre comigo, e tudo o que é meu é teu. Mas temos de nos alegrar e festejar, porque este teu irmão estava morto e voltou à vida; estava perdido e foi encontrado.”»

4. Rembrandt e o Filho Mais Velho

Durante o tempo que passei no Hermitage a contemplar *O Filho Pródigo*, em nenhum momento me questionei se o homem que está de pé à direita da plataforma, onde o Pai abraça o filho recém-chegado, seria ou não o filho mais velho. A forma como observa aquele gesto impressionante de acolhimento não deixa dúvida de quem Rembrandt queria retratar. Tirei algumas notas descrevendo esse espectador de olhar sombrio e distante e reconheci ali tudo o que Jesus diz acerca do filho mais velho.

Além disso, a parábola deixa claro que o filho mais velho não está em casa quando o Pai acolhe o filho e lhe demonstra a sua misericórdia. Pelo contrário, a história conta que, quando o filho mais velho chega a casa do trabalho, a festa de boas-vindas em honra do seu irmão já está em pleno andamento.

Surpreende-me como foi fácil não reparar na diferença entre o quadro de Rembrandt e a parábola, e simplesmente dar por adquirido que Rembrandt quis pintar os dois irmãos no seu retrato do filho pródigo.

Quando voltei a casa e comecei a ler os estudos históricos sobre o quadro, apercebi-me de imediato de que muitas críticas estavam ainda menos seguras do que eu em identificar o homem que está de pé à direita. Alguns descreviam-no como um ancião, e até havia quem se perguntasse se teria sido realmente pintado por Rembrandt.

Mas um dia, mais de um ano após a minha visita ao Hermitage, um amigo, Ivan Dyer, com quem muitas vezes discutia o meu interesse pelo quadro do Pródigo, enviou-me uma cópia de *O Significado Religioso do Regresso do Filho Pródigo de Rembrandt*, de Bárbara Joan Haeger. Este brilhante estudo, que localiza a pintura no contexto da tradição visual e iconográfica da época de Rembrandt, voltava a situar o filho mais velho no quadro.

Haeger demonstra que, tanto nos comentários bíblicos como nas pinturas do tempo de Rembrandt, a parábola do fariseu e do publicano e a parábola do filho pródigo estavam intimamente relacionadas. Rembrandt dá continuidade a essa tradição. O homem sentado, batendo no peito e olhando para o filho pródigo, seria um administrador que representaria os pecadores e publicanos, enquanto o homem de pé, a olhar enigmático para o Pai, seria o filho mais velho, representando os escribas e fariseus. Colocando o filho mais velho no quadro como testemunha principal do que ali se passa, Rembrandt vai além do texto literal da parábola e também além da tradição da sua época. Assim, Rembrandt permanece fiel, como diz Haeger, «não apenas à letra mas também ao espírito do texto bíblico.»

As descobertas de Bárbara Haeger são muito mais do que uma feliz confirmação da minha primeira intuição. Ajudam-me a ver *O Regresso do Filho Pródigo* como uma obra que resume a grande batalha espiritual, bem como as grandes opções que essa batalha exige. Pintando não só o filho mais novo nos braços do Pai, mas também o mais velho, que ainda pode escolher a favor ou contra o amor que lhe é oferecido, Rembrandt coloca-me diante do «drama interior da alma», o dele e o meu. Do mesmo modo que a parábola do Filho Pródigo encerra a mensagem central do Evangelho e convida os que a escutam a tomar uma decisão, também o quadro de Rembrandt resume a sua própria luta espiritual e convida os seus espectadores a tomar uma decisão pessoal sobre as suas vidas.

Assim, as figuras secundárias de Rembrandt fazem do quadro uma obra que envolve o espectador de forma profundamente pessoal. No final de 1983, quando vi aquele cartaz pela primeira vez, representando apenas a parte central do quadro, senti de imediato que estava a ser chamado a algo. Agora que conheço melhor todo o quadro e, especialmente, o significado da figura principal à direita, estou mais convencido do que nunca do enorme desafio espiritual que este quadro representa.

Olhando para o filho mais novo e refletindo sobre a vida de Rembrandt, percebi claramente que ele teve de o compreender de forma pessoal. Quando pintou *O Regresso do Filho Pródigo*, já tinha vivido uma existência marcada por grande confiança em si mesmo, sucesso e popularidade, seguida de perdas muito dolorosas, desilusões e fracassos. Através de tudo isso, passou da luz exterior para a interior, do retrato dos factos externos ao retrato dos significados profundos, de uma vida cheia de coisas e pessoas para uma vida marcada pela solidão e pelo silêncio. Com os anos, tornou-se mais profundo e silencioso. Era o seu regresso espiritual a casa.

Mas o filho mais velho também faz parte da experiência vital de Rembrandt. Muitos biógrafos modernos são, de facto, bastante críticos em relação à visão romântica da sua vida. Insistem que Rembrandt estava muito mais sujeito às exigências dos seus patrocinadores e à sua necessidade de dinheiro do que se pensa, que os seus temas eram mais o resultado das modas da época do que da sua própria visão espiritual, e que os seus fracassos se deviam muito ao seu carácter farisaico, desagradável e à falta de reconhecimento do meio que o rodeava.

Biografias recentes apresentam Rembrandt como um manipulador egoísta e calculista mais do que como um homem em busca da sua verdade espiritual. Afirmam que muitas das suas pinturas, por mais brilhantes que sejam, são bem menos espirituais do que parecem. A minha primeira reação a estes estudos tão desmistificadores foi de choque. Em particular a biografia de Gary Schwartz, que não permite uma visão romântica de Rembrandt, levou-me a questionar se alguma vez tinha ocorrido nele algo semelhante a uma “conversão”. Está claro, a partir de estudos recentes sobre as relações de Rembrandt com os seus mecenas, que lhe encomendavam e compravam as obras, bem como com a família e amigos,

que era uma pessoa de trato muito difícil. Schwartz descreve-o como um “homem amargo e vingativo, que usava todas as armas permitidas e não permitidas para atacar quem se atravessasse no seu caminho.”

Assim, Rembrandt era conhecido por agir de forma egoísta, arrogante e vingativa. Onde isso mais se demonstra é na forma como tratou Geertje Dirckx, com quem viveu seis anos. Utilizou o irmão de Geertje para “recolher testemunhos dos vizinhos contra ela, e assim poder interná-la num manicómio.” O resultado foi o seu confinamento numa instituição psiquiátrica. Quando finalmente chegou o momento de poder sair, “Rembrandt contratou um agente para recolher novas provas contra ela, e garantir que continuasse internada.” Durante o ano de 1649, quando começaram a suceder estes factos trágicos, Rembrandt estava tão obcecado com eles que não pintou nada. Foi então que surgiu um novo Rembrandt, um homem perdido na sua amargura, desejoso de vingança, capaz de qualquer traição.

É difícil aceitar este Rembrandt. É muito mais fácil simpatizar com um personagem luxurioso, que se deleita nos prazeres hedonistas do mundo e que, de repente, regressa a casa e se torna uma pessoa profundamente espiritual. Mas apreciar um homem profundamente ressentido, que desperdiça grande parte do seu tempo em processos judiciais e que afasta as pessoas com o seu comportamento arrogante, é muito mais duro. E, no entanto, esta foi uma parte da sua vida, uma parte que não posso ignorar.

Rembrandt é tanto o filho mais velho como o mais novo. Quando, nos últimos anos da sua vida, pintou os dois irmãos no *Regresso do Filho Pródigo*, tinha vivido de tal modo que não lhe eram estranhos nem os desvios do filho mais novo nem os do mais velho. Ambos precisavam de salvação e perdão. Ambos precisavam de regressar a casa. Ambos precisavam do abraço de um pai misericordioso. Mas fica claro, pela história e pelo quadro, que a conversão mais difícil foi a daquele que ficou em casa.

5. O Filho Mais Velho Afasta-se

«O seu filho mais velho estava no campo. Quando regressou e se aproximou de casa, ao ouvir a música e as danças, chamou um dos criados e perguntou-lhe o que se passava. O criado respondeu: “O teu irmão voltou e o teu pai matou o vitelo gordo porque o recuperou são e salvo.” Ele irritou-se e não queria entrar. O pai saiu a persuadi-lo, mas o filho respondeu: “Há já muitos anos que te sirvo sem nunca desobedecer às tuas ordens, e nunca me deste sequer um cabrito para fazer uma festa com os meus amigos. Mas chega esse teu filho, que gastou o teu património com prostitutas, e matas-lhe o vitelo gordo.”»

De pé com as mãos juntas

Nas horas que passei no Hermitage a olhar para o quadro de Rembrandt, fiquei fascinado com a figura do filho mais velho. Lembro-me de o observar durante muito tempo, perguntando-me o que se passaria pela sua mente e pelo seu coração. É, sem dúvida alguma, a testemunha principal do regresso a casa do filho mais novo. Quando o único detalhe do quadro que conhecia era o do Pai a abraçar o filho recém-chegado, era bastante fácil percebê-lo como uma pintura atraente, comovente e tranquilizador. Mas quando vi todo o quadro, percebi de imediato a complexidade daquele reencontro. A testemunha principal, olhando o pai a abraçar o filho, está como que afastada. Olha para o Pai sem alegria. Não se aproxima, não sorri, não expressa acolhimento. Simplesmente está ali de pé – a um lado da plataforma – sem desejo aparente de se aproximar.

É verdade que o “regresso” é o acontecimento central do quadro; no entanto, não está colocado no centro da tela, mas no lado esquerdo, enquanto o filho mais velho, alto e arrogante, domina o lado direito. Há um grande espaço aberto que separa o pai do filho mais velho, um espaço que gera uma tensão à espera de ser resolvida.

Olhando para o filho mais velho, não consigo sentir-me implicado sentimentalmente no “regresso”. A testemunha principal mantém a distância, sem aparentemente ter intenção de participar na receção do pai. O que se passa no interior deste homem? O que fará? Aproximar-se-á para abraçar o irmão como faz o pai, ou dar-lhe-á as costas, partindo zangado e descontente?

Desde que o meu amigo Bart me disse que eu me parecia mais com o irmão mais velho do que com o mais novo, tenho observado este “homem da direita” com mais atenção, e descobri coisas novas e muito dolorosas. Tal como Rembrandt os pintou, pai e filho parecem-se bastante. Ambos têm barba e envergam longas túnicas vermelhas sobre os ombros. Estes detalhes externos revelam que pai e filho têm muito em comum, o que é sublinhado pela luz que incide sobre o filho mais velho, conectando-o de forma muito direta com o rosto iluminado do pai.

Mas que diferença! O pai inclina-se sobre o filho recém-chegado. O filho mais velho permanece de pé, rígido, postura acentuada pelo longo cajado que segura com as mãos e que chega até ao chão. O manto do pai é largo e acolhedor; o do filho é pesado. As mãos do pai estão abertas e tocam o recém-chegado num gesto de bênção; as do filho estão unidas, quase à altura do peito. Há luz em ambos os rostos, mas a luz no rosto do pai percorre todo o seu corpo – especialmente as mãos – e envolve o filho mais novo num halo de cálida luminosidade, enquanto a luz no rosto do filho mais velho é fria e estreita. A sua figura permanece na escuridão, as suas mãos na sombra.

A parábola que Rembrandt retratou poderia muito bem chamar-se “A Parábola dos Filhos Perdidos”. Não só o filho mais novo se perdeu, ao sair de casa em busca de liberdade e felicidade, mas também o que ficou em casa se perdeu. Aparentemente, fez tudo o que um bom filho devia fazer, mas interiormente afastou-se do pai. Trabalhava arduamente todos os dias e cumpria as suas obrigações, mas estava cada vez mais infeliz e menos livre.

Perdido no ressentimento

É-me muito difícil reconhecer que este homem amargurado, ressentido e zangado pudesse estar, em sentido espiritual, mais próximo de mim do que o seu jovem e luxurioso irmão. Contudo, quanto mais penso no filho mais velho, mais me reconheço nele. Como filho mais velho da minha própria família, sei muito bem o que é ter de ser o filho exemplar.

Pergunto-me muitas vezes se não serão especialmente os filhos mais velhos aqueles que querem corresponder às expectativas dos pais e desejam

ser vistos como obedientes e cumpridores do dever. Querem sempre agradar e receiam desiludir os pais. Mas também experimentam, desde muito cedo, uma certa inveja em relação aos irmãos mais novos, que parecem menos preocupados em agradar e mais livres para “fazer o que lhes apetece”. Este é o meu caso, e sempre me senti estranhamente atraído por uma vida desobediente que nunca tive coragem de levar, mas que vi muitos à minha volta viverem. Sempre fiz as coisas certas, cumprindo os planos organizados pelas várias figuras paternas com quem me cruzei ao longo da vida – professores, diretores espirituais, bispos e papas – e, ao mesmo tempo, muitas vezes perguntei a mim mesmo porque nunca tive a coragem de “partir” como fez o filho mais novo.

Parece estranho dizê-lo, mas no fundo senti inveja do filho desobediente. É este o sentimento que me surge quando vejo os meus amigos divertirem-se a fazer coisas que eu reprovoo. Dizia que o seu comportamento era censurável, até imoral, mas ao mesmo tempo perguntava-me porque não tinha eu a coragem de fazer todas essas coisas ou, pelo menos, algumas delas.

A vida obediente e de serviço de que me orgulho, vejo-a às vezes como um fardo que me foi colocado sobre os ombros e que continua a oprimir-me, apesar de a ter aceite ao ponto de ser incapaz de me libertar dela. Não me custa identificar-me com o filho mais velho da parábola que se queixava: “Há já muitos anos que te sirvo sem nunca desobedecer às tuas ordens, e nunca me deste sequer um cabrito para fazer uma festa com os meus amigos.” Nesta queixa, a obediência e o dever transformaram-se em fardo, e o serviço em escravidão. Tudo isto se me tornou muito claro quando um amigo, recentemente convertido ao cristianismo, me criticou por não rezar o suficiente. Essa crítica deixou-me muito irritado. Disse para comigo: “Como se atreve ele a dar-me lições de oração! Durante anos levou uma vida descuidada e indisciplinada, enquanto eu sempre vivi uma vida de fé. Agora converte-se e começa a dizer-me como devo comportar-me!” Este ressentimento interior revela o meu próprio “desvio”. Permaneci em casa, não parti, mas não vivia em liberdade na casa do meu pai. A minha ira e inveja eram prova da minha escravidão.

Isto não acontece apenas comigo. Há muitos filhos e filhas mais velhos que estão perdidos apesar de permanecerem em casa. E é este “extravio” – caracterizado pelo julgamento e condenação, pela ira e pelo ressentimento, pela amargura e pelos ciúmes – que é tão perigoso para o coração humano. Muitas vezes pensamos no extravio como atos visíveis e espetaculares. O filho mais novo pecou de forma evidente. A sua perdição é óbvia. Desperdiçou o dinheiro, o tempo, os amigos, o próprio corpo. O que fez estava errado; soube-o a família, os amigos e ele próprio. Rebelou-se contra toda a moralidade e deixou-se levar pela luxúria e pela ganância. Depois, ao ver que essa conduta caprichosa o conduzia apenas à miséria, refletiu, voltou atrás e pediu perdão. Estamos perante o erro humano clássico que se resolve de forma clara. É algo que se compreende e com que se simpatiza facilmente.

No entanto, o extravio do filho mais velho é muito mais difícil de identificar. Afinal, ele fazia tudo bem. Era obediente, prestável, cumpridor da lei e muito trabalhador. As pessoas respeitavam-no, admiravam-no, elogiavam-no e consideravam-no um filho exemplar. Aparentemente, o filho mais velho não tinha falhas. Mas quando viu a alegria do pai pelo regresso do irmão mais novo, um poder obscuro veio à luz. De repente, surgiu a pessoa ressentida, orgulhosa, severa e egoísta que estava escondida e que, com os anos, se tinha tornado mais forte e poderosa.

Olhando para o meu interior e para as pessoas que me rodeiam, pergunto-me o que fará mais mal: a luxúria ou o ressentimento. Há muito ressentimento entre os “justos” e os “retos”. Há muito julgamento, condenação e preconceito entre os “santos”. Há muita ira entre aqueles que estão tão preocupados em evitar o “pecado”.

O extravio do filho ressentido é tão difícil de reconhecer precisamente porque está intimamente ligado ao desejo de ser bom e virtuoso. Só eu sei os esforços que fiz para ser bom, agradável, aceite, e para ser um exemplo a imitar. Toda a minha vida me esforcei por evitar as situações que me poderiam conduzir ao pecado; sempre senti pânico de cair em tentação. Mas a par disso estava também a seriedade, a moralidade, até certo fanatismo, que tornavam cada vez mais difícil sentir-me à vontade na casa do meu Pai.

Tornei-me menos livre, menos espontâneo, menos jovial e cada vez mais considerado uma pessoa “austera”.

Sem alegria

Quando escuto as palavras com que o filho mais velho ataca o pai – palavras farisaicas, autocomplacentes e invejosas – vejo que há uma queixa mais profunda. É a queixa que brota de um coração que sente nunca ter recebido o que lhe era devido. É a queixa expressa de mil maneiras, que acaba por criar um fundo de ressentimento. É o lamento que clama: “Trabalhei tanto, fiz tanto, e ainda assim não recebi aquilo que os outros conseguem tão facilmente. Porque é que as pessoas não me agradecem, não me convidam, não se divertem comigo, não me tratam com distinção, e, no entanto, prestam tanta atenção aos que vivem a vida de forma tão frívola?”

É nesta queixa que descubro o filho mais velho que há em mim. Muitas vezes dou por mim a queixar-me de pequenos desprezos, faltas de atenção ou descuidos. Muitas vezes noto dentro de mim esse murmúrio, esse gemido, essa queixa, esse lamento, que cresce e cresce mesmo sem eu querer. Quanto mais me refugio nele, pior me sinto. Quanto mais o analiso, mais razões encontro para me queixar. E quanto mais profundamente nele entro, mais complicado se torna. Há um enorme e obscuro poder nesta queixa interior. A condenação dos outros, a condenação de mim próprio, o farisaísmo e a rejeição vão crescendo cada vez mais fortes. Sempre que me deixo seduzir por ela, enreda-me numa espiral interminável de rejeição. Quanto mais profundamente entro no labirinto das minhas queixas, mais me perco, até que, no fim, sinto-me a pessoa mais incompreendida, mais rejeitada e mais desprezada do mundo.

De uma coisa tenho a certeza: queixar-se é contraproducente. Sempre que me lamento de algo com a esperança de inspirar pena e assim receber a satisfação que tanto desejo, o resultado é o contrário do que procuro. É muito difícil viver com uma pessoa que está sempre a queixar-se, e poucas pessoas sabem como responder às queixas de alguém que se rejeita a si mesmo. O pior de tudo é que, geralmente, a queixa, uma vez expressa, conduz precisamente ao que queria evitar: mais rejeição.

A partir desta perspetiva compreende-se a incapacidade do filho mais velho para partilhar da alegria do pai. Ao regressar do campo, ouviu música e cânticos. Sabia que havia alegria em casa. Imediatamente começou a desconfiar. Uma vez que a queixa entra em nós, perdemos a espontaneidade ao ponto de já nem sequer a alegria despertar alegria em nós.

A história diz: “Chamou um dos criados e perguntou o que estava a acontecer.” Aqui brota o medo de ter sido excluído outra vez, de não lhe terem contado o que se passava, de ficar de fora. A queixa surge de imediato: “Porque não me informaram? O que é tudo isto?” O criado, cheio de expectativa, confiante e desejoso de partilhar a boa notícia, explica: “O teu irmão voltou, e o teu pai matou o vitelo gordo porque o recuperou com saúde.” Mas este grito de alegria não podia ser recebido. Em vez de alívio e gratidão, a alegria do criado produziu o efeito contrário: “Ele irritou-se e não quis entrar.” Alegria e ressentimento não podem coexistir. A música e os cânticos, em vez de convidar à alegria, tornaram-se causa de maior rejeição.

Lembro-me bem de ter vivido situações parecidas. Uma vez, sentia-me só e pedi a um amigo que saísse comigo. Respondeu que não tinha tempo, e, no entanto, pouco depois encontrei-o numa festa em casa de um amigo comum. Ao ver-me disse: “Vem, junta-te a nós, que bom ver-te.” Mas eu estava tão zangado por não saber nada da festa que fui incapaz de ficar. Acordaram dentro de mim todas as minhas queixas por não ser aceite e querido e abandonei a sala batendo com a porta. Fui incapaz de participar da alegria que ali se respirava. Num momento, a alegria daquela sala transformara-se em fonte de ressentimento.

Esta experiência de ser incapaz de partilhar a alegria é a experiência de um coração cheio de ressentimento. O filho mais velho não conseguia entrar em casa e partilhar da alegria do pai. As suas queixas paralisaram-no e deixaram que a escuridão o envolvesse.

Rembrandt percebeu o significado mais profundo de tudo isto quando pintou o filho mais velho ao lado da plataforma onde o filho mais novo é recebido pelo pai. Não representou a celebração, com músicos e dançarinos; estes eram apenas os sinais externos da alegria do pai. O único sinal de festa é o retrato de um flautista sentado, pintado na parede, ao lado de uma das

mulheres (seria a mãe do pródigo?). Em vez da festa, Rembrandt pintou luz, a luz radiante que envolve pai e filho. A alegria que Rembrandt retrata é a alegria serena da casa de Deus.

Na história, podemos imaginar o filho mais velho lá fora, na escuridão, sem querer entrar na casa iluminada e serena de sons alegres. Mas Rembrandt não pinta uma casa ou campos, pinta antes um retrato feito de luz e sombras. O abraço do pai, cheio de luz, é a casa de Deus. A música e os bailes estão ali. O filho mais velho está fora do círculo deste amor, recusando-se a entrar. A luz no seu rosto deixa claro que ele também é chamado à alegria, mas não pode ser forçado.

Às vezes perguntam: O que aconteceu ao filho mais velho? Deixou-se convencer pelo pai? Entrou finalmente em casa e participou da celebração? Abraçou o irmão e deu-lhe as boas-vindas como fez o pai? Sentou-se à mesa com o pai e o irmão para gozar do banquete com eles?

Nem o quadro de Rembrandt nem a parábola nos dizem qual foi a vontade do filho mais velho de se deixar encontrar. Deseja o filho mais velho reconhecer que também ele é um pecador necessitado de perdão? Deseja reconhecer que não é melhor do que o irmão?

Fico apenas com estas perguntas. Assim como não sei se o filho mais novo aceitou o banquete ou como viveu com o pai depois de regressar a casa, também não sei se o mais velho alguma vez se reconciliou com o irmão, com o pai ou consigo mesmo. O que conheço com certeza inabalável é o coração do pai. É um coração cheio de misericórdia infinita.

Uma questão em aberto

Ao contrário de um conto de fadas, a parábola não tem um final feliz. Pelo contrário, coloca-nos frente a frente com uma das questões espirituais mais difíceis: confiar ou não confiar no amor de Deus que tudo perdoad. Só eu posso escolher, ninguém pode fazê-lo por mim. Em resposta aos seus lamentos: “Este acolhe os pecadores e come com eles”, Jesus compara os fariseus e os escribas ao Regresso do Filho Pródigo e ao filho mais velho ressentido. Tudo isto deve ter sido um golpe duro para aquela gente tão

obediente e religiosa. No fim, tiveram de enfrentar o seu próprio lamento e escolher como iriam responder ao amor de Deus pelos pecadores. Sentar-se-iam com eles à mesa como fez Jesus?

Isto era e é um verdadeiro desafio: para eles, para mim, para qualquer um que esteja cheio de ressentimento e se sinta tentado a viver queixando-se. Quanto mais sinto o filho mais velho dentro de mim, mais consciente fico de quão profundamente enraizada está esta forma de “perder-se” e de quão difícil é regressar a casa a partir desta situação. Parece muito mais fácil voltar de uma aventura de luxúria do que regressar de uma ira fria que lançou raízes nos cantos mais profundos de mim mesmo. O meu ressentimento não é algo que possa distinguir-se com facilidade ou ser tratado de forma racional.

É muito mais perigoso: algo que se une ao mais profundo da minha virtude. Não é bom ser obediente, prestável, cumpridor da lei, trabalhador e sacrificado? Os meus rancores e queixas parecem estar misteriosamente ligados a estas atitudes elogiáveis. Esta ligação desespera-me. Justo no momento em que quero falar ou agir a partir do mais generoso de mim mesmo, encontro-me preso na ira e no rancor. Quanto mais desinteressado quero ser, mais me obsede a necessidade de ser amado. Quanto mais dou tudo de mim para que algo resulte bem, mais me pergunto porque não dão os outros tudo como eu. Quando penso que sou capaz de vencer as minhas tentações, mais inveja sinto dos que cedem a elas. Parece que ali onde está o meu melhor eu, está também o eu ressentido e queixoso. E é aqui que me vejo frente a frente com a minha verdadeira pobreza. Sou incapaz de acabar com os meus ressentimentos. Estão tão profundamente ancorados em mim que arrancá-los pareceria algo como uma autodestruição. Como erradicar estes rancores sem acabar também com as minhas virtudes?

Poderá o filho mais velho que está em mim regressar a casa? Posso ser encontrado como o foi o filho mais novo? Como posso regressar quando estou perdido no rancor, quando estou preso aos ciúmes, quando estou prisioneiro da obediência e do dever vividos como escravidão? Está claro que sozinho não me consigo encontrar. É muito mais desanimador ter de me curar dos meus traços de filho mais velho do que dos de filho mais novo. Confrontado com a impossibilidade da autorredenção, agora compreendo as

palavras de Jesus a Nicodemos: “Não te admires de Eu te ter dito: “Tendes de nascer de novo.” (Jo 3,7). Isto é, algo tem de acontecer que eu não posso fazer acontecer. Eu não posso voltar a nascer; ou seja, não posso fazê-lo pelas minhas próprias forças, com a minha mente, com as minhas ideias. Não tenho dúvidas disto porque já tentei no passado curar-me sozinho dos meus rancores e queixas e falhei... e falhei, até estar à beira do colapso, mesmo do esgotamento físico. Só posso ser curado de cima, de onde Deus age. O que para mim é impossível, é possível para Deus. “Para Deus nada é impossível.”

6. O Regresso do Filho Mais Velho

"O filho mais velho... encolerizou-se e não queria entrar. O pai saiu para o persuadir... O pai respondeu: “Filho, tu estás sempre comigo, e tudo o que é meu é teu! Mas era preciso alegrarmo-nos e festejar, porque este teu irmão estava morto e voltou à vida; estava perdido e foi encontrado.”

Uma conversão possível

O pai quer que regressem os dois filhos, o mais novo e também o mais velho. Também o filho mais velho precisa de ser encontrado e conduzido à casa da alegria. Responderá ele ao apelo do seu pai ou permanecerá estagnado na sua amargura? Rembrandt também deixa em aberto a questão da decisão final do irmão mais velho. Bárbara Joan Haeger escreve: “Rembrandt não nos revela se ele vê a luz. Do mesmo modo, não condena claramente o irmão mais velho; Rembrandt deixa em aberto a esperança de que se dê conta de que também ele é um pecador... deixa a interpretação da reação do irmão mais velho nas mãos do espectador.”

O final em aberto da história e o quadro de Rembrandt colocam-me diante do trabalho espiritual que tenho de fazer. Quando observo o rosto iluminado do filho mais velho, e depois as suas mãos sombrias, percebo a sua catividade, mas também percebo a possibilidade de libertação. Esta não é uma história que separa os irmãos em bom e mau. Só o pai é bom. Ele ama os dois filhos, corre ao encontro dos dois. Quer que ambos se sentem à sua mesa e participem da sua alegria. O irmão mais novo deixa-se abraçar pelo pai que o perdoou. O irmão mais velho fica para trás, contempla o

gesto misericordioso do pai, e não consegue esquecer a ira que sente nem deixar que o pai o cure também.

O amor do Pai não força o amado. Embora queira curar-nos a todos da nossa escuridão interior, somos livres para escolher permanecer na escuridão ou caminhar para a luz do amor de Deus. Deus está ali. A luz de Deus está ali. O perdão de Deus está ali. O amor sem fronteiras de Deus está ali. O que é claro é que Deus está sempre ali, sempre disposto a dar e a perdoar, independentemente da nossa resposta. O amor de Deus não depende do nosso arrependimento nem das nossas mudanças.

Quer seja o filho mais novo ou o mais velho, o único desejo de Deus é levar-me para casa. Arthur Freeman escreve:

“O pai ama cada filho e dá-lhe liberdade para ser o que quiser, mas não pode dar-lhe uma liberdade que não seja capaz de utilizar ou compreender de forma adequada. O pai parece aperceber-se, para além dos costumes daquela sociedade, da necessidade dos filhos de serem eles próprios. Mas conhece também a sua necessidade de amor e de um ‘lar’. É responsabilidade deles decidir como vão terminar as suas histórias. O facto de a parábola não estar completa deixa claro que o amor do pai não depende de um final adequado da história. O amor do pai depende apenas de si mesmo e faz parte da sua maneira de ser. Como diz Shakespeare num dos seus sonetos: ‘O amor não muda quando encontra a mudança.’”

Para mim, pessoalmente, é de crucial importância a possível conversão do filho mais velho. Dentro de mim há muito do grupo com o qual Jesus é tão crítico: os fariseus e os escribas. Estudei os livros, conheço as leis, e com frequência apresento-me como uma autoridade em matéria de religião. As pessoas mostram-me muito respeito, chegam até a chamar-me “reverendo”. Fui recompensado com elogios e louvores, com dinheiro, prémios e aclamações. Fui muito crítico com certas formas de comportamento e muitas vezes pronunciei juízos contra outros.

Assim, quando Jesus conta a parábola do filho pródigo, devo ouvi-la consciente de que estou mais próximo daqueles que murmuravam: “Este acolhe os pecadores e come com eles.” Restar-me-á alguma possibilidade de voltar ao Pai e sentir-me acolhido em sua casa? Ou estarei tão preso às

minhas queixas farisaicas que estarei condenado, contra a minha vontade, a permanecer fora de casa, mergulhado na ira e no ressentimento?

Jesus diz: “Felizes os pobres... felizes os que agora têm fome... felizes os que agora choram...” (Lc 6,20-21), mas eu nem sou pobre, nem tenho fome, nem choro. Jesus diz: “Eu te louvo, Pai, Senhor do céu e da terra, porque escondeste estas coisas aos sábios e entendidos.” (Lc 10,21) É precisamente a este grupo, o dos sábios e entendidos, que eu pertenço. Jesus mostra a sua preferência pelos marginalizados da sociedade — os pobres, os doentes, os pecadores — e eu não sou certamente um marginalizado. A dolorosa pergunta que me chega através do Evangelho é: “Já recebi a minha recompensa?” Jesus é muito crítico com os que “rezam de pé nas sinagogas e nas esquinas das praças para serem vistos pelos homens.” (Mt 6,5) E acerca deles afirma: “Em verdade vos digo: já receberam a sua recompensa.” Com tudo o que escrevi e falei sobre a oração e com toda a publicidade de que usufruo, não posso deixar de me perguntar se estas palavras não se dirigem a mim.

De facto, aí estão. Mas a história do filho mais velho lança uma nova luz sobre todas estas questões, deixando muito claro que Deus não ama mais o filho mais novo do que o mais velho. Na história, o pai sai também ao encontro do filho mais velho, tal como fez com o mais novo, anima-o a entrar e diz-lhe: “Filho, tu estás sempre comigo, e tudo o que é meu é teu!” Estas são as palavras às quais devo prestar atenção e deixar que penetrem até ao fundo de mim mesmo. Deus chama-me “meu filho”. A palavra grega que Lucas utiliza aqui é *teknon*, “uma forma carinhosa de falar”, como explica Joseph A. Fitzmyer. Traduzido literalmente, o que o pai diz é “menino”.

Esta forma tão afetuosa de falar torna-se ainda mais clara nas palavras que se seguem. As duras e amargas recriminações do filho não encontram palavras de condenação. Não há qualquer censura ou acusação. O pai não se defende nem faz qualquer comentário sobre o comportamento do filho mais velho. O pai vai para além de qualquer avaliação para sublinhar a sua relação íntima com o filho, ao dizer: “Tu estás sempre comigo.”

Esta declaração do pai, de amor incondicional, elimina qualquer possibilidade de acreditar que o filho mais novo seja mais amado do que o

mais velho. O filho mais velho nunca deixou a casa. O pai partilhou tudo com ele. Fez parte da sua vida quotidiana sem lhe esconder nada. “Tudo o que é meu é teu”, diz. Não se encontra uma afirmação mais clara do amor sem limites do pai pelo seu filho mais velho. Assim, o pai oferece este amor sem reservas a ambos os filhos, e por igual.

Deixando a rivalidade de lado

A alegria pelo regresso emotivo do filho mais novo de modo algum significa que o filho mais velho fosse menos amado, menos apreciado ou menos favorecido. O pai não compara os seus dois filhos. Ama ambos com um amor total e exprime esse amor de acordo com as suas trajetórias pessoais. Conhece os dois intimamente. Compreende as suas qualidades e os seus defeitos. Vê a paixão do filho mais novo com amor, mesmo que não seja obediente. Com o mesmo amor vê a obediência do filho mais velho, mesmo que não seja vitalizada pela paixão. Com o filho mais novo não há comparações sobre quem é melhor ou pior, mais ou menos, nem comparações com o filho mais velho. O pai responde a ambos de acordo com a sua unicidade. O regresso do mais novo leva-o a celebrar uma festa. O regresso do mais velho leva-o a estender-lhe o convite a uma participação total dessa alegria.

Jesus diz: “Na casa de meu Pai há lugar para todos.” (Jo 14,2) Cada filho de Deus tem o seu lugar, todos eles são lugares de Deus. Tenho de deixar de lado qualquer tentativa de comparação, qualquer rivalidade ou competição, e render-me ao amor do Pai. Para isso é preciso dar um salto de fé, porque tenho muito pouca experiência de um amor que não faz comparações e desconheço o poder de um amor assim. Enquanto permanecer fora, na escuridão, só poderei experimentar a queixa e o ressentimento que resultam das comparações que faço. Fora da luz, o meu irmão mais novo parece mais amado pelo Pai do que eu; mais ainda, fora da luz, nem sequer o reconheço como meu irmão.

Deus implora-me que volte para casa, que volte a entrar na sua luz, que volte a descobrir ali que, em Deus, todos são amados de forma única e total. Na luz de Deus posso reconhecer que o meu irmão, o meu próximo, pertence a Deus tanto como eu. Mas fora da casa de Deus, irmãos e irmãs,

maridos e mulheres, amantes e amigos tornam-se rivais e até inimigos; cada um deles vive dominado pelo ciúme, pelas desconfianças e pelos ressentimentos.

Não admira que, na sua ira, o filho mais velho se queixe ao pai: “...nunca me deste nem um cabrito para celebrar uma festa com os meus amigos. Mas chega esse teu filho, que gastou o teu património com prostitutas, e matas-lhe o vitelo gordo!” Estas palavras mostram até que ponto este homem está ferido. A sua autoestima sente-se atingida pela alegria do pai, e a sua própria ira impede-o de reconhecer esse libertino como seu irmão. Com as palavras “esse teu filho” afasta-se do irmão e também do pai. Vê-os como estranhos que perderam todo o sentido da realidade e se lançaram numa relação inadequada, considerando a vida que levou o pródigo. O filho mais velho já não tem irmão. Também já não tem pai. Tornaram-se dois estranhos para ele. Ao irmão, um pecador, olha com desdém; ao pai, dono de um escravo, olha com medo.

É aqui que vejo quão perdido está o filho mais velho. Tornou-se um estranho dentro da sua própria casa. A verdadeira comunhão desapareceu. Toda a relação ficou na escuridão. Temer ou desprezar, submeter-se ou querer controlar, ser opressor ou ser vítima: estas são as possibilidades que restam a quem está fora da luz. Não pode confessar os seus pecados, não pode receber o perdão, o amor mútuo não pode existir. A verdadeira comunhão tornou-se impossível.

Conheço a dor desta difícil situação. Tudo perde a sua espontaneidade. Tudo se torna suspeito, consciente, calculado e cheio de segundas intenções. Já não há autenticidade. O mais pequeno movimento exige um contramovimento; o comentário mais insignificante deve ser analisado; o gesto mais pequeno deve ser avaliado. Esta é a patologia da escuridão.

Haverá alguma saída? Não creio, pelo menos da minha parte. Muitas vezes parece que, quanto mais tento livrar-me das sombras, mais escuro se torna. Preciso de luz, mas de uma luz que conquiste a minha escuridão. Mas não a posso encontrar sozinho. Não posso perdoar-me a mim mesmo. Não posso obrigar-me a sentir amor. Por mim só consigo sentir ira. Não me posso levar para casa nem posso criar comunhão sozinho. Posso desejá-lo, esperá-lo, rezá-lo. Mas não posso fabricar a minha verdadeira liberdade.

Alguém tem de me dar. Estou perdido. Tenho de ser encontrado e conduzido a casa pelo pastor que sai em minha busca.

A história do filho pródigo é a história de um Deus que sai à minha procura e que não descansará até me ter encontrado. Anima-me e suplica-me. Pede-me que deixe de me agarrar aos poderes da morte e que me deixe abraçar pelos braços que me conduzirão ao lugar onde encontrarei a vida que mais desejo.

Recentemente vivi na minha própria carne o regresso do filho mais velho. Enquanto fazia boleia, fui atropelado por um carro e tiveram de me levar a um hospital. Estava à beira da morte. Mas, de repente, ocorreu-me o pensamento de que nem sequer era livre para morrer, porque ainda me agarrava ao lamento de que aquele de quem sou filho não me tinha amado o suficiente. Apercebi-me de que não tinha amadurecido. Senti o apelo a esquecer-me das minhas queixas de adolescente e da mentira de que fui amado menos do que os meus irmãos mais novos. A ideia assustava-me, mas ao mesmo tempo era muito libertadora. Quando o meu pai, já muito idoso, voou da Holanda para me ver, soube que aquele era o momento de descobrir a minha condição de filho. Pela primeira vez na minha vida, disse ao meu pai que o amava e que estava muito agradecido pelo amor que me tinha dado. Disse-lhe muitas mais coisas que nunca tinha sido capaz de pronunciar, e surpreendeu-me o tempo que me levou a dizê-las. O meu pai também estava surpreendido, confuso com tudo aquilo, mas recebeu as minhas palavras com compreensão e com um sorriso. Quando olho para este acontecimento espiritual, vejo que foi um verdadeiro regresso: o regresso de uma falsa dependência de um pai humano que não me pode dar tudo o que preciso, para a dependência do Pai divino que diz: «Tu estás sempre comigo, e tudo o que é meu é teu»; o regresso do meu eu que se queixa, se compara e guarda rancor, para o meu verdadeiro eu, livre para dar e receber amor. E, embora tenha tido — e continuarei a ter — muitas recaídas, isso deu-me a liberdade de viver a minha própria vida e morrer a minha própria morte. O regresso ao Pai «de quem toma o nome toda a família nos céus e na terra» (Ef 3,14-15) permite-me consentir que o meu pai seja o bom e carinhoso, mas limitado, ser humano que é, e consentir que o meu Pai celeste seja o Deus cujo amor ilimitado e incondicional põe fim a

todo o ressentimento e me torna livre para amar para além da minha necessidade de agradar ou de obter aprovação.

Através da confiança e da gratidão

Esta experiência pessoal do Regresso do Filho Pródigo pode oferecer alguma esperança às pessoas que estejam presas no ressentimento. Suponho que todos teremos de enfrentar o filho mais velho ou a filha mais velha que trazemos dentro. A questão é muito simples: que podemos fazer para tornar possível o regresso? Embora o próprio Deus corra ao nosso encontro para nos achar e levar para casa, temos de reconhecer que estamos perdidos e preparar-nos para ser encontrados e conduzidos a casa. Como? Decerto não adotando uma atitude passiva. Ainda que não sejamos capazes de nos libertar da nossa ira, podemos deixar que Deus nos encontre e nos cure com o seu amor, praticando diariamente a confiança e a gratidão. Estas são as disciplinas para a conversão do filho mais velho, e eu conheci-as pela minha própria experiência.

Sem confiança, não posso deixar-me encontrar. Confiança é a convicção profunda de que o Pai me quer em casa. Eu não me deixo encontrar quando duvido de que mereço ser encontrado e acredito que sou amado menos do que os meus irmãos e irmãs mais novos. Tenho de continuar a dizer-me: «Deus procura-te. Irá a qualquer parte para te encontrar. Ama-te, quer-te em casa, não descansará enquanto não estiveres com Ele.»

Mas há também em mim uma voz muito forte e sombria que me diz precisamente o contrário: «Deus não está realmente interessado em ti, prefere o pecador arrependido que volta a casa depois das suas loucas escapadelas. A ti, que nunca deixaste o lar, não te liga. Dá por adquirido que estás aqui com Ele. Não és o seu filho preferido. Não creio que te dê o que realmente desejas.»

Por vezes esta voz é tão forte que preciso de grande energia espiritual para confiar que o Pai me quer em casa tanto como ao filho mais novo. É necessária uma verdadeira disciplina para passar por cima das minhas queixas habituais e pensar, dizer e agir com a convicção de que sou procurado e serei encontrado. Sem esta disciplina, torno-me novamente

vítima do desespero. Dizendo a mim mesmo que não sou suficientemente importante para ser encontrado, as minhas queixas avolumam-se até que fico completamente surdo à voz que me chama. Chega um momento em que tenho de negar esta voz de autorrejeição e reclamar a verdade de que Deus quer realmente abraçar-me como faz com os meus irmãos e irmãs caprichosos. Esta confiança, para perdurar, tem de ser mais profunda do que a sensação de extravio. Jesus exprime esta radicalidade quando diz: «Tudo o que pedirdes na vossa oração, acreditai que o recebereis e assim será» (Mc 11,24). Vivendo nesta confiança, abrir-se-á o caminho para Deus e, assim, se cumprirão os meus desejos mais profundos.

Juntamente com esta confiança, deve haver também gratidão — o contrário do ressentimento. Ressentimento e gratidão não podem coexistir, porque o ressentimento bloqueia a percepção e a experiência da vida como dom. O meu ressentimento diz-me que não me é dado o que mereço. Manifesta-se sempre em inveja.

A gratidão, porém, vai além do «meu» e «teu» e reclama a verdade de que tudo na vida é puro dom. Antes pensava que a gratidão era uma resposta espontânea aos dons recebidos, mas agora apercebo-me de que também pode ser vivida como disciplina: é o esforço explícito de reconhecer que tudo o que sou e tenho me foi dado como dom de amor, dom que devo celebrar com alegria.

A gratidão como disciplina implica uma escolha consciente. Posso escolher ser agradecido mesmo quando as minhas emoções e sentimentos estão impregnados de dor e ressentimento. É surpreendente o número de vezes em que posso optar pela gratidão em vez da queixa e do lamento. Posso escolher ser agradecido quando sou criticado, ainda que o meu coração responda com amargura. Posso optar por falar da bondade e da beleza, mesmo que o meu olhar interior continue à procura de alguém a quem acusar de algo feio. Posso escolher escutar as vozes que perdoam e olhar os rostos que sorriem, mesmo quando ainda oiço vozes de vingança e vejo esgares de ódio.

Entre o ressentimento e a gratidão posso sempre escolher, porque Deus apareceu na minha escuridão, animou-me a voltar para casa e disse-me, num tom cheio de afeto: «Tu estás sempre comigo, e tudo o que é meu é

teu.» Assim, posso escolher viver nas sombras, apontando o dedo aos que aparentemente são melhores do que eu; posso escolher lamentar-me das desgraças que sofri no passado e deixar que o ressentimento me absorva. Mas não é isso que devo fazer. Há a opção de olhar nos olhos do Único que saiu à minha procura e reconhecer que tudo o que sou e tenho é puro dom, pelo qual devo agradecer.

Muito raramente a opção pela gratidão se pratica sem grande esforço. Mas, sempre que a faço, a escolha seguinte fica um pouco mais fácil, um pouco mais livre, um pouco menos consciente. Porque cada dom que reconheço me conduz a outro e a mais outro, até que, por fim, o acontecimento mais vulgar, mais óbvio e aparentemente mais mundano se revela cheio de graça. Há um ditado estónio que diz: «Quem não é agradecido no pouco, tampouco o será no muito.» Os atos de gratidão tornam-nos agradecidos porque, passo a passo, nos fazem ver que tudo é graça.

Confiança e gratidão exigem a coragem do risco, porque a desconfiança e o ressentimento, na sua ânsia de reclamar atenção, continuam a avisar-me do perigo que é pôr de lado os meus cálculos e previsões. Em muitos aspetos tenho de dar um salto de fé para deixar que a confiança e a gratidão tenham a sua oportunidade: escrever uma carta amável a alguém que não me perdoará, telefonar a quem me rejeitou, pronunciar uma palavra de encorajamento a quem não a consegue dizer.

O salto de fé significa sempre amar sem esperar ser amado, dar sem querer receber, convidar sem esperar ser convidado, abraçar sem pedir ser abraçado. E, cada vez que dou um pequeno salto, vejo um reflexo do Único que corre ao meu encontro e me faz participante da sua alegria — a alegria onde não só me encontro eu, mas também todos os meus irmãos e irmãs. Assim, a confiança e a gratidão revelam o Deus que me procura, ardendo de desejo de que todos os meus rancores e queixas desapareçam e de que eu me sente ao seu lado no banquete celestial.

O verdadeiro filho mais velho

Para mim, o regresso do filho mais velho está a tornar-se algo tão importante — se não mais — do que o do filho mais novo. Como olhará o filho mais velho quando estiver livre das suas queixas, livre da sua ira, dos seus ressentimentos e ciúmes? É que a parábola nada nos diz sobre a resposta do filho mais velho. Deixa à nossa escolha escutar o Pai ou continuar prisioneiros da nossa auto-rejeição.

Mas, mesmo quando reflito sobre essa escolha e me torno consciente de que toda a parábola foi contada por Jesus para a minha própria conversão, vejo claramente que o mesmo Jesus, que contou a história, é o filho mais novo e também o filho mais velho. Jesus veio mostrar o amor do Pai e libertar-me dos meus rancores. Tudo o que Jesus diz de si mesmo O revela como o Filho Amado, o único que vive em plena comunhão com o Pai. Não há distância, medo ou desconfiança entre Jesus e o Pai.

As palavras do pai na parábola — «Filho, tu estás sempre comigo, e tudo o que é meu é teu!» — exprimem a verdadeira relação de Deus Pai com Jesus, seu Filho. Jesus afirma repetidamente que a glória que pertence ao Pai pertence também ao Filho (Jo 1,14). Tudo o que o Pai faz, o Filho também o faz (Jo 10,32). Não há separação entre Eles: «Que sejam um como nós somos um» (Jo 17,22); não há divisão de trabalho: «O Pai ama o Filho e colocou nas suas mãos todas as coisas» (Jo 3,35); não há inveja: «Já não vos chamo servos... chamei-vos amigos, porque vos dei a conhecer tudo o que ouvi a meu Pai» (Jo 15,15); não há autonomia rival: «O Filho nada pode fazer por si mesmo; faz apenas o que vê o Pai fazer» (Jo 5,19). Há uma perfeita unidade entre o Pai e o Filho. Essa unidade está no núcleo da mensagem de Jesus: «Crede-me: Eu estou no Pai e o Pai está em mim» (Jo 14,11). Crer em Jesus é crer que Ele é o único enviado pelo Pai, o único em quem — e por quem — se revela o amor do Pai (cf. Jo 5,24; 6,40; 16,27; 17,8).

Isto é expresso pelo próprio Jesus na parábola dos maus vinhateiros. O proprietário da vinha, depois de inutilmente enviar vários servos para recolher a sua parte da colheita, decide enviar o seu «filho amado». Os vinhateiros reconhecem que é o herdeiro e matam-no para se apoderarem da herança. É o retrato de um filho que obedece ao pai, não como escravo, mas como o amado, e cumpre a vontade do Pai em total união com Ele.

Assim, Jesus é o Filho mais velho do Pai. É enviado pelo Pai para revelar o amor duradouro de Deus a todos os seus filhos ressentidos e para oferecer-Se como o caminho de regresso a casa. Jesus é o caminho de Deus para tornar possível o impossível, para deixar que a luz conquiste a escuridão. Os rancores e as queixas, por mais profundos que sejam, podem desvanecer-se diante do rosto onde se torna visível toda a luz do Filho — «o Filho Amado em quem repousa o favor de Deus».

PARTE III

O Pai

Quando ainda estava longe, o pai viu-o e, profundamente comovido, correu ao seu encontro, abraçou-o e cobriu-o de beijos... O pai disse aos criados: «Tragam depressa a melhor túnica e vistam-no; ponham-lhe também um anel na mão e sandálias nos pés. Tragam o vitelo gordo, matem-no e celebremos um banquete de festa, porque este meu filho estava morto e voltou à vida, estava perdido e foi encontrado.» E começaram a festa.

... O pai saiu para persuadi-lo... E respondeu: «Filho, tu estás sempre comigo, e tudo o que é meu é teu! Mas temos de alegrar-nos e fazer festa, porque este teu irmão estava morto e voltou à vida, estava perdido e foi encontrado.»

7. Rembrandt e o Pai

Enquanto estava sentado no Hermitage diante do quadro, tentando absorver o que via, muitos grupos de turistas passavam por ali. Embora não ficassem nem um minuto diante da pintura, a maioria dos guias descrevia-a como o quadro que representava um pai compassivo, e a maior parte fazia referência ao facto de ter sido uma das últimas obras pintadas por Rembrandt, após uma vida de sofrimento. Assim, é disso que trata o quadro: a expressão humana da compaixão divina.

Em vez de se chamar *O Regresso do Filho Pródigo*, poderia muito bem chamar-se *A Acolhida do Pai Misericordioso*. O destaque não está no filho, mas no pai. A parábola é, na realidade, uma «Parábola do amor do Pai». Ao ver como Rembrandt retrata o Pai, nasce em mim um novo sentimento de ternura, misericórdia e perdão. Poucas vezes, se alguma vez o foi, o amor compassivo de Deus foi expresso de forma tão comovente. Cada detalhe da figura do Pai — a expressão do rosto, a postura, as cores da sua roupa e, sobretudo, o gesto tranquilo das suas mãos — fala do amor divino pela humanidade, um amor que existe desde o princípio e para sempre.

Aqui tudo se une: a história de Rembrandt, a história da humanidade e a história de Deus. Tempo e eternidade cruzam-se; a proximidade da morte e da vida eterna tocam-se. Pecado e perdão abraçam-se; o divino e o humano tornam-se um só.

O que dá ao retrato do Pai um poder tão irresistível é o facto de o mais divino estar captado no mais humano. Vejo um ancião meio cego, de barba e bigode, vestido com uma túnica bordada a ouro e um manto de vermelho intenso, colocando as suas longas mãos sobre os ombros do filho regressado. É algo muito específico, concreto e descritível.

No entanto, vejo também compaixão infinita, amor incondicional, perdão eterno — realidades divinas — a irradiar de um Pai que é Criador do universo. Aqui, o humano e o divino, o frágil e o poderoso, o velho e o eternamente jovem estão plenamente expressos. Nisto consiste o génio de Rembrandt. A verdade espiritual está plenamente encarnada. Como escreve Paul Baudiquet: «O espiritual em Rembrandt... retira o seu acento mais forte e esplêndido da carne.»

É especialmente significativo que Rembrandt tenha escolhido um ancião quase cego para comunicar o amor de Deus. Seguramente, a parábola contada por Jesus e a forma como foi interpretada ao longo dos séculos foram a base principal para este retrato do amor misericordioso de Deus. Mas não posso esquecer que foi a própria história de Rembrandt que lhe permitiu representar esta expressão única.

Paul Baudiquet afirma: «Desde a juventude, Rembrandt teve uma única vocação: crescer.» E é verdade que Rembrandt demonstrou sempre um grande interesse pelos idosos. Desde jovem desenhou-os, gravou-os, pintou-os, e, com os anos, ficou cada vez mais fascinado pela sua beleza interior. Alguns dos retratos mais impressionantes de Rembrandt são de pessoas idosas, e os seus melhores autorretratos pertencem aos últimos anos.

Depois de muitos problemas em casa e no trabalho, revela uma especial fascinação pelos cegos. À medida que a luz na sua obra se tornava mais intimista, começou a pintá-los como aqueles que realmente vêem. Sentiu-se muito atraído por Tobias e pelo quase cego Simeão, que pintou várias vezes.

À medida que a vida de Rembrandt avançava para as sombras da velhice, à medida que o seu êxito decaía e o esplendor da sua vida diminuía, tornou-se mais consciente da imensa beleza da vida interior. Assim descobriu a luz que brota de um fogo interior que nunca morre: o fogo do amor. A sua arte já não procurava «apoderar-se, conquistar e dominar o visível», mas sim «transformar o visível no fogo do amor que brota do coração excepcional do artista».

Este coração excepcional de Rembrandt torna-se no coração do Pai. A luz interior, o fogo do amor que se fortaleceu através dos sofrimentos de tantos anos, arde no coração do pai que acolhe o filho regressado a casa.

Agora compreendo por que razão Rembrandt não seguiu literalmente o texto da parábola. Ali, São Lucas escreve: «Quando ainda estava longe, o pai viu-o e, profundamente comovido, correu ao seu encontro e cobriu-o de beijos.» Nos primeiros anos da sua carreira, Rembrandt desenhou este acontecimento com todo o movimento dramático que contém. Mas, à medida que se aproximava da morte, escolheu retratar um pai muito sereno, que reconhece o filho não com os olhos do corpo, mas com os olhos do coração. Parece que as mãos que tocam as costas do filho regressado são os instrumentos do olhar interior do pai. Este, quase cego, vê muito mais. O seu olhar é eterno, alcança toda a humanidade. É um olhar que compreende os extravios de homens e mulheres de todos os tempos e lugares, que conhece, com imensa compaixão, o sofrimento dos que escolheram partir de casa e derramaram mares de lágrimas presos pela angústia e pela agonia. O coração do pai arde com um desejo imenso de levar os filhos de volta a casa.

Quanto desejaria falar-lhes, adverti-los dos perigos que os espreitam e convencê-los de que em casa encontrariam tudo o que procuram noutros lugares. Quanto desejaria salvá-los com a sua autoridade paterna e tê-los junto de si para que nada de mal lhes acontecesse.

Mas o seu amor é demasiado grande para isso. Não pode forçar, obrigar ou empurrar. Dá liberdade para rejeitar esse amor ou para responder a ele. A imensidão do amor divino é precisamente fonte de sofrimento divino. Deus, criador do céu e da terra, escolheu ser, antes de mais, Pai.

Como Pai, quer que os seus filhos sejam livres, livres para amar. Essa liberdade inclui a possibilidade de se afastarem, de irem para «um país longínquo» e de ali perderem tudo. O coração do Pai conhece toda a dor que esta escolha acarretará, mas o seu amor não lhe permite impedi-la. Como Pai, deseja que os que estão em casa desfrutem da sua presença e do seu afeto. Mas só quer oferecer um amor que possa ser livremente acolhido. Sofre quando os filhos o honram com os lábios, mas os seus corações estão longe (Mt 15,8; Is 29,13). Conhece as suas línguas enganosas e corações desleais (Sl 78,36-37), mas não pode obrigá-los a amá-lo sem perder a sua verdadeira paternidade.

Como Pai, a única autoridade que reclama é a da compaixão. Essa autoridade vem-lhe de permitir que os pecados dos filhos penetrem no seu coração. Não há luxúria, ganância, ira, ressentimento, ciúme ou desejo de vingança nos seus filhos perdidos que não lhe tenham causado dor imensa. A dor é tão profunda porque o coração é muito puro. É desse lugar profundo, onde o amor abraça toda a dor humana, que o Pai alcança os seus filhos. O contacto das suas mãos, que irradiam luz interior, só procura curar.

Eis o Deus em quem quero acreditar: um Pai que, desde o início da criação, estendeu os braços numa bênção cheia de misericórdia, sem forçar ninguém, mas sempre à espera; sem deixar cair os braços, sempre esperando que os filhos regressem para poder falar-lhes palavras de amor e deixar que os seus braços cansados repousem nos seus ombros. O seu único desejo é abençoar.

Em latim, abençoar diz-se *benedicere*, que literalmente significa: dizer coisas boas. O Pai quer dizer, mais do que com a voz, com o contacto, coisas boas dos seus filhos. Não quer castigá-los. Já receberam demasiados castigos com os seus caprichos. O Pai quer apenas que saibam que o amor que procuraram pelas vias mais variadas esteve, está e sempre estará ali para eles. O Pai quer dizer mais com as suas mãos do que com a sua boca: «Tu és o meu amado, em ti repousa o meu favor.» Ele é o pastor que «apacenta o seu rebanho, leva nos braços os cordeiros e conduz com delicadeza as mães que amamentam» (Is 40,11).

O núcleo do quadro de Rembrandt são as mãos do pai. Nelas concentra-se toda a luz; para elas se voltam os olhares dos curiosos; nelas a

misericórdia faz-se carne; nelas unem-se perdão, reconciliação e cura; e através delas encontram descanso não só o filho cansado, mas também o pai ancião. Senti-me atraído por aquelas mãos desde o primeiro momento em que vi o cartaz na porta do gabinete de Simone. Não compreendia bem porquê. Mas, pouco a pouco, com os anos, aprendi a conhecê-las. Sustentaram-me desde o momento mesmo da minha concepção, acolheram-me no dia em que nasci, seguraram-me junto ao peito da minha mãe, alimentaram-me e aqueceram-me. Protegeram-me em momentos de perigo e consolaram-me em tempos de dor. Disseram-me adeus e deram-me as boas-vindas. Essas mãos são as mãos de Deus. Mas são também as mãos dos meus pais, professores, amigos, curadores e de todos aqueles que Deus colocou no meu caminho para me recordar a segurança em que vivo.

Rembrandt morreu pouco depois de retratar o pai e as suas mãos benditas. As mãos de Rembrandt tinham pintado inúmeras faces e mãos humanas. Aqui desenhou o rosto e as mãos de Deus. Quem posou para este retrato de Deus? O próprio Rembrandt?

O pai do filho pródigo é um autorretrato, mas não no sentido tradicional. O rosto de Rembrandt aparece em várias das suas obras: como o filho pródigo no bordel, como o discípulo assustado no lago, como um dos homens que retiram da Cruz o corpo sem vida de Jesus.

Mas aqui não é o rosto de Rembrandt que está refletido, mas sim a sua alma, a alma de um pai que sofreu a morte de muito perto. Ao longo dos seus sessenta e três anos, viu morrer a sua amada esposa Saskia, três filhos, duas filhas e as duas mulheres com quem viveu. A dor pela perda do seu querido filho Titus, que morreu pouco depois de casar, com 26 anos, nunca foi descrita, mas no pai do filho pródigo vemos quantas lágrimas deve ter-lhe custado. Criado à imagem de Deus, Rembrandt descobriu, através da sua longa e dolorosa luta, a verdadeira natureza dessa imagem. É a imagem de um ancião quase cego, chorando docemente, abençoando o seu filho ferido no mais profundo. Rembrandt foi o filho, tornou-se o pai, e assim se preparou para entrar na vida eterna.

8. O Pai Dá As Boas Vindas A Casa

«Quando ainda estava longe, o pai viu-o (ao filho mais novo) e, profundamente comovido, correu ao seu encontro, abraçou-o e cobriu-o de beijos. ... O pai saiu para persuadi-lo (ao filho mais velho).»

Pai e mãe

Muitas vezes perguntei a amigos qual era a sua primeira impressão ao ver *O Filho Pródigo* de Rembrandt. Inevitavelmente, apontavam para o ancião sábio que perdoa o filho: o patriarca benevolente.

Quanto mais contemplo o «patriarca», mais claro vejo que Rembrandt quis fazer algo diferente ao pintar Deus como um sábio e velho pai de família. Tudo começou com as mãos. São um pouco diferentes uma da outra. A esquerda, sobre o ombro do filho, é forte e musculada. Os dedos estão abertos e cobrem grande parte do ombro e das costas do filho. Vejo certa pressão, sobretudo no polegar. Esta mão não apenas toca, mas também sustenta com a sua força. Embora a mão esquerda toque o filho com grande ternura, não deixa de ter firmeza.

Que diferente é a mão direita! Esta não segura nem sustenta. É fina, suave e muito terna. Os dedos estão juntos e são elegantes. Apoiam-se docemente sobre o ombro do filho mais novo. Quer acariciar, mimar, consolar e confortar. É a mão de uma mãe.

Alguns estudiosos sugerem que a mão esquerda masculina é a mão de Rembrandt, e que a direita é muito semelhante à mão direita de *A Noiva Judia*, pintada no mesmo período. Quero acreditar que é verdade.

No momento em que percebi que as duas mãos eram diferentes, abriu-se diante de mim todo um mundo novo de significados. O Pai não é apenas o grande patriarca. É mãe e pai. Toca o filho com uma mão masculina e outra feminina. Ele sustenta e ela acaricia. Ele dá segurança e ela consola. É, sem dúvida, Deus, em quem feminilidade e masculinidade, maternidade e paternidade estão plenamente presentes. Esta mão direita, suave e terna, recorda-me as palavras do profeta Isaías: «Acaso pode uma mulher esquecer-se do filho que amamenta, e não ter compaixão do fruto do seu

ventre? Ainda que ela se esqueça, eu nunca me esquecerei de ti. Olha: eu te tenho gravado nas palmas das minhas mãos.» (Is 49,15-16)

O meu amigo Richard White fez-me notar que a mão feminina e terna do Pai está em posição paralela ao pé descalço e ferido do filho, enquanto que a mão masculina forte está em posição paralela ao pé calçado com a sandália. Será exagero supor que uma mão protege a parte mais vulnerável do filho, enquanto a outra fortalece a sua capacidade e desejo de seguir em frente na vida?

E depois está o grande manto vermelho. Com a sua cor quente e a forma de arco, oferece um lugar de acolhimento onde se pode estar à vontade. No início, a túnica cobrindo o corpo inclinado do pai fazia-me pensar numa tenda convidando o viajante a entrar para descansar. Mas quanto mais olhava para o manto vermelho, mais me vinha à mente outra imagem muito mais forte do que a da tenda: as asas protetoras de uma ave-mãe. Recordavam-me as palavras de Jesus sobre o amor maternal de Deus: «Jerusalém, Jerusalém... quantas vezes quis eu reunir os teus filhos, como a galinha reúne os pintainhos debaixo das asas, e tu não o quiseste!» (Mt 23,37-38) Deus sustém-me de dia e de noite, como a galinha que reúne os pintainhos debaixo das suas asas. Mais do que a imagem da tenda, a das asas de uma ave vigilante reflete a segurança que Deus oferece aos seus filhos. Esta imagem exprime proteção e cuidado, um lugar onde se sentir seguro.

Cada vez que olho para o manto da pintura de Rembrandt, sinto a qualidade maternal do amor de Deus e o meu coração entoia as palavras inspiradas pelo salmista:

*Tu que habitas sob a proteção do Altíssimo
e moras à sombra do Todo-Poderoso,
diz ao Senhor: “Meu refúgio e minha fortaleza,
meu Deus, em ti confio”.
...Ele te cobrirá com as suas penas,
e debaixo das suas asas encontrarás refúgio.
(Salmo 91,1-4)*

E assim, sob a forma de um velho patriarca judeu, emerge também um Deus maternal que recebe o seu filho em casa.

Agora, quando imagino o patriarca idoso inclinando-se sobre o filho recém-chegado e tocando-lhe os ombros com as mãos, começo a ver não apenas o pai que “estreita o filho nos seus braços”, mas também a mãe que acaricia o seu menino, o envolve com o calor do seu corpo e o aperta contra o ventre de onde saiu. Assim, o *Retorno do Filho Pródigo* torna-se o regresso ao ventre de Deus, o regresso às próprias origens do ser, e volta a fazer eco da exortação de Jesus a Nicodemos para nascer de novo.

Agora aprecio muito mais a enorme calma deste retrato de Deus. Não há sentimentalismo, nem romantismo, nem se conta um simples conto com final feliz. O que aqui vejo é Deus como mãe, recebendo no seu ventre aquele que criou à sua própria imagem. Os olhos quase cegos, as mãos, o manto, o corpo inclinado, tudo lembra o amor divino maternal, marcado pela dor, pelo desejo, pela esperança e pela espera sem fim.

O mistério consiste em que Deus, na sua infinita compaixão, se uniu à vida dos seus filhos para sempre. Escolheu livremente depender das suas criaturas, a quem deu o dom da liberdade. Esta escolha faz com que sofra quando partem; esta escolha faz com que sinta uma alegria imensa quando regressam. Mas não será uma alegria plena até que todos tenham voltado e se reúnam à volta da mesa preparada para eles. E isso inclui o filho mais velho. O dilema do filho mais velho consiste em aceitar ou rejeitar que o amor do seu pai vai mais além do que ser amado como ele pensa que deve ser amado. O pai sabe que é o filho quem deve escolher, ainda que o espere sempre de braços abertos. Quererá o filho mais velho ajoelhar-se e deixar-se tocar pelas mesmas mãos que tocam o seu irmão? Quererá ser perdoado e experimentar a presença curadora do pai que o ama para além de qualquer comparação?

A história de Lucas deixa muito claro que o pai sai ao encontro dos dois filhos. Não corre apenas para dar as boas-vindas ao filho mais novo, caprichoso, mas sai também ao encontro do mais velho, cumpridor do dever, que regressa do campo perguntando o que significam toda aquela música e dança, e convida-o a entrar.

Nem mais, nem menos

Para mim, é muito importante compreender todo o significado do que está a acontecer aqui. Embora o pai esteja transbordante de alegria pelo regresso do filho mais novo, não se esqueceu do mais velho. Não dá por adquirido que saiba o que está a acontecer. A sua alegria era tão intensa que mal podia esperar para começar a festa, mas assim que viu chegar o filho mais velho, deixou tudo, saiu ao seu encontro e pediu-lhe que se juntasse a eles.

O filho mais velho, no meio dos seus ciúmes e amargura, só vê que ao seu irmão irresponsável é dada mais atenção do que a ele, e conclui que é menos amado. O coração do pai, porém, não está dividido. A sua reação livre e espontânea ao regresso do filho mais novo não implica qualquer comparação com o filho mais velho. Pelo contrário, deseja ardentemente que também ele participe da sua alegria.

Não me é fácil compreender isto. Num mundo em que constantemente se fazem comparações entre as pessoas, classificando-as em mais ou menos inteligentes, mais ou menos bonitas, com mais ou menos sucesso, não é fácil acreditar num amor que não faz o mesmo. Quando ouço alguém ser elogiado, é-me muito difícil não pensar que eu não mereço ser elogiado; quando leio algo acerca da bondade e da grandeza de outras pessoas, é-me muito difícil não me perguntar se sou tão bom como elas; e quando vejo os troféus, prémios e recompensas atribuídos a pessoas especiais, não consigo evitar perguntar-me porque não mos dão a mim.

O mundo em que cresci está tão cheio de categorias, classificações e estatísticas que, consciente ou inconscientemente, procuro sempre competir com os outros. Grande parte da tristeza e da alegria da minha vida vem diretamente da comparação; e muita, para não dizer toda, essa comparação é inútil, uma perda de tempo e de energia.

O nosso Deus, que é ao mesmo tempo nosso Pai e nossa Mãe, não faz comparações. Nunca. Embora com a cabeça eu saiba que isto é verdade, ainda me é muito difícil aceitá-lo com todo o meu ser. Quando ouço chamar alguém de filho ou filha predileta, a minha reação imediata é pensar que os

outros filhos têm de ser menos apreciados, menos amados. Não consigo compreender como todos os filhos de Deus podem ser prediletos. Mas é assim. Quando penso no Reino de Deus, vem-me logo à mente a imagem de Deus como guardião de um enorme marcador celestial, e temo sempre não alcançar a pontuação necessária. Mas quando penso na forma como Deus acolhe o mundo, descubro que Ele ama com um amor divino, um amor que dá a cada homem e a cada mulher a sua unicidade sem nunca estabelecer comparações.

O irmão mais velho compara-se com o mais novo e sente ciúmes. Mas o pai ama-os tanto que nunca lhe passaria pela cabeça adiar a festa para que o filho mais velho não se sentisse rejeitado. Estou convencido de que muitos dos meus problemas emocionais desapareceriam se deixasse que o amor maternal de Deus, que nunca compara, penetrasse no meu coração.

Tudo isto se torna claro quando reflito na parábola dos trabalhadores da vinha (Mt 20,1-16). Sempre que leio essa parábola, em que o patrão paga o mesmo aos trabalhadores que só trabalharam uma hora e àqueles que suportaram “o peso do dia e o calor”, sinto dentro de mim uma indignação. Porque não pagou primeiro aos que tinham trabalhado tantas horas e surpreendeu depois os últimos com a sua generosidade? Porque é que, pelo contrário, pagou primeiro aos que tinham chegado a meio da tarde, criando uma falsa expectativa nos restantes e um sentimento desnecessário de amargura e ciúmes? Agora percebo que estas perguntas nascem de uma falsa ideia: a de que os esquemas da economia temporal podem ser aplicados à ordem excecional do divino.

Nunca me tinha ocorrido pensar que o que o patrão queria era que os trabalhadores das primeiras horas se alegrassem ao ver a sua generosidade para com os últimos. Nunca tinha pensado que podia ter agido a partir da ideia de que os que trabalharam na vinha todo o dia se sentiriam felizes por ter a oportunidade de trabalhar para um patrão assim, e por verem quão generoso ele era. Isto exige uma transformação interior e, assim, aceitar uma forma de pensar que não estabelece comparações. É esta a forma de pensar de Deus. Ele olha para o seu povo como para os filhos de uma família, contente por ver que aqueles que pouco fizeram são amados da mesma maneira que os que fizeram muito.

Deus é suficientemente “ingênuo” para pensar que os que passaram o dia todo na vinha se alegrariam ao ver que os que lá estiveram pouco tempo recebiam a mesma atenção. Mais ainda, é tão “ingênuo” que espera que todos estejam tão felizes por estar na sua presença que nunca lhes passe pela cabeça fazer comparações. É por isso que diz, com o desconcerto de um amante incompreendido: “Porque tens inveja da minha generosidade?” Podia ter dito: “Vocês estiveram comigo o dia inteiro, e eu dei-vos o que me pediram! Porque é que se enfurecem tanto?” É o mesmo desconcerto que brota do coração do pai quando diz ao seu filho cheio de ciúmes: “Filho, tu estás sempre comigo, e tudo o que é meu é teu!”

Aqui está escondido o grande apelo à conversão: olhar não com os olhos da minha baixa auto-estima, mas com os olhos do amor de Deus. Quando olho para Deus como se fosse um latifundiário, um pai que procura tirar de mim o máximo ao preço mais baixo, só consigo sentir ciúmes, amargura e rancor em relação aos outros companheiros de trabalho. Mas se sou capaz de olhar o mundo com os olhos do amor de Deus e de descobrir que a sua visão não é a de um típico patrão ou patriarca, mas a de um pai que tudo dá e tudo perdoa, que não mede o amor que sente pelos seus filhos segundo o seu comportamento, então percebo de imediato que a única resposta possível é uma profunda gratidão.

O coração de Deus

No quadro de Rembrandt, o filho mais velho limita-se a observar. É difícil imaginar o que se passa nesse coração. Tal como na parábola, ao ver o quadro faço-me a mesma pergunta: como responderá o filho mais velho ao convite do pai para se juntar à festa? Não há dúvida (nem na parábola nem no quadro) de como é o coração do pai. O seu coração vai ao encontro dos dois filhos; ama-os a ambos; espera vê-los juntos como irmãos em redor da mesma mesa; quer que sintam que, mesmo diferentes, pertencem à mesma casa e são filhos do mesmo pai.

Quando deixo que tudo isto se grave no meu interior, vejo que a história do pai e dos seus dois filhos perdidos afirma que não fui eu quem escolheu Deus, mas foi Ele quem me escolheu a mim. Este é o grande mistério da nossa fé. Não fomos nós que escolhemos Deus, foi Deus que nos escolheu.

Desde a eternidade estamos escondidos “à sombra da mão de Deus” e “gravados na sua palma” (Is 49,2.16). Antes de qualquer outro ser humano nos tocar, Deus “forma-nos no seio materno” e “tece-nos nas profundezas da terra” (Salmo 139,15), e antes de alguém decidir por nós, Deus “tece-nos no ventre da nossa mãe” (Salmo 139,13). Deus ama-nos antes que alguém nos possa amar. Ama-nos com um amor “primeiro” (1 Jo 4,19-20), um amor ilimitado e incondicional. Quer que sejamos seus filhos amados e convida-nos a amar com a mesma ternura com que Ele ama.

Durante toda a minha vida lutei por encontrar Deus, conhecê-lo, amá-lo; tentei seguir as orientações da vida espiritual — rezar constantemente, trabalhar pelos outros, ler as Escrituras — e evitei muitas tentações. Falhei muitas vezes, mas voltei sempre a tentar, mesmo quando estive à beira do desespero. Agora pergunto-me se, durante todo este tempo, estive consciente de que Deus tentava encontrar-me, conhecer-me e amar-me. A questão não é: “Como posso eu encontrar Deus?”, mas: “Como posso deixar que Deus me encontre?” Não é: “Como posso conhecer Deus?”, mas: “Como posso deixar que Deus me conheça?” Não é: “Como vou amar Deus?”, mas: “Como vou deixar-me amar por Ele?” Deus procura-me à distância, deseja encontrar-me e levar-me para casa. Nas três parábolas em que Jesus responde à pergunta sobre porque come com os pecadores, o destaque vai para a iniciativa de Deus. Ele é o pastor que sai à procura da ovelha perdida. Ele é a mulher que acende a lâmpada, varre a casa e procura até encontrar a moeda perdida. Ele é o Pai que procura os filhos, vigia-os, corre ao seu encontro, abraça-os, implora, suplica e anima para que voltem para casa.

Por estranho que pareça, Deus deseja encontrar-me tanto, ou mais, do que eu desejo encontrá-lo. Sim, Deus precisa de mim tanto como eu d’Ele. Não é o patriarca que fica em casa, imóvel, à espera de que os filhos regressem, peçam desculpa, peçam perdão e prometam mudar. Pelo contrário, abandona a casa, corre em busca deles sem se preocupar com a sua dignidade, ignora desculpas e promessas, e conduz os filhos à mesa magnificamente preparada para eles.

Agora começo a perceber o quanto mudará a minha vida espiritual quando deixar de pensar em Deus como alguém escondido, que me põe

dificuldades para o encontrar, e começar a vê-lo como Aquele que me procura enquanto eu me escondo. Quando for capaz de ver com os olhos de Deus e descobrir a sua alegria pelo meu regresso, haverá menos angústia e mais confiança na minha vida. Não será bom aumentar a alegria de Deus deixando-me encontrar e levar para casa, para que Ele celebre o meu regresso com os anjos? Não será maravilhoso fazer sorrir Deus, dando-lhe a oportunidade de me encontrar e amar generosamente? Perguntas como estas levam-me ao ponto central: a imagem que tenho de mim mesmo. Será que consigo aceitar que sou digno de ser procurado? Acredito verdadeiramente que Deus deseja estar comigo?

Aqui está o núcleo da minha luta espiritual: a luta contra a rejeição de mim mesmo, contra o desprezo e a auto-depreciação. É uma batalha muito difícil, porque o mundo e os seus demónios conspiram para me fazer pensar que não valho nada, que não presto, que sou desprezível. Muitas economias sobrevivem explorando a baixa autoestima dos consumidores e criando expectativas espirituais por via material. Enquanto permanecer “pequeno”, posso ser facilmente seduzido a comprar coisas, a procurar pessoas ou lugares que prometem mudar a imagem que tenho de mim, embora nunca o consigam. E cada vez que me deixo manipular ou seduzir, encontro mais razões para me deprimir e sentir que sou uma criança que ninguém quer.

Um amor primeiro e para sempre

Durante muito tempo considerei a baixa autoestima uma virtude. Avisaram-me tanto contra o orgulho e a presunção que cheguei a pensar que desprezar-me era bom. Mas agora compreendo que o verdadeiro pecado é negar o amor de Deus por mim, ignorar o meu valor pessoal. Porque, sem reclamar esse primeiro amor e essa dignidade, perco o contacto com o meu verdadeiro eu e começo a procurar em lugares errados aquilo que só pode ser encontrado na casa do Pai.

Não creio estar sozinho nesta luta por reclamar o primeiro amor de Deus por mim e a minha própria dignidade. Por detrás de grande parte da competitividade e rivalidade humanas; por detrás de tanta autoconfiança e arrogância, esconde-se muitas vezes um coração inseguro, muito mais inseguro do que se possa imaginar. Sempre me impressionou encontrar

homens e mulheres com talentos indiscutíveis e amplamente recompensados pelos seus feitos, que, no entanto, duvidam do seu próprio valor. Em vez de verem os seus êxitos como sinais da sua beleza interior, vivem-nos como uma máscara para a sua baixa autoestima. Não poucos me confessaram: “Se as pessoas soubessem o que há no mais profundo de mim, deixariam de me aplaudir e louvar.”

Lembro-me bem de uma conversa que tive com um jovem querido e admirado por todos. Contou-me como um pequeno comentário feito por um amigo o lançou no abismo da depressão. Disse-me que chorava constantemente e que o seu corpo se contorcia de angústia. Sentia que o amigo tinha rompido os seus muros defensivos e o tinha visto como realmente era: um hipócrita, um homem desprezível por trás da sua brilhante armadura. Ao ouvir a sua história, percebi quão infeliz tinha sido, apesar da inveja que despertava nos outros pelos seus dons. Durante anos repetira para si mesmo: “Haverá alguém que realmente me ame? A quem é que eu importo?” E, a cada degrau que subia na escada do sucesso, pensava: “Na verdade, eu não sou assim; um dia tudo vai ruir e todos perceberão que não presto.”

Este é um exemplo de como vive muita gente; nunca estão totalmente seguros de que são amados tal como são. Muitos carregam histórias dolorosas que explicam o baixo conceito que têm de si: histórias de pais que não lhes deram o que precisavam, de professores que os maltrataram, de amigos que os traíram, de uma Igreja que os abandonou em momentos cruciais.

A parábola do filho pródigo é a história do amor que já existia antes de qualquer rejeição e que permanecerá depois de todas as rejeições. É o amor primeiro e duradouro de um Deus que é Pai e Mãe. É a fonte de todo o amor humano, mesmo do mais limitado. Toda a vida e pregação de Jesus tiveram um único objetivo: revelar o amor ilimitado e inesgotável de Deus — tanto materno como paterno — e mostrar o caminho para deixar que esse amor conduza a nossa vida quotidiana. É o amor que sempre acolhe em casa e que sempre deseja celebrar.

9. O PAI ORGANIZA UMA FESTA

“O pai disse aos servos: ‘Trazei depressa a melhor túnica e vesti-a; colocai-lhe também um anel no dedo e sandálias nos pés. Trazei o vitelo gordo, matai-o e façamos um banquete, porque este meu filho estava morto e voltou à vida; estava perdido e foi encontrado.’ E começaram todos a festejar.”

Dar o melhor

Está muito claro que o filho mais novo não regressa a uma simples quinta familiar. Lucas descreve o pai como um homem muito rico, com uma vasta propriedade e numerosos criados. Para corresponder a essa descrição, Rembrandt veste o pai e os dois homens que o observam com roupas caras. As duas mulheres que estão por trás apoiam-se num arco que parece mais o de um palácio do que de uma casa rural. A riqueza das vestes do pai e de tudo o que o rodeia contrasta nitidamente com o sofrimento refletido nos seus olhos semicerrados, no rosto marcado pela dor e na figura encurvada.

O Deus que sofre por causa do imenso amor que sente pelos seus filhos é o mesmo Deus rico em bondade e misericórdia (Rom 2,4; Ef 2,4) e que deseja revelar aos filhos a riqueza da sua glória (Rom 9,23). O pai nem sequer dá ao filho a oportunidade de se desculpar. Assume a súplica do filho perdoando-o espontaneamente e deixando de lado os seus pedidos, como se não tivessem qualquer importância perante a alegria do seu regresso. Mas há mais. O pai não só o perdoa sem exigir explicações e o recebe de volta a casa, como não consegue esperar para lhe dar uma vida nova, uma vida em abundância (Jo 10,10). O desejo de Deus de dar vida ao filho recém-chegado é tão intenso que parece impaciente. Nada é suficientemente bom: há que dar-lhe o melhor. Enquanto o filho está disposto a ser tratado como um servo, o pai manda trazer a túnica reservada para os hóspedes de honra; e, embora o filho já não se sinta digno de ser chamado filho, o pai entrega-lhe um anel e umas sandálias, devolvendo-lhe a dignidade de filho amado e a condição de herdeiro.

Lembro-me da roupa que vesti no verão em que terminei o liceu: calças brancas, cinto largo, camisa e sapatos impecáveis, que refletiam o orgulho que sentia de mim mesmo. Para os meus pais, foi uma alegria comprar-me

aquela roupa, sinal do orgulho que tinham no filho. E eu sentia-me feliz por ser filho deles. Recordo-me, sobretudo, da satisfação com os meus sapatos novos. Viajei muito desde então e vi como tantas pessoas andam descalças pela vida. Hoje compreendo melhor o significado simbólico dos sapatos novos. Os pés descalços representam pobreza e escravidão. Os sapatos são para os ricos e poderosos. Eles protegem das serpentes, dão segurança e força. Transformam caçados em caçadores. Para muita gente pobre, conseguir um par de sapatos é o primeiro passo para ser reconhecido e respeitado. Um antigo espiritual afro-americano exprime-o de forma belíssima: “Todos os filhos de Deus têm sapatos. Quando eu for para o céu, calçarei um par de sapatos e caminharei por todo o céu de Deus.”

O Pai veste o filho com os sinais da liberdade, a liberdade dos filhos de Deus. Não quer que nenhum dos seus filhos seja servo ou escravo. Quer que vistam a roupa da honra, o anel da herança e o calçado da dignidade. É como uma investidura pela qual se inaugura o ano da graça do Senhor. O significado pleno desta investidura e inauguração aparece explicado na quarta visão do profeta Zacarias:

“O Senhor mostrou-me em visão o sumo sacerdote Josué, de pé, diante do anjo do Senhor... Josué estava vestido com roupas sujas, diante do anjo. O anjo disse aos que ali estavam: ‘Tirai-lhe essas roupas sujas.’ Depois disse a Josué: ‘Vê, livrei-te do teu pecado e vou vestir-te com trajes de festa.’ E acrescentou: ‘Colocai-lhe na cabeça um turbante limpo.’ Vestiram-no com roupas de gala e puseram-lhe um turbante limpo na cabeça. O anjo do Senhor, que estava ali, declarou solenemente: ‘Assim fala o Senhor dos Exércitos: Se andares nos meus caminhos e guardares os meus mandamentos, governarás a minha casa, cuidarás dos meus átrios e poderás entrar aqui com os que me assistem. Escuta ainda, sumo sacerdote Josué... num só dia afastarei a iniquidade desta terra. Nesse dia... convidar-vos-eis uns aos outros a descansar à sombra da videira e da figueira.’” (Zc 3,1-10)

Quando leio a história do filho pródigo com a visão de Zacarias no pensamento, a palavra “imediatamente”, com que o pai ordena aos servos que tragam a túnica, o anel e as sandálias, exprime muito mais do que

impaciência. Revela a ânsia divina de inaugurar o novo reino que esteve a preparar desde o princípio dos tempos.

Não há dúvida de que o pai quer organizar uma festa grandiosa. O facto de ter mandado matar o vitelo que tinham reservado para uma ocasião especial mostra quanto deseja realizar uma celebração como nunca antes. A sua alegria é evidente. Depois de dar todas as ordens, diz: “Façamos um banquete de festa, porque este meu filho estava morto e voltou à vida, estava perdido e foi encontrado.” E imediatamente começa a festa. Há abundância de comida, música e danças, e os sons alegres da celebração podem ouvir-se de longe.

Um convite à alegria

Tenho consciência de que não estou habituado a imaginar Deus a dar uma grande festa. Parece quase contradizer a seriedade e a solenidade com que sempre O associei. Mas quando penso no modo como Jesus descreve o reino de Deus, vejo que está sempre ligado a um banquete. Jesus afirma: “Muitos virão do oriente e do ocidente e sentar-se-ão à mesa com Abraão, Isaac e Jacob, no reino dos céus.” (Mt 8,11). E compara o reino a um banquete de bodas que um rei oferece ao seu filho. Os servos saem a chamar os convidados com esta mensagem: “O meu banquete está pronto, matei bois e cevados, tudo está preparado; vinde às bodas.” (Mt 22,4). Mas muitos não quiseram saber, ocupados com os seus afazeres.

Tal como na parábola do filho pródigo, Jesus exprime aqui o grande desejo do Pai de oferecer a todos os filhos um banquete e a sua alegria em celebrar, mesmo que alguns recusem o convite. Este convite para comer é um convite à intimidade com Deus. Vê-se de forma ainda mais clara na Última Ceia, pouco antes da sua morte, quando Jesus diz aos discípulos: “Em verdade vos digo: já não voltarei a beber deste fruto da videira até ao dia em que o beba convosco, novo, no reino de meu Pai.” (Mt 26,29). E no fim do Novo Testamento, a vitória final de Deus é descrita como um esplêndido banquete de núpcias: “Aleluia! O Senhor, nosso Deus, o Todo-Poderoso, começou a reinar. Alegremo-nos, exultemos e demos-Lhe glória, porque chegaram as bodas do Cordeiro... Felizes os convidados ao banquete de bodas do Cordeiro.” (Ap 19,6-9).

A celebração é parte integrante do reino de Deus. Ele não oferece apenas perdão, reconciliação e cura, mas quer dar tudo isto como expressão da sua alegria a todos os presentes. Nas três parábolas em que Jesus explica porque se senta à mesa com os pecadores, Deus rejubila e convida outros a alegrar-se com Ele. “Alegrai-vos,” diz o pastor, “porque encontrei a ovelha que estava perdida.” “Alegrai-vos,” diz a mulher, “porque encontrei a moeda que tinha perdido.” “Alegrai-vos,” diz o pai, “porque este meu filho estava perdido e foi encontrado.” Todas estas vozes são vozes de Deus. Ele não quer guardar a alegria só para Si, mas partilhá-la com todos. A alegria de Deus é também a dos seus anjos e dos seus santos; é a alegria de todos os que pertencem ao seu reino.

Rembrandt pinta o momento da chegada do filho pródigo. O filho mais velho e as outras três pessoas mantêm-se à distância. Compreenderão eles a alegria do Pai? Deixar-se-ão abraçar pelo Pai? E eu? Poderão deixar de lado as recriminações e participar na festa? E eu?

No quadro vejo apenas um instante de toda a história, e fico a imaginar o que acontecerá depois. Repito: o que farão eles? E eu? Sei que o Pai deseja que todos admirem as roupas novas do filho regressado, que se sente com eles à mesa, que coma e dance com eles. Não é um assunto privado. É algo que toda a família deve celebrar.

Repito outra vez: o que farão eles? E eu? É uma pergunta importante porque, por mais estranho que pareça, tem a ver com a minha resistência a viver uma vida cheia de alegria.

Deus alegra-se. Não porque os problemas do mundo se tenham resolvido, não porque a tristeza e o sofrimento humano tenham acabado, não porque milhares de pessoas se tenham convertido e agora lhe dêem graças pela sua bondade. Não. Deus alegra-se porque um dos seus filhos que estava perdido foi encontrado. Aquilo a que sou chamado é a unir-me a essa alegria. É a alegria de Deus, não a que o mundo oferece. É a alegria de ver o filho a caminhar para casa no meio da destruição, da desolação e angústia do mundo. É uma alegria escondida, tão discreta como o flautista que Rembrandt pintou na parede, acima do curioso que está sentado.

Não estou habituado a alegrar-me com as coisas pequenas, com o que está escondido e passa despercebido a quem me rodeia. Geralmente estou preparado para receber más notícias, para ler relatos de guerra, violência e crimes, e para testemunhar conflitos e desordens. Espero sempre que os que me visitam me contem os seus problemas, contratempos, decepções, depressões e angústias. De certa forma, habituei-me a viver na tristeza, e os meus olhos já não estão sensíveis para ver a alegria nem os meus ouvidos para ouvir a felicidade que pertence a Deus, e que se encontra nos cantos escondidos do mundo.

Tenho um amigo tão unido a Deus que é capaz de ver alegria onde eu só vejo tristeza. Viaja muito e conhece imensa gente. Quando regressa, espero sempre que me fale da difícil situação económica dos países por onde passou, das grandes injustiças de que ouviu falar, e das dores que presenciou. Mas, embora esteja muito consciente da agitação do mundo, raramente fala disso. Quando partilha as suas experiências, fala da alegria que descobriu escondida. Fala de um homem, uma mulher ou uma criança que lhe trouxeram esperança e paz. Fala de pequenos grupos de pessoas que confiam uns nos outros no meio do caos e da confusão. Fala dos pequenos milagres de Deus. Por vezes desiludo-me, porque quero ouvir “notícias de jornal”, histórias excitantes e cheias de drama para contar entre amigos. Mas ele nunca responde à minha necessidade de sensacionalismo. Continua a dizer: “Vi algo muito pequeno e muito belo, algo que me deu muita alegria.”

O pai do filho pródigo entrega-se totalmente à alegria de ver o seu filho de volta. É daí que tenho de aprender. Tenho de aprender a “roubar” toda a alegria que há para “roubar” e a mostrá-la aos outros. Sim, sei que o mundo inteiro ainda não se converteu, que a paz não chegou a todas as partes, que a tristeza não acabou. Mas vejo pessoas a regressar, a regressar sempre; ouço vozes que rezam; observo momentos de perdão e sou testemunha de muitos sinais de esperança. Não preciso de esperar que tudo esteja bem, posso celebrar cada pequeno sinal que me diz que o Reino está próximo.

Isso exige disciplina. Exige escolher a luz mesmo quando a escuridão me assusta, escolher a vida mesmo quando as forças da morte se mostram tão visíveis, escolher a verdade mesmo quando estou rodeado de mentiras.

Tenho tanta tendência para me impressionar com a tristeza inerente à condição humana, que já não reclamo a alegria que se manifesta em formas pequenas, mas autênticas. A recompensa por escolher a alegria é a própria alegria. Viver entre pessoas com doenças mentais convenceu-me disso. Há muitos sinais de desprezo, dor e feridas entre nós, mas quando se escolhe descobrir a alegria escondida no meio de tanto sofrimento, a vida torna-se uma festa. A alegria não nega a tristeza, mas transforma-a em terra fértil para cultivar mais alegria.

Certamente chamar-me-ão ingênuo, pouco realista e sentimental, e acusar-me-ão de ignorar os problemas “reais”, os males estruturais que estão na raiz de tanta miséria humana. Mas Deus alegra-se quando um pecador arrependido regressa. Estatisticamente isso não é interessante. Mas a Deus não parecem interessar os números. Quem sabe se o mundo não se mantém de pé porque uma, duas ou três pessoas continuaram a rezar quando o resto da humanidade já tinha perdido a esperança?

Desde a perspectiva de Deus, um ato oculto de arrependimento, um pequeno gesto de generosidade, um momento de verdadeiro perdão é tudo o que basta para que Ele se levante do seu trono, corra ao encontro do seu filho e encha o céu com sons de alegria divina.

Não sem tristeza.

Se este é o caminho de Deus, então tenho de trabalhar por me esquecer de todas as vozes de morte e condenação que me empurram para a depressão, e permitir que as “pequenas” alegrias revelem a verdade sobre o mundo em que vivo. Quando Jesus fala sobre o mundo é muito realista. Fala de guerras, revoluções, terremotos, pragas, fomes, perseguições e prisões, traições, ódios e assassínios. Não há qualquer indicação de que esses sinais da escuridão do mundo alguma vez deixarão de existir. Mas, mesmo assim, podemos fazer nossa a alegria de Deus no meio de tudo isso. É a alegria de pertencer à casa de Deus, cujo amor é mais forte do que a morte e que nos dá o poder de permanecer no mundo e participar, desde já, no reino da alegria.

Este é o segredo da alegria dos santos. Desde Santo Antônio do Deserto a São Francisco de Assis, ao Irmão Roger Schultz de Taizé, à Madre Teresa de Calcutá, a alegria tem sido o sinal dos homens e mulheres de Deus. Essa alegria pode ver-se nos rostos de muita gente simples, pobre, que sofre e que vive no meio de uma grande agitação econômica e social, mas que ainda assim consegue ouvir a música e as danças na casa do Pai. Eu próprio vejo tudo isto diariamente nos rostos dos deficientes da minha comunidade. Todos estes homens e mulheres sagrados, que viveram há muito tempo ou que pertencem ao nosso tempo, são capazes de reconhecer os inúmeros pequenos regressos que acontecem todos os dias e rejubilam com o Pai. Compreenderam o significado da verdadeira alegria.

É impressionante experimentar, na minha vida diária, a enorme diferença que existe entre o cinismo e a alegria. Os cínicos procuram a escuridão onde quer que vão. Apontam sempre os perigos que espreitam, os motivos impuros e os motivos ocultos. Chamam ingenuidade à confiança, romantismo à atenção e sentimentalismo ao perdão. Sorriem com desprezo perante o entusiasmo, ridicularizam o fervor espiritual e desprezam o comportamento carismático. Consideram-se realistas, que vêem a realidade tal como é e que não se deixam enganar pelas “emoções de evasão”. Mas, ao desprezar a alegria de Deus, a sua escuridão gera mais escuridão.

As pessoas que chegaram a conhecer a alegria de Deus não rejeitam a escuridão, mas escolhem não viver dentro dela. Acreditam que a luz que brilha na escuridão pode dar mais esperança do que a própria escuridão, e que um pouco de luz pode dissipar muita escuridão. Apontam para os clarões de luz aqui e ali e lembram-se de que esses clarões revelam a presença de Deus, oculta mas autêntica. Descobrem que há pessoas que curam as feridas uns dos outros, que se perdoam as ofensas, que partilham o que têm, que fomentam o espírito de comunidade, que celebram os dons que receberam e que vivem numa constante antecipação da plena manifestação da glória de Deus.

Em cada momento de cada dia, tenho a oportunidade de optar entre o cinismo ou a alegria. Cada pensamento que tenho pode ser cínico ou alegre. Cada palavra que pronuncio pode ser cínica ou alegre. Cada ato que realizo pode ser cínico ou alegre. Cada vez mais tenho consciência destas opções, e

cada vez mais descubro que cada opção pela alegria conduz a uma alegria maior e oferece mais razões para fazer da vida uma verdadeira festa na casa do Pai.

Jesus viveu a sua alegria na casa do Pai. Nele vemos a alegria do Pai. “Tudo o que o Pai tem é também meu” (Jo 16,15), diz Ele, incluindo a sua alegria sem limites. Esta alegria divina não apaga a divina tristeza. No nosso mundo, alegria e tristeza excluem-se. Aqui em baixo, alegria significa ausência de tristeza e tristeza ausência de alegria. Mas estas distinções não existem em Deus. Jesus, o Filho de Deus, é o homem das tristezas, mas também o homem da alegria completa. Podemos ver um vislumbre de tudo isto quando nos damos conta de que, nos momentos de sofrimento, Jesus não se separa do seu Pai. Esta união com Deus nunca se rompe, nem sequer quando se “sente” abandonado por Ele. A alegria de Deus está ligada à sua condição de Filho, e esta alegria de Jesus e do seu Pai é-me oferecida. Jesus quer que eu participe da mesma alegria que Ele: “Assim como o Pai me ama, também eu vos amo. Permanecei no meu amor. Mas só permanecereis no meu amor se obedecerdes aos meus mandamentos, assim como eu observei os mandamentos do meu Pai e permaneço no seu amor. Disse-vos tudo isto para que participeis da minha alegria e a vossa alegria seja completa” (Jo 15,9-11).

Tal como o filho de Deus que regressou e vive na casa do Pai, também eu posso fazer minha a alegria de Deus. Não há um minuto da minha vida em que não seja tentado pela tristeza, pela melancolia, pelo cinismo, pelo mau humor, pelos pensamentos sombrios, pelas especulações mórbidas e pelas ondas de depressão. E muitas vezes deixo que cubram a alegria de estar na casa do meu Pai.

Mas quando acredito verdadeiramente que já cheguei e que o meu Pai me vestiu com uma túnica, um anel e umas sandálias, então retiro a máscara de tristeza do meu coração e faço desaparecer a mentira que me fala do meu próprio eu, e descubro a verdade com a liberdade interior do filho de Deus.

Mas há ainda mais. Uma criança não permanece sempre criança. Uma criança torna-se adulta. Um adulto torna-se pai ou mãe. Quando o filho pródigo regressa a casa, não volta para continuar a ser criança, mas para descobrir a sua condição de filho e tornar-se ele próprio pai. Tal como o

filho de Deus acabado de chegar, a quem se convida a ocupar um lugar na casa do Pai, o desafio agora — sim, a chamada — é que eu mesmo me torne pai. Esta chamada assusta-me. Durante muito tempo vivi com a ideia de que regressar à casa do meu Pai era o último chamamento. Custou-me muito trabalho espiritual reconhecer o filho mais novo e o filho mais velho em mim e receber o amor de acolhimento do Pai. A verdade é que, em muitos aspetos, continuo a regressar a casa. Mas quanto mais perto estou dela, mais claramente vejo que há um outro chamamento. É o chamamento a tornar-me o pai que acolhe e organiza uma festa.

Uma vez descoberta a minha condição de filho, tenho agora de descobrir a minha paternidade. A primeira vez que vi *O Filho Pródigo* de Rembrandt, não podia imaginar que tornar-me no filho arrependido não era mais do que um passo no caminho para me tornar no pai acolhedor. Agora vejo que as mãos que perdoam, consolam, curam e oferecem um banquete têm de ser as minhas. Assim, tornar-me pai foi a surpreendente conclusão a que cheguei depois de todas as minhas reflexões sobre *O Regresso do Filho Pródigo* de Rembrandt.

CONCLUSÃO

TORNAR-SE NO PAI

“Sede misericordiosos, como o vosso Pai é misericordioso.”

Um passo solitário

Quando vi pela primeira vez o detalhe de *O Filho Pródigo* de Rembrandt, iniciou-se em mim toda uma viagem espiritual que me levou a escrever este livro. Agora, ao redigir a conclusão, vejo o longo caminho que percorri.

Desde o início estive disposto a aceitar que tanto a figura do filho mais novo como a do mais velho seriam aspetos fundamentais da minha viagem espiritual. Durante muito tempo, o pai foi “o outro”, aquele que me receberia, me perdoaria, me ofereceria uma casa e me daria paz e alegria. O pai era o lugar para onde voltar, a meta da minha viagem, a morada última. Foi pouco a pouco, e por vezes de forma muito dolorosa, que me apercebi de que a minha viagem espiritual jamais estaria completa enquanto o pai continuasse a ser um intruso.

Foi então que compreendi claramente que nem a minha formação teológica nem a minha formação espiritual tinham sido capazes de me libertar da ideia de um Deus Pai que continuava a ameaçar-me e a amedrontar-me. Tudo o que tinha aprendido acerca do amor do Pai não me permitira abandonar a ideia de uma autoridade que tinha poder sobre mim e que utilizaria esse poder segundo a sua vontade. De algum modo, o amor de Deus por mim estava limitado pelo meu medo do poder de Deus, e o mais prudente era manter-me à distância, apesar de o meu desejo de me aproximar ser imenso. Sei que este sentimento é partilhado por muitas pessoas. Vi como o medo de se tornar vítima da vingança e do castigo de Deus paralisou a vida intelectual e emocional de muita gente, independentemente da idade, religião ou estilo de vida. O medo de Deus é uma das grandes tragédias humanas.

O quadro de Rembrandt, assim como a sua trágica vida, ofereceram-me um contexto no qual descobri que o último passo na vida espiritual está muito longe de um sentimento de medo em relação ao Pai, e que é possível tornar-me n'Ele. Enquanto o Pai despertar medo, continuará a ser um intruso e será impossível que habite no meu interior. Mas Rembrandt, que me mostrou o Pai na sua dimensão vulnerável, fez-me compreender que a minha vocação última é a de ser como o Pai e viver a sua divina compaixão na minha vida quotidiana. Embora seja o filho mais novo e o filho mais velho, não estou chamado a continuar a sê-lo, mas a tornar-me no pai. Ninguém foi pai ou mãe sem antes ter sido filho ou filha, mas cada filho e filha deve escolher conscientemente dar mais um passo e tornar-se pai ou mãe para outros. É um passo muito duro e solitário — especialmente num período da história em que é tão difícil viver bem a paternidade — mas, ao mesmo tempo, é um passo essencial para o cumprimento da viagem espiritual.

Embora Rembrandt não coloque o pai no centro físico do quadro, é claro que o Pai é o centro de tudo o que ali acontece. Toda a luz emana d'Ele, toda a atenção converge para Ele. Rembrandt, fiel à parábola, quis que a nossa primeira atenção recaísse no Pai antes de qualquer outro.

Surpreende-me pensar no tempo que me levou a fazer do pai o centro da minha atenção. Era tão fácil identificar-me com os dois filhos! A sua desobediência é tão compreensível e tão humana que a identificação com eles surge de imediato. Durante muito tempo identifiquei-me tanto com o filho mais novo, que nem me ocorreu pensar que podia assemelhar-me mais ao mais velho. Mas, assim que o meu amigo disse: “Pergunto-me se não serás mais como o filho mais velho”, foi-me muito difícil pensar noutra coisa. Aparentemente, todos participamos, em maior ou menor medida, de todas as formas de miséria humana. Ninguém está completamente livre da cobiça, da ira, da luxúria, do ressentimento, da frivolidade ou dos ciúmes. A fraqueza humana pode surgir de mil formas, mas não há ofensa, crime ou guerra que não encontre a sua semente nos nossos corações.

Mas e o pai? Porque prestamos tanta atenção aos filhos quando é o pai o centro, aquele com quem devo identificar-me? Porque falar tanto de ser como os filhos quando a pergunta essencial é: Queres ser como o pai? Uma

pessoa sente-se bem ao poder dizer: “Estes filhos são como eu”, porque sente que é compreendida. Mas como será dizer: “O pai é como eu”? Quero ser não só como aquele que é perdoado, mas também como aquele que perdoa; não só como aquele que é acolhido, mas também como aquele que acolhe; não só como aquele que recebe misericórdia, mas também como aquele que a dá?

Não haverá uma pressão, tanto na Igreja como na sociedade, para que continuemos a ser filhos dependentes? Não terá a Igreja, no passado, insistido na obediência de um modo tal que se tornava muito difícil descobrir a paternidade espiritual? E a nossa sociedade consumista não nos incentiva a deixar-nos levar pela auto-gratificação infantil? Quem nos desafiou a libertarmo-nos das dependências imaturas e a aceitar o peso de sermos adultos responsáveis? Não tentaremos escapar à dura tarefa que é a paternidade? Rembrandt fê-lo. Só depois de muito sofrimento e dor, perto da morte, foi capaz de compreender e de retratar a verdadeira paternidade espiritual.

Talvez a afirmação mais radical que Jesus fez tenha sido: “Sede misericordiosos, como o vosso Pai é misericordioso” (Lc 6,36). Jesus descreve a misericórdia de Deus não apenas para me mostrar o que Deus sente por mim, ou para me perdoar os pecados e oferecer-me uma vida nova e muita felicidade, mas para me convidar a ser como Deus e a ser tão misericordioso com os outros como Ele é comigo. Se o único significado da história fosse que as pessoas pecam mas que Deus perdoa, eu poderia muito facilmente começar a pensar nos meus pecados como uma ótima ocasião para que Deus me mostrasse o seu perdão. Numa tal interpretação não haveria verdadeiro desafio. Resignar-me-ia a ser fraco e esperaria que Deus fechasse finalmente os olhos aos meus pecados e me deixasse entrar em casa, tivesse eu feito o que tivesse feito. Mas esta mensagem sentimental e romântica não é a mensagem dos Evangelhos.

O que sou chamado a fazer é tornar verdade em mim que, quer seja o filho mais novo, quer seja o mais velho, sou filho do meu Pai misericordioso. Sou herdeiro. Ninguém o exprime de forma tão clara como Paulo, quando escreve: “Esse mesmo Espírito une-se ao nosso para dar testemunho de que somos filhos de Deus. E se somos filhos, também somos

herdeiros: herdeiros de Deus e coerdeiros com Cristo, contanto que, se agora padecemos com Ele, também com Ele sejamos glorificados” (Rm 8,16-17). Assim, como filho e herdeiro, torno-me sucessor. Estou destinado a ocupar o lugar do Pai e a oferecer a outros a mesma compaixão que Ele me oferece. O regresso ao Pai é o desafio de me tornar no Pai.

Este chamamento a ser o Pai exclui qualquer interpretação “suave” da história. Sei o quanto desejo regressar e estar em segurança, mas quero realmente ser filho e herdeiro sabendo tudo o que isso implica? Estar na casa do Pai exige que faça minha a vida do Pai e me transforme à sua imagem.

Há pouco tempo, ao olhar-me ao espelho, surpreendeu-me ver o quanto me pareço com o meu pai. Ao olhar para os meus traços, vi de repente o homem que via quando tinha vinte e sete anos: o homem que eu admirava, criticava, amava e temia. Investi muita da minha energia em encontrar o meu eu no rosto daquela pessoa, e muitas das perguntas sobre quem eu era e em quem me tornaria ganharam forma sendo filho desse homem. Quando me vi refletido no espelho, apercebi-me de que todas as diferenças de que tinha consciência na minha vida eram muito pequenas em comparação com as semelhanças. Percebi, com surpresa, que era herdeiro, sucessor, admirado, temido, louvado e incompreendido por outros, tal como o meu pai o fora por mim.

A paternidade misericordiosa

O retrato de Rembrandt do pai do filho pródigo ajuda-me a compreender que já não preciso de recorrer à minha condição de filho para me manter à distância. Tendo vivido plenamente a minha condição de filho, chegou o momento de derrubar todas as barreiras e descobrir que o que realmente desejo é tornar-me no ancião que vejo diante de mim. Não posso ser sempre uma criança. Não posso continuar a usar o meu pai como desculpa na minha vida. Tenho de ousar estender as mãos num gesto de louvor e receber os meus filhos com compaixão, independentemente dos pensamentos ou sentimentos que tenham em relação a mim. Agora preciso de descobrir o que realmente significa ser um Pai misericordioso, porque

esse é o fim último da minha vida espiritual, como está expresso na parábola e no quadro de Rembrandt.

Primeiro, devo ter em conta o contexto em que Jesus contou a história do “homem que tinha dois filhos.” Lucas escreve: “Todos os publicanos e pecadores se aproximavam de Jesus para o ouvir. Os fariseus e os mestres da lei murmuravam: Este anda com pecadores e come com eles.” (Lc 15,1-2) Puseram em causa a sua legitimidade como mestre, criticando a sua proximidade com os pecadores. Como resposta, Jesus conta-lhes as parábolas da ovelha perdida, da moeda extraviada e do filho pródigo.

Jesus deixa claro que o Deus de quem fala é um Deus de misericórdia, que acolhe e recebe com alegria os pecadores arrependidos. Assim, tratar e comer com pessoas de má reputação não contradiz os seus ensinamentos sobre Deus; pelo contrário, faz com que as suas palavras se tornem vida concreta. Se Deus perdoa os pecadores, então aqueles que têm fé devem fazer o mesmo. Se Deus acolhe os pecadores em sua casa, então aqueles que confiam em Deus também devem acolhê-los. Se Deus é misericordioso, os que amam a Deus devem ser misericordiosos. O Deus que Jesus anuncia e em cujo nome age é o Deus da misericórdia, o Deus que se oferece como exemplo e modelo de comportamento humano.

Mas há mais. Tornar-se no Pai celeste não é apenas um aspeto importante do ensinamento de Jesus; é o núcleo mesmo da sua mensagem. A radicalidade das palavras de Jesus e a aparente impossibilidade das suas exigências tornam-se evidentes quando são escutadas como parte de um chamamento geral à conversão e a ser verdadeiros filhos e filhas de Deus.

Enquanto continuarmos a pertencer a este mundo, permaneceremos vítimas dos seus métodos competitivos e esperaremos ser recompensados por todo o bem que fazemos. Mas, quando pertencemos a Deus, que nos ama sem condições, podemos viver como Ele. A grande conversão a que Jesus nos chama consiste em passar de pertencer ao mundo a pertencer a Deus. Quando, pouco antes de morrer, Jesus reza ao seu Pai pelos discípulos, diz: “[Pai,] Eles não pertencem ao mundo, assim como eu também não pertencço... Peço-te que todos sejam um. Pai, assim como tu estás em mim e eu em ti, que também eles estejam unidos a nós, para que o mundo acredite que tu me enviaste.” (Jo 17,16-21)

Uma vez que estejamos na casa de Deus como filhos e filhas, poderemos ser como Ele, amar como Ele, ser bons como Ele, preocupar-nos com os outros como Ele. Jesus deixa isto muito claro quando explica: “Se amardes os que vos amam, que mérito tendes? Também os pecadores amam os que os amam. Se fizerdes bem a quem vos faz bem, que mérito tendes? Também os pecadores fazem o mesmo. E se emprestardes àqueles de quem esperais receber, que mérito tendes? Também os pecadores emprestam entre si para receber o equivalente. Mas vós amai os vossos inimigos, fazei o bem e emprestai sem esperar nada em troca; assim a vossa recompensa será grande, e sereis filhos do Altíssimo, porque Ele é bom para os ingratos e maus. Sede misericordiosos, como o vosso Pai é misericordioso.” (Lc 6,32-36)

Este é o núcleo do Evangelho. A forma como somos chamados a amar os outros seres humanos é a mesma forma como Deus ama. Somos chamados a amar o próximo com o mesmo amor generoso do Pai. A misericórdia com que somos amados não está baseada na competitividade. Nesta misericórdia não pode haver competições. Se vamos ser recebidos não só por Deus mas como Deus, temos de chegar a ser como o Pai celeste e contemplar o mundo com os seus olhos.

A pessoa de Jesus é mais importante do que o contexto da parábola ou do que a própria parábola. Jesus é o verdadeiro Filho do Pai. É o nosso modelo para chegarmos a ser como o Pai. Nele habita a plenitude de Deus. Todo o conhecimento de Deus reside n’Ele; toda a glória de Deus permanece n’Ele; todo o poder de Deus lhe pertence. A sua unidade com o Pai é tão íntima e tão completa que ver Jesus é ver o Pai. “Mostra-nos o Pai,” pede Filipe. Jesus responde-lhe: “Quem me vê a mim, vê o Pai.” (Jo 14,9)

Jesus ensina-nos em que consiste a verdadeira condição de filho. É o filho mais novo sem ser rebelde. É o filho mais velho sem ser rancoroso. É obediente ao Pai em tudo, mas não é escravo. Escuta tudo o que o Pai lhe diz, mas isso não o transforma em servo. Faz tudo o que o Pai lhe pede, mas é completamente livre. Dá tudo e recebe tudo. Afirma abertamente: “Em verdade, em verdade vos digo: o Filho nada pode fazer por si mesmo; faz apenas o que vê o Pai fazer. O que este faz, também o faz igualmente o

Filho. Pois o Pai ama o Filho e mostra-lhe tudo o que Ele próprio faz; e mostrar-lhe-á obras maiores do que estas, de modo que ficareis maravilhados. Porque, assim como o Pai ressuscita os mortos e lhes dá vida, assim também o Filho dá vida a quem Ele quer. O Pai não julga ninguém, mas confiou ao Filho todo o poder de julgar, para que todos honrem o Filho como honram o Pai.” (Jo 5,19-23)

Esta é a condição divina de filho, a condição à qual sou chamado. O mistério da redenção consiste em que o Filho de Deus se fez carne para que todos os filhos perdidos pudessem tornar-se filhos e filhas como Jesus o é. Nesta perspectiva, a história do filho pródigo ganha uma nova dimensão. Jesus, o Amado do Pai, abandona a casa do seu Pai para pôr fim aos pecados dos filhos caprichosos e reconduzi-los a casa. Mas, mesmo ao partir, permanece junto do Pai, obedece-Lhe e oferece cura aos irmãos e irmãs ressentidos. Assim, por mim, Jesus torna-se o filho mais novo e o filho mais velho, para me ensinar a tornar-me como o Pai. Através d’Ele, posso voltar a ser um verdadeiro filho e, como verdadeiro filho, posso chegar a ser misericordioso como o é o nosso Pai do Céu.

À medida que passam os anos, vou percebendo quão difícil, exigente e, ao mesmo tempo, satisfatório é crescer nesta paternidade espiritual. Houve um tempo em que tive a ilusão de que um dia todos os meus chefes desapareceriam e eu poderia, finalmente, mandar. Mas essa é a dinâmica do mundo, onde o poder é o que mais importa. E é fácil verificar que aqueles que passaram a vida inteira a tentar livrar-se dos seus chefes, quando finalmente ocupam o seu lugar, não são muito diferentes de como foram os seus predecessores. A paternidade espiritual nada tem a ver com poder ou controlo. É uma paternidade de misericórdia. E, para a compreender em profundidade, tenho de continuar a olhar para o modo como o pai abraça o filho. Continuamente me encontro a lutar para conseguir poder, apesar das minhas melhores intenções. Quando dou algum conselho, quero saber se foi seguido; quando ofereço ajuda, quero que me agradeçam; quando empresto dinheiro, quero que seja usado à minha maneira; quando faço algo bem, quero que isso seja lembrado. Pode ser que não me ergam uma estátua ou uma placa comemorativa, mas vivo preocupado em não ser esquecido, em permanecer no pensamento e nos atos dos outros.

No entanto, o pai do filho pródigo não vive preocupado consigo mesmo. A sua vida, cheia de tantos sofrimentos, fez dele um homem que não sente qualquer desejo de controlar. Os filhos são a sua única preocupação; quer dar-se totalmente a eles e, por eles, renuncia a tudo o resto. Serei eu capaz de dar sem pedir nada em troca, de amar sem impor condições ao meu amor? Quando penso na minha necessidade de ser reconhecido e apreciado, percebo que tenho de travar uma dura batalha. Mas também estou convencido de que, cada vez que consigo vencer essa necessidade e ajo livremente, posso confiar que a minha vida pode dar os frutos do Espírito de Deus.

Haverá algum caminho para chegar à paternidade espiritual? Ou estarei condenado a permanecer tão preso à minha necessidade de encontrar um lugar no mundo, que acabarei por recorrer vezes sem conta à autoridade do poder em vez da autoridade da misericórdia? Ter-me-á o espírito de competição invadido de tal forma que chegarei a ver os meus próprios filhos como rivais? Se realmente Jesus me chama a ser misericordioso como o seu Pai celestial é misericordioso, e se Ele mesmo se oferece como o caminho para levar uma vida misericordiosa, então não posso continuar a agir como se a competição fosse a última palavra. Tenho de confiar que sou capaz de me tornar no pai que estou chamado a ser.

Dor, perdão e generosidade

Ao contemplar o quadro de Rembrandt, descubro três aspetos da paternidade misericordiosa: a dor, o perdão e a generosidade.

Pode parecer estranho considerar a dor como uma forma de compaixão, mas é-o. A dor faz-me reconhecer os pecados do mundo — incluindo os meus —, estremece-me o coração e leva-me a derramar muitas lágrimas por eles. Não há misericórdia sem lágrimas. Se não forem lágrimas que correm dos olhos, têm de ser lágrimas que brotam do coração. Quando paro para pensar na desobediência dos filhos de Deus, na nossa luxúria, ganância, violência, ira, rancor, e quando os contemplo através dos olhos do coração de Deus, não posso senão chorar e gritar de dor:

Vê, minha alma, como um ser humano procura fazer mal a outro; vê como uns tentam prejudicar os seus companheiros; vê aqueles pais a incomodar os filhos; vê como o patrão explora os trabalhadores; vê a mulher violada, o homem maltratado, as crianças abandonadas. Vê, minha alma, o mundo; os campos de concentração, as prisões, os reformatórios, as clínicas, os hospitais e ouve os gritos dos pobres.

Esta dor é oração. Mas a dor é também a disciplina do coração que vê o pecado do mundo e é o preço doloroso da liberdade sem a qual o amor não pode nascer. Começo a perceber que a dor é uma parte muito importante da oração. A dor é tão profunda não apenas porque o pecado do homem seja tão grande, mas também — e sobretudo — porque o amor divino não conhece fronteiras. Para me tornar como o Pai, cuja única autoridade é a compaixão, tenho de derramar incontáveis lágrimas e assim preparar o meu coração para acolher qualquer pessoa, não importa qual tenha sido o seu caminho, e perdoá-la desse coração.

O segundo caminho que conduz à paternidade espiritual é o perdão. É através do perdão constante que nos tornamos semelhantes ao Pai. Perdoar de coração é muito difícil. Quase impossível. Jesus disse aos seus discípulos: «Se o teu irmão pecar contra ti sete vezes ao dia e outras sete vier ter contigo a dizer: “Arrependo-me”, perdoa-lhe.» (Lc 17,4)

Muitas vezes digo: «perdoo-te», mas o meu coração continua zangado ou ressentido. Quero continuar a ouvir a história que me prova que, no fundo, eu tinha razão; quero continuar a escutar desculpas e justificações; quero a satisfação de receber algum reconhecimento em troca — ainda que seja apenas o louvor por ter perdoado! E, no entanto, o perdão de Deus é incondicional; brota de um coração que nada reclama para si, de um coração completamente vazio de egoísmo. É esse perdão divino que tenho de praticar na minha vida diária. É um apelo a passar por cima de todos os meus argumentos que me dizem que o perdão é imprudente, pouco saudável e nada prático. Desafia-me a passar por cima de todas as minhas necessidades de gratidão e atenção. E, por fim, obriga-me a passar por cima daquela parte do meu eu que se sente ferida e ofendida e que deseja manter o controlo e impor condições entre aquele que me pede perdão e eu.

Este “passar por cima” é a autêntica disciplina do perdão. Talvez seja mais “trepar” do que “passar”. Muitas vezes tenho de trepar o muro de argumentos e sentimentos negativos que levantei entre mim e aquele a quem quero amar e que não me corresponde nesse amor. É um muro feito de medo de voltar a ser usado ou ferido. É um muro de orgulho e de desejo de controlar. Mas, cada vez que consigo trepar esse muro, entro na casa onde habita o Pai e aí abraço o meu irmão com um amor verdadeiro e misericordioso.

A dor permite-me ver para além do meu muro e tomar consciência do sofrimento horrível que resulta do desvario humano. Abre o meu coração a uma verdadeira solidariedade com os outros seres humanos. O perdão é o caminho para saltar esse muro e acolher os outros no meu coração sem esperar nada em troca. Só quando me lembro de que sou o filho amado sou capaz de acolher aqueles que regressam a mim com a mesma misericórdia com que o Pai me acolhe a mim.

A terceira via para chegar a ser como o Pai é a generosidade. Na parábola, o pai não só dá ao filho tudo o que este pede, como, quando ele regressa, o cobre de presentes. E ao filho mais velho diz: «Tudo o que é meu é teu.» (*Lc 15,31*) Nada o pai guarda para si. Esvazia-se de si próprio e entrega tudo aos filhos. Dá mais do que se suporia que um homem ofendido pudesse dar; entrega-se sem reservas. Os dois filhos são o seu “tudo”. Deseja oferecer-lhes toda a sua vida. A forma como entrega ao filho mais novo a túnica, o anel e as sandálias, e o modo como o recebe, bem como a maneira como anima o filho mais velho a ocupar o seu lugar no coração do pai e a sentar-se à mesa com o irmão mais novo, deixam claro que todas as fronteiras do comportamento patriarcal foram quebradas. Este não é o retrato de um pai extraordinário. É o retrato de Deus, cuja bondade, amor, perdão, cuidado, alegria e misericórdia não conhecem limites. Jesus apresenta a generosidade de Deus servindo-se de todas as imagens da sua cultura, mas transformando-as continuamente.

Para me tornar como o Pai, tenho de ser tão generoso como Ele. Assim como o Pai se entrega totalmente aos filhos, também eu tenho de me dar totalmente aos meus irmãos e irmãs. Jesus deixa muito claro que dar-se a si mesmo é a marca do verdadeiro discípulo: «Ninguém tem maior amor do

que aquele que dá a vida pelos seus amigos.» (Jo 15,13) Esta entrega é uma disciplina porque não é algo que brote de forma espontânea. Como filhos das trevas, que caminham entre o medo, o interesse próprio, a ganância e o poder, os nossos grandes motores são a sobrevivência e o instinto de conservação. Mas como filhos da luz, que sabem que o amor afasta todo o medo, é possível deixar de lado tudo o que temos contra os outros.

Como filhos da luz, preparamo-nos para nos tornarmos verdadeiros mártires: pessoas que, com a sua vida, dão testemunho do amor sem limites de Deus. Dar tudo significa ganhar tudo. Jesus expressa-o com clareza ao dizer: «Quem quiser salvar a sua vida perdê-la-á, mas quem perder a sua vida por minha causa e pelo Evangelho salvá-la-á.» (Mc 8,35)

Cada vez que avanço um passo em direção à generosidade, sei que me movo do medo para o amor. Mas, no início, esses passos são difíceis de dar porque há demasiadas emoções e sentimentos que me retêm. Porque haveria eu de gastar a minha energia, tempo, dinheiro e até atenção com alguém que me ofendeu? Porque haveria eu de partilhar a minha vida com alguém que me faltou ao respeito?

Porque... a verdade é que, em sentido espiritual, aquele que me ofendeu pertence à minha “família”, ao meu “gen”. A palavra “generosidade” inclui o termo “gen”, que também encontramos nas palavras “género”, “geração” e “generativo”. Este termo, do latim *genus* e do grego *genos*, refere-se ao facto de pertencer a uma classe. Generosidade é um dar que nasce de nos sabermos parte desse vínculo íntimo. A verdadeira generosidade atua a partir da convicção — e não do sentimento — de que todos aqueles a quem me é pedido que perdoe são “parentes” e pertencem à minha família. E, cada vez que ajo assim, esta verdade torna-se mais visível. A generosidade cria a família que acredita nela.

Dor, perdão e generosidade são, portanto, as três vias pelas quais a imagem do Pai pode crescer em mim. São três aspetos do chamamento do Pai a estar em casa. Como o Pai. Tal como o Pai, já não sou chamado a regressar a casa como o filho mais novo nem como o mais velho, mas a estar em casa para que os seus filhos possam voltar e ser acolhidos com alegria. É muito duro estar simplesmente em casa “à espera”. É muito duro estar simplesmente em casa e esperar. É uma espera dolorosa por aqueles

que partiram e uma espera com a esperança de poder oferecer perdão e nova vida aos que regressam.

Como o Pai, tenho de acreditar que todos os desejos humanos podem encontrar-se em casa. Como o Pai, tenho de estar livre da necessidade de vaguear e de recuperar uma infância perdida. Como o Pai, devo saber que a minha juventude já passou e que brincar a jogos de juventude não é mais do que uma tentativa ridícula de ocultar a verdade de que sou velho e estou próximo da morte. Como o Pai, tenho de ousar assumir a responsabilidade de ser uma pessoa espiritualmente adulta e confiar que a verdadeira alegria e plenitude só podem vir de dar as boas-vindas em casa àqueles que estão feridos, amando-os com um amor que não pede nem espera nada em troca.

Nesta paternidade espiritual há um terrível vazio. Não há poder, nem sucesso, nem fama, nem satisfação fácil. Mas esse mesmo vazio é o lugar da verdadeira liberdade. É o lugar onde “não há nada a perder”, onde o amor não tem amarras e onde pode encontrar-se a verdadeira força espiritual.

Cada vez que alcanço dentro de mim esse vazio terrível e fértil, sei que posso acolher qualquer pessoa sem a condenar e que lhe posso oferecer esperança. Ali sou livre para receber os fardos dos outros sem necessidade de avaliar, categorizar ou analisar. Ali, nesse estado completamente livre de qualquer juízo, posso gerar uma confiança libertadora. Uma vez, quando visitava um amigo que estava a morrer, experimentei esse vazio de forma imediata. Não senti qualquer desejo de lhe fazer perguntas sobre o passado ou especulações sobre o futuro. Estávamos simplesmente juntos, sem medo, sem qualquer sentimento de culpa ou vergonha, sem preocupações. Nesse vazio podia sentir-se o amor incondicional de Deus, e podíamos dizer o que disse o velho Simeão quando tomou o Menino nos braços: «Agora, Senhor, segundo a tua promessa, podes deixar que o teu servo morra em paz.» (*Lc* 2,29) Ali, no meio de um vazio terrível, havia uma confiança plena, uma paz completa, uma alegria total. A morte já não era inimiga. O amor tinha vencido.

Cada vez que alcanço esse vazio sagrado de amor que não pede nada, o céu e a terra estremecem e há uma grande “alegria entre os anjos de Deus”.

É a alegria pelos filhos e filhas que regressam. É a alegria da paternidade espiritual.

Viver esta paternidade espiritual exige a disciplina radical de estar em casa. Como pessoa que se rejeita e que está sempre à procura de afirmação e afeto, é-me impossível amar sem pedir nada em troca. Mas a disciplina consiste precisamente em deixar de querer fazê-lo por mim mesmo, como se fosse uma proeza heroica. Para descobrir por mim próprio a paternidade espiritual e a autoridade misericordiosa que lhe pertence, tenho de deixar que o filho mais novo rebelde e o filho mais velho ressentido saltem para o palco e recebam o amor incondicional e misericordioso que o Pai me oferece, e descobrir aí o chamamento a “ser acolhido” como o meu Pai “é acolhido”.

Então, os dois filhos que estão dentro de mim podem transformar-se, pouco a pouco, no pai misericordioso. Esta transformação leva-me ao cumprimento do desejo mais profundo do meu coração inquieto. Pois poderá haver alegria maior do que estender os meus braços e deixar que as minhas mãos toquem os ombros dos meus filhos recém-chegados, num gesto de bênção?

EPÍLOGO

Viver o quadro

A primeira vez que vi, no final de 1983, a reprodução do quadro de Rembrandt, toda a minha atenção se fixou nas mãos do pai idoso a apertar contra o peito o filho recém-chegado. Vi perdão, reconciliação, cura; vi também segurança, descanso, a sensação de estar em casa. Essa imagem do abraço do Pai ao seu filho comoveu-me tanto porque tudo dentro de mim ansiava ser recebido assim. Esse encontro foi o início do meu próprio regresso.

Pouco a pouco, a comunidade de *A Arca* tornou-se a minha casa. Jamais pensei que homens e mulheres com doenças mentais fossem os que pusessem as suas mãos sobre mim num gesto de bênção e me oferecessem um lar. Durante muito tempo procurei segurança entre os sábios e inteligentes, sem me dar conta de que as coisas do Reino se revelavam aos “simples” (Mt 11,25); que Deus escolheu “o que o mundo considera insensato para confundir os sábios.” (1 Co 1,27)

Mas quando experimentei a calorosa e simples hospitalidade daqueles que nada têm de que se orgulhar, e quando senti o abraço afetuoso de pessoas que nada me perguntaram, comecei a descobrir que o verdadeiro regresso espiritual significa voltar aos pobres de espírito, pois deles é o Reino dos Céus. O abraço do Pai tornou-se muito real para mim nos abraços desses doentes mentais.

O facto de ter visto o quadro pela primeira vez enquanto visitava uma comunidade de pessoas com doenças mentais permitiu-me estabelecer uma relação enraizada no mistério da nossa salvação. É a relação entre a bênção dada por Deus e a bênção dada pelos pobres. Em *A Arca* comprovei que essas bênçãos são, na verdade, uma só. O mestre holandês não apenas me pôs em contacto com os desejos mais profundos do meu coração, mas levou-me a descobrir que esses desejos podiam ser cumpridos na comunidade onde o encontrei pela primeira vez.

Passaram mais de seis anos desde que vi pela primeira vez a representação do quadro de Rembrandt em Trosly, e cinco anos desde que decidi fazer de *A Arca* a minha casa. Quando penso nesses anos, percebo que as pessoas com doenças mentais e aqueles que delas cuidam fizeram-me “viver” esta parábola de forma muito mais completa do que alguma vez pensei. As calorosas boas-vindas que recebi em muitas casas de *A Arca* e as muitas celebrações que partilhei permitiram-me viver profundamente o regresso do filho mais novo. Acolhimento e celebração são, assim, duas das características mais importantes da vida “em *A Arca*.” Há tantos sinais de acolhimento — abraços, beijos, cânticos — e tantas refeições festivas que uma pessoa de fora poderia pensar que *A Arca* é uma celebração de regresso a casa que dura toda a vida.

Também vivi a história do filho mais velho. Na verdade, não me tinha apercebido da sua presença no quadro até ir a São Petersburgo e o ver na íntegra. Ali descobri a tensão que Rembrandt retratou: não só está cheia de luz a reconciliação entre o pai e o filho mais novo, como também a distância, escura e ressentida, do filho mais velho. Há arrependimento, mas também ira. Há comunhão, mas também distância. Vê-se o brilho quente da cura, mas também a frieza do olhar crítico; o oferecimento da misericórdia, mas também a enorme resistência em recebê-la. Não me custou muito reconhecer o filho mais velho dentro de mim.

A vida em comunidade não faz desaparecer a escuridão. Pelo contrário. É como se a luz que me atraiu a *A Arca* me tivesse tornado consciente da escuridão que havia em mim. Ciúmes, ira, sentimento de rejeição ou de abandono, sensação de não pertencer verdadeiramente a nada nem a ninguém; tudo isso surgiu no contexto de uma comunidade que lutava por alcançar o perdão, a reconciliação e a cura. A vida em comunidade abriu-me para a verdadeira batalha espiritual: a batalha de caminhar para a luz precisamente quando a escuridão é tão real.

Quando vivia sozinho, era relativamente fácil manter escondido o filho mais velho. Mas partilhar a vida com pessoas que não escondem os seus sentimentos colocou-me rapidamente frente a frente com o filho mais velho dentro de mim. Há muito pouco de romântico na vida em comunidade. Pelo

contrário, ela provoca uma necessidade constante de sair da escuridão e chegar ao abraço do Pai.

As pessoas com deficiência mental têm pouco a perder. Mostram-se tal como são. Expressam abertamente o seu amor e o seu medo, a sua bondade e a sua angústia, a sua generosidade e o seu egoísmo. Mostrando-se tal como são, derrubam as minhas defesas tão sofisticadas e dou-me conta de que devo ser com elas tão aberto como elas são comigo. A sua deficiência revela o meu eu. A sua angústia reflete o meu eu. As suas fragilidades mostram-me o meu eu. A *Arca* abriu-me o caminho para fazer com que o filho mais velho que há em mim entre em casa. Os mesmos doentes que me deram as boas-vindas e me convidaram a celebrar foram também aqueles que me puseram diante de mim o meu eu ainda não convertido, tornando-me consciente de que faltava muito para que o meu caminho chegasse ao fim.

Embora estas descobertas me tenham marcado profundamente, o maior dom de *A Arca* é o desafio de me tornar como o Pai. Sendo mais velho do que a maioria dos membros da comunidade, parece lógico que pense em mim como pai. Pela minha ordenação, já tenho esse título. Agora tenho de viver de acordo com ele.

Tornar-me como o Pai numa comunidade formada por pessoas com doenças mentais e pelos seus assistentes exige muito mais do que enfrentar as lutas do filho mais novo e do filho mais velho. O Pai de Rembrandt é um pai que se foi esvaziando de si mesmo através do sofrimento. Através de muitas “mortes” tornou-se completamente livre para receber e para dar. As suas mãos estendidas não mendigam, não prendem, não exigem, não advertem, não julgam nem condenam. São mãos que apenas abençoam, que dão tudo sem esperar nada em troca.

Agora encontro-me perante a dura e aparentemente impossível tarefa de deixar partir o filho que há em mim. Paulo diz claramente: “Quando eu era criança, falava como criança, pensava como criança; mas, ao tornar-me homem, deixei as coisas de criança.” (1 Co 13,11) É muito cómodo ser o filho caprichoso ou o filho ressentido.

A nossa comunidade está cheia de filhos caprichosos e ressentidos, e estar rodeado de iguais dá um certo sentimento de solidariedade. Assim, quanto mais faço parte da comunidade, mais percebo que essa solidariedade é apenas uma estação no caminho para um destino muito mais solitário: a solidão do Pai, a solidão de Deus, a solidão última da misericórdia. A comunidade não precisa de mais um filho novo ou velho, mas de um pai que viva com as mãos abertas, sempre pronto a pousá-las sobre os ombros dos filhos recém-chegados. Tudo em mim resiste a essa vocação. Continuo a inclinar-me para o filho que vive em mim. Não quero estar meio cego; quero ver com clareza o que acontece à minha volta. Não quero esperar até que os filhos regressem a casa; quero estar com eles no país distante ou em casa com os criados. Não quero permanecer em silêncio; tenho vontade de ouvir toda a história e tenho milhares de perguntas para fazer. Não quero manter as mãos abertas quando há tão poucos que desejam ser abraçados, sobretudo quando muitos consideram que os pais são precisamente a fonte dos seus problemas.

E, no entanto, depois de uma longa vida como filho, tenho a plena certeza de que a verdadeira vocação é tornar-me um pai que apenas abençoa numa compaixão sem limites, sem perguntar nada, sempre a dar e a perdoar, sem nunca esperar nada. Numa comunidade, isto concretiza-se em muitos aspetos. Quero saber o que está a acontecer. Quero estar informado dos altos e baixos da vida das pessoas. Quero ser lembrado, ser convidado, ser informado. Mas a verdade é que poucos percebem esse meu desejo e os que percebem não sabem como lhe dar resposta. As pessoas, doentes ou não, não procuram outro igual a elas, outro companheiro de jogos, nem sequer outro irmão. Procuram um pai que possa abençoar e perdoar, que não precise delas da forma como elas precisam dele.

Vejo a minha vocação de pai com toda a clareza, mas ao mesmo tempo parece-me impossível segui-la. Não quero ficar em casa enquanto todos partem, levados pelos seus desejos ou pela sua ira. Eu sinto os mesmos impulsos e quero correr como os outros! Mas quem estará em casa quando voltarem, cansados, exaustos, inquietos, desiludidos, culpados ou envergonhados? Quem os convencerá de que, depois de tudo dito e feito, existe um lugar seguro para onde ir e onde serem abraçados? Se não for eu, quem ficará em casa? A alegria da paternidade é muito diferente do prazer

do filho caprichoso. É uma alegria que vai para além da rejeição e da solidão; sim, para além da afirmação e da comunidade. É a alegria de uma paternidade que recebe o seu nome do Pai celestial (Ef 3,14) e participa da sua solidão divina.

Não me surpreende que poucas pessoas reclamem para si a paternidade. A dor é tão evidente, as alegrias estão tão escondidas. Mas, não a reclamando, fujo da minha responsabilidade de ser espiritualmente adulto. Sim, traio a minha vocação. Nada menos do que isso! Como posso escolher o contrário daquilo de que preciso? Uma voz diz-me: “Não tenhas medo. O Filho tomar-te-á pela mão e levar-te-á à paternidade.” Sei que posso confiar nessa voz. Como sempre, o pobre, o fraco, o marginalizado, o rejeitado, o esquecido, o último... precisam de mim como pai, e ensinam-me a sê-lo. A verdadeira paternidade consiste em partilhar a pobreza do amor de Deus que nada exige. Tenho medo de entrar nessa pobreza, mas aqueles que, através das suas doenças físicas ou mentais, já entraram, serão os meus mestres.

Olhando para as pessoas com quem vivo, vejo o imenso desejo de um pai em quem paternidade e maternidade sejam uma só. Todos sofreram a experiência da rejeição ou do abandono; todos foram feridos; todos se questionam se merecem o amor incondicional de Deus, e todos procuram um lugar para onde possam voltar e onde possam ser tocados por mãos que os abençoem.

Rembrandt retrata o Pai como o homem que transcendeu os caminhos dos seus filhos. A sua solidão e a sua ira podiam ter estado lá, mas foram transformadas pelo sofrimento e pelas lágrimas. A sua solidão tornou-se infinita, a sua ira transformou-se numa gratidão sem limites. É nele que me devo tornar. Vejo-o tão claramente como vejo a imensa beleza do vazio e da misericórdia do Pai. Serei capaz de deixar que o filho mais novo e o filho mais velho cresçam até à maturidade do pai misericordioso?

Quando, há quatro anos, fui a São Petersburgo ver *O Regresso do Filho Pródigo* de Rembrandt, não tinha ideia de quanto tempo iria ter de viver o que então vi. Permaneço respeitoso no lugar para onde Rembrandt me conduziu. Conduziu-me desde o filho mais novo, ajoelhado e desalinado, até ao pai idoso, de pé e inclinado; desde o lugar onde era abençoado até ao

lugar da bênção. Quando olho para as minhas mãos, sei que me foram dadas para que as estenda a todo aquele que sofre, para que as apoie sobre os ombros de todos os que se aproximem, e para oferecer a bênção que brota do imenso amor de Deus.